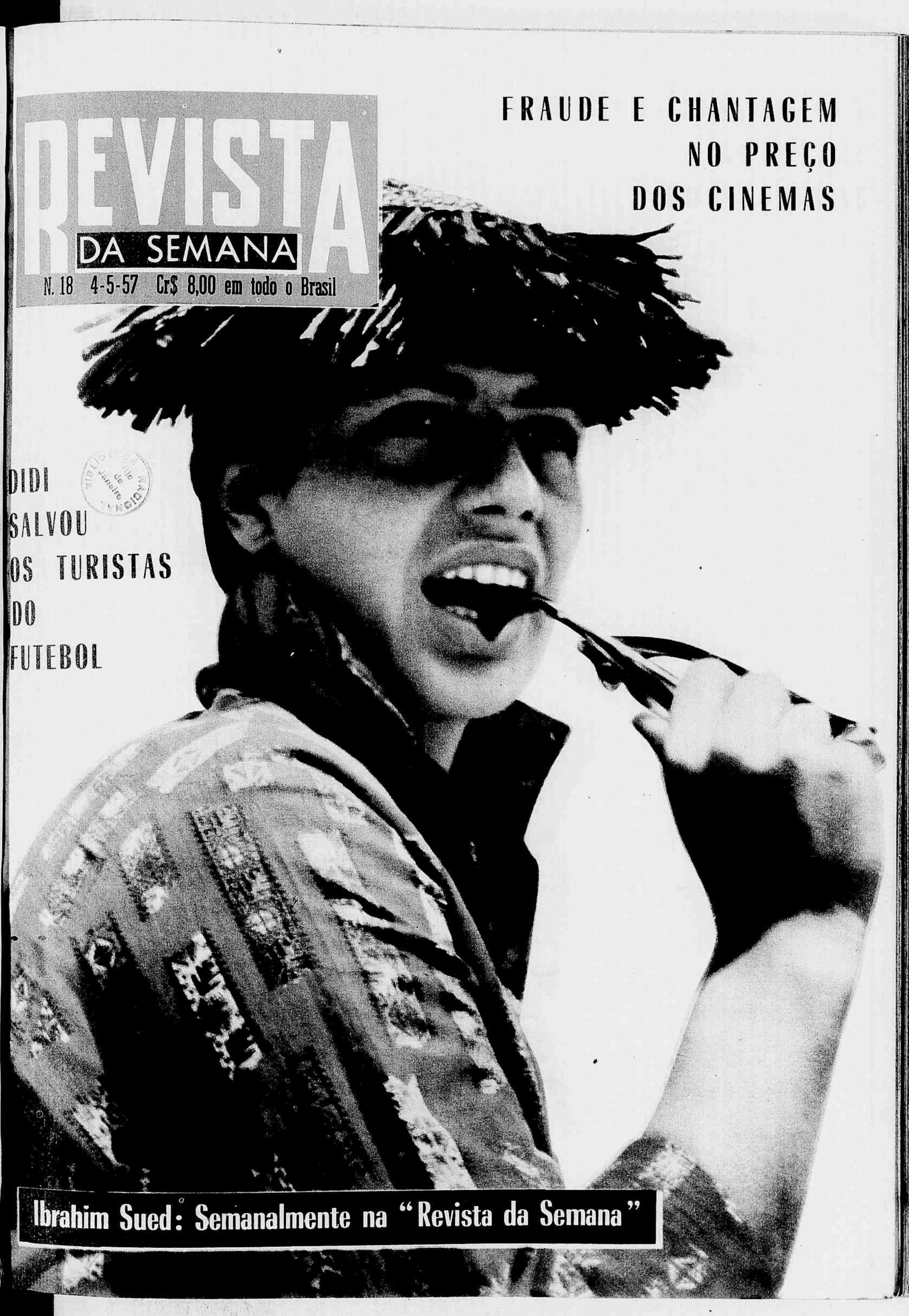

REVISTA
DA SEMANA
N. 18 4-5-57 Cr$ 8,00 em todo o Brasil
FRAUDE E CHANTAGEM
NO PREÇO
DOS CINEMAS
DIDI
SALVOU
OS TURISTAS
DO
FUTEBOL
Ibrahim Sued: Semanalmente na "Revista da Semana"

ESTA é a mais recente fotografia de Brigitte Bardot (ou B. B. como também é conhecida) a mais famosa ingênua maliciosa do mundo. Aos 23 anos é sensação completa, provocando polêmicas, paixões e controvérsias, mas conseguindo também contratos fabulosos. Seu último filme na Itália (onde seu corpo de artista se apresenta quase que exclusivamente coberto por seus dotes naturais), provocou uma onda de protestos. Mas também conquistou-lhe uma legião de admiradores, naturalmente menos veementes nas suas manifestações públicas. Mas nem por isso menos arrebatados.

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — Nº 18 — Rio de Janeiro — 4-5-1957

DIRETOR
Hélio Fernandes

COLABORADORES
Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Na batalha de Itararé Vieira perdeu 4/ 9
É impossível jogar 12/14
Estímulo à fraude 22/25
Eliana Moura acredita no destino 30/35
Amor em «Leonor de Mendonça» 38/41
Coluna de Ibrahim Sued 50/51
Zaquia Jorge viveu para o teatro 52/53
Um gol de Didi salvou 54/57
Janot não é o manda-chuva 58/59
A filha do rei da Grécia educa crianças 60/61

Êste número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..... Cr$ 400,00
Seis meses ..... Cr$ 200,00
Registrada — Um ano ..... Cr$ 650,00
Seis meses ..... Cr$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 800,00
Seis meses ..... Cr$ 400,00

O número avulso custa Cr$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr$ 9,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editôra Americana

Diretor-Presidente ..... Gratuliano Brito
Diretor-Comercial ..... Ivan Guimarães
Diretor-Gerente ..... Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade ..... J. M. Costa Júnior
Paginação ..... Victor Tapajós
Fotografia ..... A. Vieira e A. Ferreira
Desenho ..... Alberto Lima
Laboratório ..... V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores .. S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 134, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, Telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569

◆ NOSSA CAPA — Eliana Moura, moça inteligente e bonita, dá um testemunho lúcido e sério sôbre a sua geração em entrevista a Carlos Lemos (pág. 30), com fotos exclusivas de Yllen Kerr.

VAMOS VIVER!

◆ Vítima de um grande amor, sacrificada pela família, pela Justiça, Medicina e Jornalismo (como todos foram cruéis!) matou-se Diva, a mocinha tão romântica que conseguiu, em pleno século XX, neste momento atribulado do mundo, ressuscitar Julieta, a filha dos Capuletos, a amante de Romeu que também matou-se por amor no ano de 1303. Julieta tinha quatorze anos; Diva dezoito e, em ambas, o ódio da família a perseguir um amor que continha todo o arroubo da mocidade, todo o entusiasmo dos verdes anos. O professor era velho? Então digamos que nêle o amor tinha o arroubo dos últimos anos, uma espécie de adeus à vida. Muito e muito triste o fato. Sôbre êle escreveram, infâmias e doçuras, poetas fizeram versos, comoveu-se o povo, enquanto que Diva e Winia — mortos e separados — não têm, até agora o repouso que julgaram buscar no suicídio. Contra ambos continua, vigilante, impiedoso, cruel, o ódio da família de Diva. Por que não esquecê-los? Por que não deixá-los em paz? Mataram-se com mêdo, cansados de sofrer e contra isso é que devemos protestar todos. De que vale o suicídio se nada vale mais do que a vida com seus enormes problemas é certo, com as incompreensões e as injustiças, mas dando-nos o direito de resolver com nossas cabeças raciocinantes e nossas mãos construtoras todos os atropelos que encontrarmos em nosso caminho.

◆ Suicídio é covardia, dizem tôdas as religiões. De acôrdo; mas para a realização dessa covardia quanta coragem é necessária. De qualquer modo deixar esta vida é um crime, principalmente quando sabemos a beleza das manhãs de sol claro, quando amamos as árvores que se encarregam de bailados com o vento, quando ouvimos crianças cantando nos colégios e as outras, as que não têm o direito ao estudo, parecem ameaçar-nos com seus dedinhos magros e suas gargalhadas inocentes, querendo que prestemos contas do amanhã. Morrer não; já bastam as moléstias, os desastres, coisas que acontecem independentes de nossa vontade, que põem fim às nossas esperanças, desejos, realizações, liquidando o único bem que realmente possuímos: a vida. É difícil viver? Mas é bom, porque sempre há em tôdas as dificuldades, as grandes clareiras da alegria, do prazer, dos encantamentos, das descobertas.

◆ Morrer pelo suicídio, fugir dos deveres sem contar com os direitos, abandonar a luta de cada dia, ela que é afinal a razão de ser de tôda nossa existência, isso me parece um grande crime. Não mais as descobertas que podem ser: uma flor inesperada encontrada num inesperado jardim, uma risada de criança, uma música que de tão bonita parece ter nascido dentro de nós, as palavras de um amigo, a descoberta de uma amizade que é ressonância. Vamos viver, amigos, amigas! Vamos viver, mesmo quando a velhice chega com sua série de achaques e decepções; viver mesmo que para isso tenhamos a recorrer a todos os sacrifícios e a tôdas as coragens. Nenhum de nós tem direito ao suicídio, não porque seja uma covardia nem porque seja coragem, mas porque êle liquida antecipadamente o único bem que possuímos e que, «helàs»! um dia, sem querer, perderemos. O único bem: aquêle que é a luz de nossos olhos, a fôrça de nossas realizações, o resultado de nossas lutas: a vida. Bendita seja ela, dura, difícil, áspera, árida, mas bendida seja ela, a vida que usamos em nossas mãos, em nosso cérebro, em nosso corpo, com a mesma fôrça e o amor com que a encontramos em tôda a paisagem.

Vamos viver!

ENEIDA

◆ Vieira de Melo provou que é um líder que não lidera. Sua derrota foi total. Cumpre ao sr. Juscelino substituí-lo sumàriamente. O que aliás já deveria ter sido feito logo depois da rejeição do «veto cadillac». Comprometeu o prestígio do govêrno, arrastou a maioria (e a própria Câmara) a uma situação vexatória. É primário, leviano, enfatuado, arrogante, inábil e descontrolado.

Mauro Braga escreve:

NA BATALHA DE ITARARÉ VIEIRA PERDEU A LIDERANÇA

NEM SUSPENSÃO, NEM CASSAÇÃO, NEM CENSURA PARA CARLOS LACERDA ★ APENAS A MAIORIA SE COMPROMETE A CONCEDER LICENÇA PARA PROCESSÁ-LO ★ MAS É PRECISO SABER SE A MAIORIA TEM MESMO VOTOS PARA ISSO ★ HORÁCIO LAFER, A FIGURA MAIS IMPORTANTE NA SOLUÇÃO DA CRISE ★ VIEIRA DE MELO ESTÁ LIQUIDADO COMO LÍDER ★ QUEM SERÁ SEU SUBSTITUTO? LAFER? FALCÃO? CAPANEMA? NEGRÃO DE LIMA?

★ COMO OS PARTIDOS VOTARÃO (QUANDO CHEGAR A HORA) NO CASO DA LICENÇA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

DEPOIS de vinte e três dias ansiosos, agitados e trabalhados, terminou a batalha pela cassação do mandato do sr. Carlos Lacerda. Entre mortos e feridos escaparam todos. Menos naturalmente o govêrno, que se deixou dòcilmente engajar na aventura dos srs. Vieira de Melo, Vítor Nunes Leal, Nereu e Alkmim e sai com seu prestígio inegàvelmente abalado. Mas para a história política e parlamentar desta república, o episódio ficará registrado como uma nova "batalha de Itararé": a que não chegou a haver. Tôdas as fórmulas foram tentadas. E para essa batalha, ao lado dos juristas e dos políticos, pela primeira vez foram convocados e ouvidos técnicos em semântica, pois no final a questão era apenas de denominação. Procurava-se um nome ansiosamente ("cassação", "suspensão", "censuração") qualquer coisa valia. O importante era salvar a face. Mas nada foi possível fazer. Alguns partidos e algumas pessoas-chaves ficaram irredutíveis, e a fórmula não foi descoberta. Os einsteins da maioria bem que procuraram. Mas o negócio era mesmo mais difícil que a teoria da relatividade, e os seus respeitáveis esforços não foram suficientes.

Tiveram que se conformar com a licença. Mas mesmo aí não houve uma vitória. Simplesmente a maioria se comprometeu a conceder as licenças (tôdas as vêzes que o Judiciário solicitar), para processar o sr. Carlos Lacerda. Mas entre o que essa maioria diz e o que faz vai uma diferença enorme. Principalmente quando se exprime por intermédio do sr. Vieira de Melo. E em votação secreta, mesmo outros líderes mais prestigiados e respeitados têm sido derrotados. Vejamos ràpidamente como se portaram (nos dias finais), algumas pessoas e alguns partidos.

A figura que mais trabalhou nos últimos dias da crise, e que teve atuação mais saliente nos acontecimentos finais, foi o sr. Horácio Lafer. Liderou a ala velha, desfez algumas combinações do sr. Vieira de Melo, e foi quem mostrou ao líder do PTB a posição falsa a que estava sendo levado o seu Partido, por culpa exclusiva do deputado baiano. Quando o sr. Horácio

Lafer disse ao sr. Batista Ramos "que o PR e o PSP não estavam de acôrdo nem com a cassação nem com a suspensão", o líder trabalhista não acreditou. E não acreditou, louvado na palavra do sr. Vieira de Melo que lhe afirmara exatamente o contrário. Foi ainda o sr. Lafer que pegou o sr. Batista Ramos e levou-o ao líder do PSP, que de viva voz lhe informou que "o PSP não havia ainda tomado nenhuma posição. Só depois do PSP lhe apresentar uma proposta concreta é que tomaria conhecimento oficial do assunto e convocaria então a sua bancada." O sr. Batista Ramos caiu das nuvens e tìmidamente tentou argumentar com uma conversa que ouvira entre o sr. Cerdeira e o sr. Vieira de Melo, quando o deputado paulista empenhara a solidariedade do PSP. Delicadamente, o sr. Rubens Martins fêz ver ao sr. Batista, que só quem poderia falar em nome do PSP, era êle, que era o seu líder. E sendo um homem educado, não disse (mas deixou implícito), que para acreditar em Arnaldo Cerdeira só mesmo Vieira de Melo. Ainda outros encontros importantes teve o sr. Horácio Lafer. E todos no sentido de fazer desaparecer a grave crise que se esboçava. Deve o país, portanto, mais um serviço importante ao sr. Horácio Lafer. E o sr. Juscelino Kubitschek, que vai precisar de um líder de verdade, tem a solução bem à mão.

O PTB tentou dar uma solução passional à crise. Como o sr. João Goulart domina o partido com mão de ferro a sua palavra é lei. E como no atual esquema administrativo cabem muitos postos ao PTB, ficar bem com o sr. João Goulart significa muito. E nesse raciocínio primário embarca a quase totalidade do partido, mesmo alguns deputados que sabem ler e escrever. Numa tentativa de desagravar o chefe (e se colocar nas suas graças), se encarniçaram em punir o sr. Carlos Lacerda. E quase arrastaram o PSD a essa loucura. Mas o sr. Rubens Berardo (que era o pai e o líder da suspensão) tornou-se dócil nas mãos do sr. Horácio Lafer, transformou-se, ouviu as palavras paternais do deputado paulista. Estava assim (ainda por artes de Lafer) devolvido o PTB ao bom caminho.

UM DÊSTES QUATRO SERÁ O

FALCÃO

LAFER

O PSP agiu exemplarmente nessa questão. Não interessa pesquisar as razões dessa súbita volta do Partido do sr. Ademar de Barros, a boa convivência. O que interessa é que a sua atuação foi decisiva. Influência talvez do novo líder. Pois com o outro (que foi destituído), o partido naturalmente agiria à sua imagem e semelhança, e embarcaria em qualquer aventura. Para Cerdeira, qualquer solução, quanto menos séria, melhor.

O PSB e o PDC (como se esperava) se manifestaram contra qualquer inconstitucionalidade. Portanto contra a suspensão ou cassação. O PRP ficou decididamente contra a punição do sr. Carlos Lacerda. Embora lamentando a sua atitude.

O PR não se manifestou oficialmente, a não ser depois de ultrapassada a crise. Mas confidencialmente seus líderes (principalmente os da bancada mineira) não escondiam suas inclinações: contra qualquer punição. Quanto à licença, o Partido deverá adotar duas posições: no processo iniciado pelo sr. Ivo D'Aquino, se manifestará radicalmente contra, por considerá-lo inconstitucional e fora de discussão. Nos outros, a questão será considerada aberta, e os deputados votarão como entenderem. É preciso não esquecer que as eleições estaduais estão à porta, e o PR é um partido que tira grande parte de sua fôrça principalmente de acordos. ●

Finalmente vejamos a posição e a situação do PSD. Passada a crise, ficou bem claro que a cisão no partido é muito grave. A desavença entre a ala moça e a ala velha é mais profunda do que se podia supor, num partido tão acendradamente governista. E parece mesmo que cada dia são menores as possibilidades de entendimento entre as duas alas. Em um dado

O NOVO LÍDER DA MAIORIA

NEGRÃO DE LIMA

CAPANEMA

VIEIRA PERDEU A LIDERANÇA (Continuação)

momento, unido, o PSD teria liquidado o sr. Carlos Lacerda. A UDN compreendeu muito bem isso. E o sr. Carlos Lacerda nem se fala. Mas como conseguir essa união? Ninguém sabe ou melhor, ninguém soube, e a batalha foi perdida. Os "velhos" estão retomando o contrôle do partido e não se sabe mesmo o que acontecerá dentro em pouco. O sr. Vieira não resistirá muito na liderança. Mas quem será seu substituto? Lafer? Armando Falcão? Capanema? Negrão de Lima? Ninguém sabe. Mas o que se sabe é que será um da ala velha.

Os deputados da ala moça estão em situação difícil. E só o decidido apoio que emprestaram ao Presidente Juscelino na dificílima campanha presidencial, é que os está agüentando. Eleitoralmente êles valem pouco (de todos êles: Vieira, Joffily, Cid, Archer, Pacheco e Chaves, Leoberto e outros, só quem tem uma firme posição eleitoral é José Joffily. Os outros não sabem nem se se reelegem) mas politicamente não seria de boa técnica jogá-los às feras no momento. Mas dentro em pouco, com o agravamento inevitável da situação econômico-financeira, o Presidente terá que abandonar todo sentimentalismo, e agir friamente. E aí a ala moça estará perdida.

Vejamos finalmente como votará a maioria, quando fôr proposta a licença para processar o sr. Carlos Lacerda: O PSD tem

Dentro do PTB, Rubens Berardo era o campeão da punição. Até determinado momento ficou intransigente, querendo de qualquer maneira a suspensão do sr. Carlos Lacerda. Mas não resistiu à coordenação de Lafer e entregou os pontos. Se opôs violentamente à ala Lutero, que não queria nenhuma punição ao líder da UDN com mêdo de beneficiá-lo eleitoralmente. A influência do sr. Rubens se revelou muito grande dentro do PTB, pelo menos no caso do sr. Carlos Lacerda.

Trabalhou muito pela punição do líder da UDN. Compreende-se. «Doutrinária» e «filosòficamente» o sr. Cerdeira tem que ser contra o sr. Carlos Lacerda. Não é nada de pessoal. É apenas um impulso incontrolável que leva o sr. Cerdeira (por pura solidariedade) a defender o sr. Galdeano. E nada melhor para ambos que o sr. Lacerda não tenha um mandato parlamentar e uma tribuna com alta ressonância. Tudo certinho, direitinho, lógico e coerente. Só que imoral.

Horácio Lafer foi o grande vitorioso. Só quando resolveu agir é que a solução foi encontrada. Sua ação foi decisiva. Mostrou (aos que não queriam ver) que o PR e o PSP não estavam a favor da suspensão nem da cassação. Coordenou. Conversou. Mostrou caminhos e fêz ver perigos. Tudo naquela sua voz mansa, naquele jeito calmo que engana tanta gente. Foi o verdadeiro líder da maioria, e para o govêrno seria uma felicidade completa se o verbo fôsse tirado do passado e colocado no presente.

113 deputados. Dêsses, no máximo 80 votarão a favor. Dos 63 deputados do PTB apenas uns 50 estarão a favor da licença. Os outros, ou são dissidentes ou também têm contas a ajustar com a justiça, e não quererão se arriscar. E como a votação é secreta... Dos 31 do PSP, apenas uns 15 e olhe lá, se arriscarão a conceder a licença para processar um deputado. Botar as barbas de môlho não é conselho desprezado pelo sr. Ademar de Barros e seus liderados. O PR vai abrir a questão. E de seus 21 deputados é possível que uns 10 votem pela licença. Dos 6 do PTN apenas 2 estarão a favor. Os 4 do PRP, votarão (em impressionante unanimidade), contra a licença.

Teremos portanto a favor da licença para processar Carlos Lacerda:

PSD	80
PTB	50
PSP	15
PR	10
PTN	2
Total	157

Como o exigido é maioria absoluta (metade e mais um dos deputados) temos que o número necessário a concessão da licença é de 164. Vai ser uma batalha duríssima. Isso naturalmente quanto aos processos iniciados na Justiça comum. Pois quanto ao chamado processo do telegrama, iniciado pelo afoito sr. Ivo D'Aquino na Justiça Militar, a tendência da Câmara é de negar a licença pura e simplesmente. Nessa disposição estão PR, PSP, PTN, PRP e alguns deputados do PTB. E do PSD (segundo levantamento feito por um conhecedor profundo do Partido) apenas 42 votarão a favor da licença. Portanto, a situação é esta: o processo militar será rejeitado. E o civil só muito dificilmente será concedido. É preciso mais para caracterizar a leviandade do sr. Vieira de Melo e de alguns "conselheiros" do Presidente?

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

DISSEMOS no número passado que o sr. Amaral Netto (diretor de "Maquis") seria candidato a deputado. Retificamos. Até há pouco sua intenção era realmente essa. Hoje, suas preocupações se orientam no sentido de solidificar a revista. Pelo menos, é êsse o compromisso que tem com seus companheiros do "Maquis".

AOS 20 ANOS Márcio Melo Franco Alves Filho é correspondente de guerra. E diga-se: bom correspondente. Apaixonado por jornalismo, com excelente formação e não querendo ser outra coisa a não ser jornalista, pode encontrar um ótimo campo para se realizar.

PELA PRIMEIRA vez em 7 anos, Mário Filho não compareceu ao Maracanã em dia de jôgo importante. Motivo: gripe fortíssima. Jôgo: Brasil x Peru.

DEVERIA HAVER uma censura prévia (apenas gramatical) para os discursos de certos deputados. Não é possível ouvir o sr. Talarico dizer impunemente "seje", "o pessoal foram", e outras do mesmo gênero. E o regimento interno deveria ter um artigo taxativo com a seguinte redação: fica proibido aos srs. Talarico, Valois, Ari Pitombo, Tenório Cavalcante e João Fico, fazer discurso improvisado. Já seria um alívio.

JOÃO CONDÉ tem uma foto rara e verdadeiramente extraordinária, que mostra Brício de Abreu, Celso Kelly e Paulo de Magalhães, na escola. É sim, na escola. Os que duvidarem podem procurar o conhecido proprietário dos "Arquivos Implacáveis".

JOÃO AUGUSTO, responsável pela seção de teatro da "Tribuna de Imprensa" (a melhor do Rio no momento), vai à Bahia ensinar História do Teatro. Depois, num "pulo a Nova Iorque", fará um curso também de teatro, que levará 3 anos. Moço raro, êsse João Augusto. Numa terra em que todos são gênios ainda reconhece a necessidade de aprender.

NELSON OMEGNA, que perdeu o Ministério do Trabalho por não estar nas boas graças de João Goulart, está disposto a recuperar o tempo perdido. E vive pela Câmara a elogiar o "chefe" e a atacar todos os seus inimigos. Mesmo que sejam seus amigos. Caso típico de amor "a segunda vista".

MILLOR FERNANDES trabalha ativamente para a exposição de caricaturas que fará em junho, na Petit Galerie. Os que viram os primeiros trabalhos, usam palavras que vão do **fabuloso** ao **genial**.

MURILO MELO filho produz e apresenta semanalmente um programa de televisão, que é o mais antigo da TV-Rio. Agora descobriu uma "bossa nova" para o programa. Gente de fora entrevistará parlamentares. Logo no primeiro dia da nova série, Ari Barroso entrevistou Último de Carvalho. Excelente. Agora estão na pauta Fernando Lobo, Antônio Maria, Millor Fernandes e muitos outros.

AUMENTADO para 100 mil cruzeiros e mais uma viagem aos EE. UU. pela Varig, o prêmio Esso de reportagem despertou grande interêsse. Mas nos meios jornalísticos a impressão geral é de que a comissão julgadora deveria mudar todos os anos. O critério de manter sempre a mesma comissão (apesar de contar com grandes nomes) não agrada muito aos concorrentes.

O SR. GUSTAVO CAPANEMA está sendo apontado como o novo líder da maioria, pois é evidente que o sr. Vieira de Melo está com os dias contados. Mas o deputado mineiro desmente, e quando alguém afirma que nos últimos dias êle tem coordenado muito, se exalta e diz: "coordenado, não: conversado. Eu sou o único político que não pode conversar que todo mundo diz logo que está coordenando".

PELA PRIMEIRA VEZ, um congresso de municípios brasileiros discutirá problemas relacionados com a energia atômica. O professor Hervásio de Carvalho, do Centro de Pesquisas Físicas, fará revelações sôbre a corrida mundial à procura de novas fontes de energia, dizendo da necessidade do Brasil em importar as conquistas científicas recentes, integrando-se na civilização atômica. Outra atração serão os debates para uma nova discriminação de rendas, através de emendas na Constituição. O interior quer maiores recursos, para que possa desenvolver-se, e as sugestões que os prefeitos e vereadores aprovarem, com base em tese que será apresentada pela Associação Brasileira de Municípios, irão para o Legislativo.

SE A CÂMARA resolver atender a todos os pedidos de licença para processar deputados, a correria vai ser grande. No momento (segundo levantamento feito pelo sr. Oliveira Brito), cêrca de **47** pedidos dormem na Comissão de Justiça. Pelo menos 40 deputados estão sendo processados. Alguns, 4 e 5 vêzes.

Êste homem (considerado o mais feio do Brasil) é o Brigadeiro Epaminonda Gomes dos Santos. Está reformado, e vive diàriamente nos corredores da Câmara, nas ante-salas ministeriais, no encalço de gente importante. No dia 11 de novembro (já reformado) ficou o tempo todo correndo atrás do general Lott esperando ser Ministro da Aeronáutica. Na campanha presidencial vivia nas pegadas do sr. Juscelino, de quem esperava ser ministro da Aeronáutica. E agora? Por que a insistência, qual a razão de não sair da Câmara, de viver importunando gente importante, com seu chôro, sua fala, sua presença? Dizem que quer ser presidente do Clube Naval. Mas o que é que a Câmara tem com isso?

te. Agora
r Fernan-

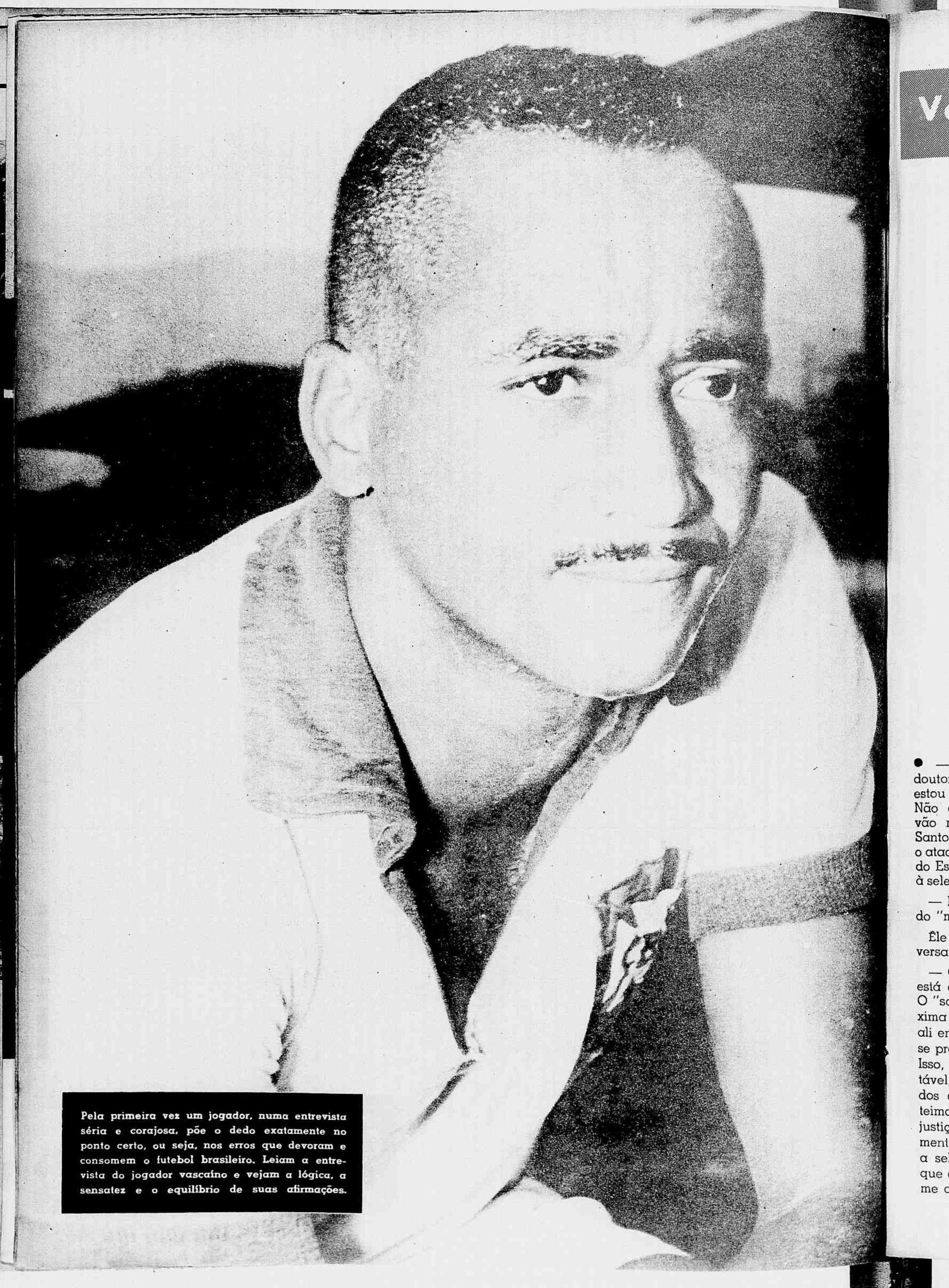
a viagem
desperta
são gera
os anos.
apesar de
correntes.

o como o
a de Melo
desmente,
m coorde-
rsado. Eu
do mundo

brasileiros
ômica. O
uisas Físi-
ocura de
Brasil em
ado-se na
para uma
na Cons-
possa de-
ores apro-
Associa-

de licen-
ande. No
ira Brito).
Pelo me-
e 5 vêzes.

iro Epa-
ente nos
calço de
ficou o
Ministro
adas do
utica. E
Câmara.
ua fala.
val. Mas



Pela primeira vez um jogador, numa entrevista séria e corajosa, põe o dedo exatamente no ponto certo, ou seja, nos erros que devoram e consomem o futebol brasileiro. Leiam a entrevista do jogador vascaíno e vejam a lógica, a sensatez e o equilíbrio de suas afirmações.

Válter (do Vasco) em entrevista sensacional

É IMPOSSÍVEL JOGAR NO SELECIONADO BRASILEIRO

AFIRMAÇÕES INÉDITAS E CORAJOSAS DO GRANDE MEIA VASCAÍNO ★ ASSIM COMO ESTÁ O BRASIL NÃO PODE GANHAR DE NINGUÉM ★ OS DONOS DOS SELECIONADOS SÃO OS CRONISTAS, E AS SUBSTITUIÇÕES SÃO FEITAS DE ACÔRDO COM ÊLES ★ "ONDAS" DE JORNALISTAS, DE DIRIGENTES E ATÉ DE ESTRANHOS ★ VERDADES DESVENDADAS PELO JOGADOR DO VASCO E QUE PODEM SERVIR A UM ESTUDO DO FUTEBOL BRASILEIRO

Reportagem de LUIZ AMARAL

● — ARRANJE uma doença para mim, doutor. Depois avise o Pirilo que eu não estou em condições de jogar no "scratch". Não adianta me procurar porque não vão me achar. Logo embarcarei para Santos. Dito isso ao médico Paes Barreto, o atacante Válter deixou as dependências do Estádio de São Januário e deu adeus à seleção carioca.

— Por que? Qual o motivo da repulsa do "meia" vascaíno a selecionados?

Êle próprio explica numa longa conversa:

— O clubismo é um mal genérico que está acabando com o futebol brasileiro. O "scratch" deveria ser a aspiração máxima de todo jogador de futebol, porque ali encontra êle o meio necessário a que se projete nacional e internacionalmente. Isso, no entanto, não se dá, e é lamentável, dentro do futebol brasileiro. Diante dos desmandos, da desorganização, da teimosia sôbre o êrro e das grandes injustiças praticadas, hoje, estou absolutamente convicto, os profissionais colocam a seleção em plano inferior aos clubes que defendem. Concluí, afinal, que devia me afastar, evitando maiores dissabores.

● **CLUBISMO**

— A confirmação do meu juízo a respeito de "scratch" eu a obtive na Europa, no ano passado, quando da viagem de estudo do selecionado da CBD, ainda na mão de Flávio Costa. Nunca vi em minha vida de profissional da pelota tanta onda, tanta mentira, tanta imaginação dos correspondentes de jornais e emissoras que nos acompanhavam. Claro que não falo de todos, mesmo porque há nomes que merecem o maior respeito e admiração. Mas os choques e decepções recebidos até hoje têm sua influência marcante nas minhas atitudes. No jôgo em Portugal, De Sordi, um dos zagueiros de maior entusiasmo e técnica dos que conheço no futebol brasileiro sofreu um corte no supercílio. Dava pena ver como o sangue lhe cobria o rosto. Medicado, voltou a campo e continuou na luta. Como um leão se desdobrou quanto pôde, até o momento em que, caído ao solo, recebeu violento pontapé de Matateu, dando a impressão geral de que havia fraturado a perna, tal a expressão de dor refletida pelos seus gestos. Continuou até o fim. Já na Itália, quando perdíamos de 2 x 0 em virtude de falhas de De Sordi devido ao seu péssimo estado atlético, Flávio percebeu que

VÁLTER (do Vasco)

o único meio era lançar Pavão. Tomava as providências para a substituição, quando foi interrompido por um jornalista rubronegro, que integrava a delegação:

— Eh, Flávio, você vai colocar meu jogador no fogo?

Era assim que se tratavam as coisas da nossa seleção...

• CADA QUAL COM SEU IDOLO

— Impossível trabalhar honestamente num ambiente em que fôrças antagônicas se encontram, e em que cronistas sempre procuram forçar o noticiário em tôrno dos seus ídolos. Cada qual tem seu clube preferido. Cada qual tem seu "crack" predileto. Fazem tudo por vê-los entre os titulares. Os do Rio torcem pelos cariocas, os de São Paulo pelos paulistas. Assim por diante... Os cronistas rubronegros até brigam se não existe um jogador do Flamengo "em cima". Quem tiver um "padrinho" não demorará muito a subir e mesmo que atue mal custará muito a ser afastado para ceder o lugar a outro em condições físicas e técnicas excelentes. Eu, por exemplo, não tinha ninguém. Procurava um cronista vascaíno entre os presentes e não encontrava. Parece que o Zé Araújo havia sido cortado antes mesmo de se formar a seleção. Tive de lutar, ùnicamente, com minhas próprias fôrças. Fiz tudo. Lutei como um mouro. Quando vi, já não era mais titular.

• CURRIOLA DO TÉCNICO

Válter se empolga e prossegue:

— O técnico se reunia à noite em uma dependência do hotel para conferenciar com os cronistas especializados. Dali nada transpirava. Os jogadores ficavam relegados a um plano secundário. Só percebiam o tema das reuniões no instante em que substituíam e eram substituídos. Pavão, que havia se incorporado ao plantel com a volta do Flamengo ao Brasil, sòmente a muito custo e em virtude do acidente já citado com De Sordi, entrou na fogueira contra os italianos. Chegou ao jôgo com os turcos já como titular absoluto. Pudera! Contra a Inglaterra foi uma gracinha. Não perdemos de 10 devido a falta de chance dos avantes britânicos, nos arremates ao arco de Gilmar. Se acertassem, não sei o que seria do "circo louco"...

• MENTIRAS A GRANEL

— O que se conta no afã de mandar notícias para o Brasil é algo de inacreditável — diz adiante o vanguardeiro cruzmaltino. Em Lisboa, após o jôgo, fomos convidados para um banquete. Em presença de todos — jornalistas e dirigentes — comemos e bebemos. Mandaram dizer para aqui que nos havíamos embriagado e criado casos com o garção e o dono do restaurante. Imaginação a serviço da calúnia. Na Inglaterra, depois de um treino, passando pelo túmulo do soldado desconhecido, resolveram fazer-lhe uma visita. Todos de macacão e alguns de chinelos e sapatilhas, houve a divisão dos que estavam e dos que não estavam em condições de fazer a visita. Eu fiquei no ônibus com mais alguns por causa dos chinelos. "Seu" Flávio concordou. De repente êle voltou e deu uma contra ordem para obedecer ao chefe da delegação, dr. Sílvio Pacheco. Vi os recortes depois. E então a culpa passou a ser minha e do Sabará que tínhamos saído com roupas inadequadas para o momento. Meu Deus, nós saímos, apenas, para treinar e não para visitas!

• NÃO HÁ TRANQÜILIDADE

— O que acontece é que não há tranqüilidade para se trabalhar, honestamente — comenta o "player". Nenhum jogador consegue produzir tudo o que sabe no selecionado. Não tem cabeça para isso. As "ondas" atrapalham tudo. "Ondas" dos jornalistas, dos dirigentes, "ondas" de todos os lados. Depois de tudo, não há tempo suficiente para um preparo bem feito do quadro. Enquanto outras seleções levam meses e anos a treinar, nós em uma semana já estamos sendo considerados os maiores do mundo e até o primeiro jôgo oficial do campeonato a disputar é considerado treino. Três meses antes do XIX Campeonato Sul-Americano, Angelillo era convocado por Stábile e embora o seu time, o Boca, estivesse empreendendo séria excursão por países sul-americanos, deixava êle a delegação e embarcava para Buenos Aires, a fim de entregar-se de corpo e alma aos treinos de conjunto.

• "SCRATCHES" REGIONAIS

— Dadas as deficiências e ao escasso tempo de preparação, o Brasil ficaria sempre melhor representado por clubes ou "scratches" regionais — afirma o jogador. Êsse é o melhor remédio, uma vez que não é possível acabarmos com o clubismo e com as preferências dos cronistas cariocas e paulistas. Temos provado em diversas oportunidades que os selecionados estaduais e os clubes isolados são capazes de disputar, com êxito, aqui e no exterior, partidas com equipes e selecionados os mais categorizados do mundo. Para ilustração do que digo, aí estão bem vivos os exemplos do Panamericano do México, vencido pelos gaúchos, com a camisa da CBD, e outras excursões empreendidas pelo Botafogo, Vasco, Portuguêsa, Flamengo e outros. De tudo se deduz, a esta altura, que seleção, no Brasil, não pode ser encarada como em outros países, como sendo uma reunião do que de melhor se possui em matéria de valores futebolísticos. Aqui, tantas são as razões, que, raramente sai de nossas fronteiras uma seleção que represente efetivamente a fôrça máxima do futebol brasileiro.

«Nos compromissos internacionais, o Brasil deveria ser defendido por clubes e não por seleções», diz o grande jogador do Vasco da Gama.

• CONTRA OS "COBRAS"

A conversa toma rumo diferente:

— Sou contra o "estrelismo" sob qualquer forma. Os "players" que centralizam os movimentos de um conjunto, se tornam prejudiciais à boa produção do quadro. Tudo depende de sua marca registrada. Nada se faz sem que antes passe pela sua chuteira e receba o carimbo. A equipe atua em função do "cobra". São 11 girando em tôrno de 1. Faltando êste, não há mais nada a fazer, senão cruzar os braços e esperar que êle volte. Acho que, sempre que possível, se devem aproveitar os elementos novos. Êstes, além de terem condições excelentes para correr os 90 minutos, lançam-se à luta com destemor e entusiasmo, pois sabem que precisam produzir realmente, a fim de alcançar bons contratos, futuramente. O "cobra", não. Tem mêdo até de disputar uma bola mais perigosa, que pertença mais ao adversário, só para não se expor a uma simples contusão. No Vasco, a escola é outra. Joga-se para o quadro. Não há "estrelismo". Os resultados têm sido ótimos.

• NÃO SOU MENOS PATRIOTA QUE OS DEMAIS

E concluindo:

— Por tudo isso sou obrigado a viver afastado de selecionados. Não sou menos patriota que os demais, isto não. Vejo, apenas, que o que está errado não tem concêrto e o jogador, como o técnico, se torna sempre a maior vítima. Se algum dia tôdas as fôrças se unirem, honestamente, visando à formação de um quadro para representar o Brasil em qualquer parte do mundo, estarei presente, procurando colaborar no que fôr possível. O que não posso é me amofinar, é lutar contra a maré, é servir de joguete nas mãos de irresponsáveis. Para mim, futebol é coisa séria. Podem ver minha fôlha dentro do Vasco da Gama e concluirão que sou dos mais disciplinados. Mas uma coisa eu digo, nem que peça dez vêzes, nem que morra de pedir eu atenderei a um chamado de qualquer técnico, dentro do atual ambiente futebolístico do país.

Verinha Dolabela (enlindecendo dia a dia), parece que vai mesmo casar com Roberto Lacerda. Na foto, os dois, depois de reatarem o seu namôro.

VERA DOLABELA E ROBERTO LACERDA MARCHAM (a passo firme) PARA O ALTAR

Albino Avelar e a belíssima Laura Duarte, vão casar em grande estilo. A recepção será no Hotel Glória e os convidados mais do que «suspense». Tôda a pinta de casamento excepcional.

Gossips

José Tavares de Miranda é o papa do colunismo e da sociedade de São Paulo. Estêve no Rio, jantou no Sacha's, circulou um pouco e regressou.

AQUI ENTRE NÓS: comenta-se em sociedade que o novo «date» do milionário Dirceu Fontoura, é a muito bonita Beatriz (BEÁ) Amaral. Gossips, vai apurar...

◇

DIA 3 de maio, a «beaut» Sonia Carneiro estará subindo ao altar com o galante Mauro Vasconcelos. Trata-se da elegante Bangu de 55.

BABY THOMAS, de São Paulo informa que Milu Loureiro continua sem «date» e prestes a figurar na PRATELEIRA. Enquanto isso determinada paulista, cujo nome esta coluna deixa de citar, já está figurando na PRATELEIRA desde o início do ano. Quem é ela?

◇

AINDA DE São Paulo, a atraente Marilu Vilas-Lobos promoveu há bem poucos dias um acontecimento realmente «suspense» em um «night-club» com a presença do «high-society» local. Marilu, está SNOBANDO determinados rapazes do Planalto.

◇

A RECEPÇÃO do casamento do sr. Albino Avelar com a sempre bonita Maria Laura Duarte será no Hotel Glória. O vestido da noiva está sendo preparado pela conhecida costureira Maria Angélica.

◇

CIRCULANDO EM Paris a elegância realmente «suspense» da paulista Lorice Maluf. Trata-se da jovem mais elegante do «high-society» do PLANALTO.

◇

NA OUTRA semana estêve no Rio o paulista Roberto Maluf. Seu «date» aqui foi a grega Clio Politis. Êles foram vistos em uma «boite» dançando, dançando, dançando. Será?

Sônia Carneiro, linda e linda, Miss Bangu de 55, vai subir ao altar no dia 3 de março. O felizardo? Mauro Vasconcelos.

A SENHORA REGINA Coelho Lisboa continua freqüentando a «soirée» em companhia daquele senhor de cabeleira prateada.

◇

E BEATRIZ Galhembeck continua sem «date». Deve ser promessa...

◇

O JOVEM MAURICIO Bebiano Barbosa pescando uma milionária. Boa pedida.

◇

Ela continua figurando na PRATELEIRA.

René Ribeiro e Nely Gonçalves, agora sr. e sra. Casaram no México e continuam circulando nas noites cariocas, que terminam sempre no Sacha's. O automóvel especial em que circulam parece saído de uma joalheria. É lindo e deve ser quase inatacável.

Arlete Moura, embaixatriz de fato e de direito. Seu coquetel abrindo a «saison» foi muito «suspense» e é comentado até agora. A sociedade carioca «perdoou». Arlete por 2 anos e espera que isso não aconteça nunca mais.

Pequenos Flashes

A FIGURINISTA ELZA HAOUCHE, terminando os preparativos para o grande desfile que vai realizar no «Golden-Room» do Copa, sôbre a moda antiga e a atual. Trata-se de boa promoção da famosa figurinista. Aliás, sua luxuosa casa de modas é freqüentada pelas elegantes do «high-society».

◇

O LÍDER Vieira de Melo freqüentando num recente sábado, a «soirée-snob». O líder bebia, dançava e conversava. Estava eufórico. Havia motivo para essa euforia?

◇

CIRCULOU COM sucesso num recente «week-end» no «high-society» carioca, o casal paulista Wilson Moreira da Costa. A loura e bonita Miriam com sua elegância realmente «suspense» foi muito elogiada e comentada. Trata-se de um casal de categoria.

◇

VAI «DECOLAR» para o velho mundo, o montador da Hípica, Ronildo Guimarães, onde participará de várias provas de montaria nos países de seu circuito. O conhecido montador da Sociedade Hípica levará seu cavalo Bibelot.

◇

O JOVEM e muito simpático casal Sergio Bahout freqüentando com a

Evinha Monteiro de Carvalho, chegou da Europa mais encantadora do que nunca, e já começa a «freqüentar». À direita: Rosita Thomaz Lopes é uma das presenças mais agradáveis do «society» carioca. Freqüenta muito o Country, vai algumas vêzes ao Sacha's e seus filhos continuam mais Flamengo do que nunca. E se uma coisa não tem nada a ver com a outra, a culpa não é do colunista.

devida assiduidade a «soirée-snob» carioca. Enquanto isso o elegante sr. Eduardo Bahout encontra-se em Paris.

◇

NO ÚLTIMO sábado êste colunista foi entrevistado diretamente do Hipódromo da Gávea, no conhecido programa turístico da TV-Rio.

◇

POR FALAR na TV-Rio, o sr. Alberto Fadel vai patrocinar um programa realmente «suspense» nessa estação. O programa em questão vai fazer um «suspense» dos diabos.

◇

NO TEATRO do Copa, os Artistas Unidos, estão levando com casa cheia tôdas as noites, a peça: «AS LOUCURAS DE MAMÃE». Trata-se de mais uma promoção do sr. Carlos Brand.

◇

TRANSITOU pelo Rio com destino a Paris o jornalista baiano Odorico Tavares, que freqüentou o Sacha's em companhia de Antônio (o Bom Maria) Maria, o cronista mais «suspense» da «soirée-snob».

◇

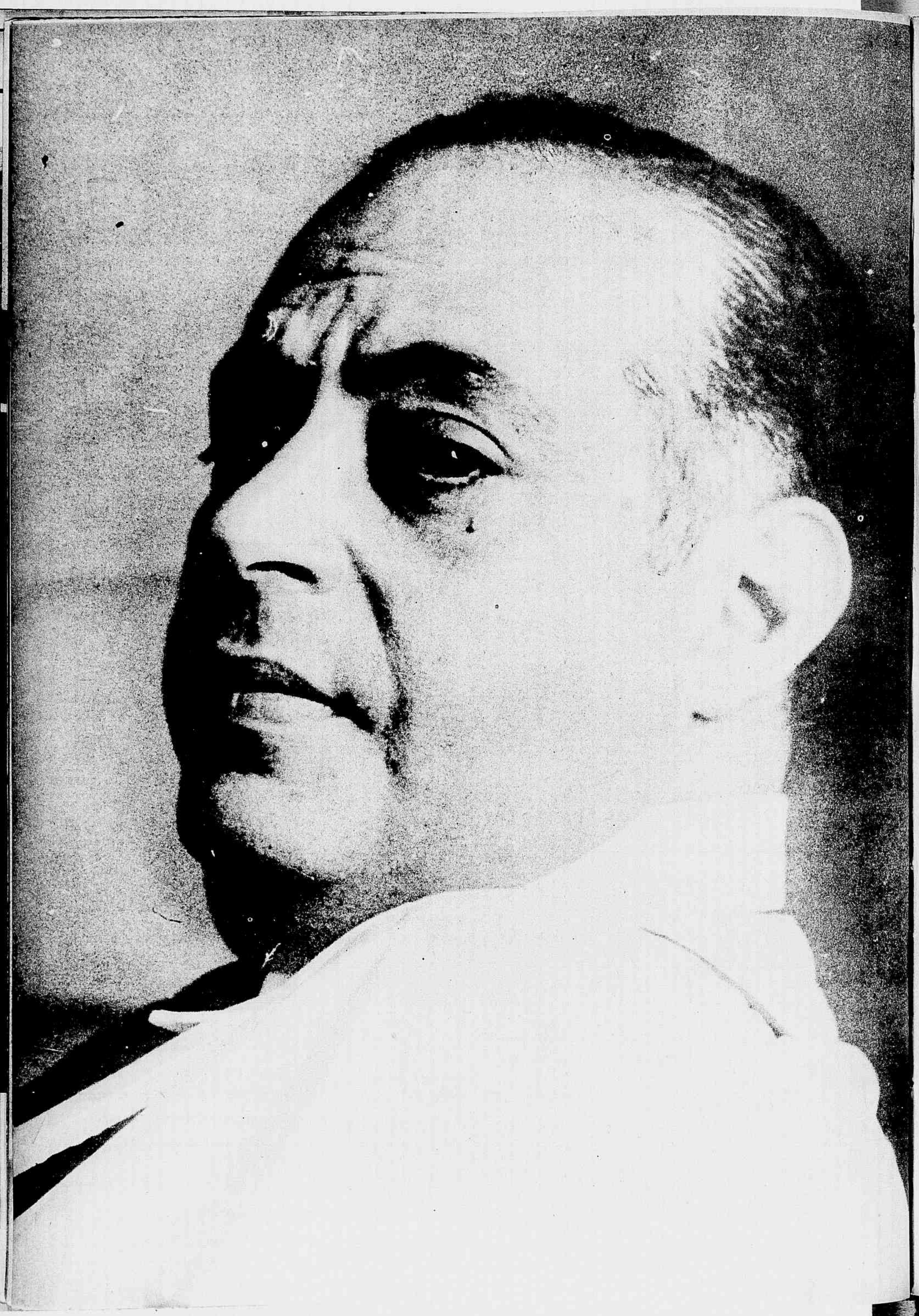
NO RIO, a figurinista paulista Maria Augusta, proprietária da Casa Scarlat.

◇

SERVIÇO ruim e demorado, com preços altos no «Bistro».

◇

Até a próxima. O GÉLOT continua em cima.



● P
tado
desci
no fu
Quar
riano
dend
tento
idad

O
tão
a ve
reci

Q
de
quo
sent
tasm
amo
pro
sou
ond
sab
avó
ten
ace
sen
des
con
bal
gro
C
con

●

PÁGINAS DO GALO BRANCO

● PENETRO nos meus cinqüenta e um anos, sòzinho, assentado numa cadeira, no escuro. Agora começa realmente a descida. Verifico que envelheço por dentro, que envelheço no fundo de mim mesmo, mais depressa do que por fora. Quantos anos terei de vida? Faço cálculos fantasiosos variando sempre. Ora espero morrer logo, ora vou me concedendo maior permanência neste mundo, até chegar aos setenta anos. É o máximo que me permito, o que já seria longa idade para mim, nascido para morrer cedo.

Ouço neste momento o tempo passar, de tão sòzinho e de tão no escuro que estou. Cinqüenta e um anos ainda não é a velhice, mas quanta coisa vista, passada, perdida, desaparecida e quantas experiências!

Quase todos os sêres que encontrei, ao tomar consciência de mim mesmo e do mundo, já se foram. Neste intante, quando os meus cinqüenta e um anos se iniciam, sòzinho assentado numa cadeira, no escuro, sinto-me cercado de fantasmas. Êsses fantasmas são os sêres que amei e que me amaram neste incerto planêta. Aqui está minha tia Tetéia, procurando falar-me, dizer-me alguma coisa, mas sua voz sou eu quem a tem de ir colhêr no fundo da memória, longe, onde se guardam as vozes do passado, e que é sítio mal sabido, a que difìcilmente se atinge. Ouço também minha avó — morta de poucos anos, a querer falar-me. Sinto-a contente comigo; ela era fácil de alegrar-se, sempre disposta a aceitar todos os revezes dêste mundo. Minha mãe está presente também mas contenta-se em olhar-me; quando se foi desta vida para melhor, como se costuma dizer, deixou-me com dezesseis anos, adolescente sem destino previsível, trabalhando numa casa de comércio. Devo parecer-lhe um grande e estranho tipo...

Começo a envelhecer. Sinto-me cada vez mais um desconhecido.

● VISITA ao túmulo de W. K. no Cemitério Israelita. Sensação de paz no meu ser. A manhã é clara e doce. No azul do céu transparente raras são as nuvens. Há muito não olhava eu o céu.

O Cemitério é novo ainda; poucos são os monumentos fúnebres já concluídos. Os mortos apenas começam a formar as primeiras filas.

Penso em W. K. com uma saudade tranqüila. Êle foi um homem que cumpriu com dignidade e harmonia a sua missão neste mundo. Partiu cercado do respeito de todos, sem um só inimigo. Era compreensivo e tolerante, o contrário, exatamente o contrário do fariseu. Não se colocava jamais na frente fôsse lá do que fôsse. Sua vaidade consistia em não ter vaidade alguma, em não aparentar grandeza ou prestígio.

Era um homem de bom conselho, de boa companhia, de inalterável boa vontade com o seu semelhante.

Diante do túmulo de W. K. ao meu lado encontra-se uma mulher alourada, vestida pobremente. Chegou sem se fazer notada e se pôs a falar com sotaque estrangeiro: "Vim visitar o milionário, disse-me ela. O milionário era muito bom para os necessitados. Socorria todos que iam à sua procura..."

Estranha designação para W. K. — o milionário. A ninguém conheci eu, que a merecesse menos. Era W. K. um homem cheio de pudor, de discrição e que não se permitia o mais leve capricho de milionário.

Aceito a ausência do meu amigo como empobrecimento, como punição. Quantas vêzes o poderia ter eu procurado e não o fiz, distraído por ocupações e lutas estéreis. Agora êle adormeceu para sempre, e está sepultado com tôda a sua experiência da vida, a sua sabedoria, as suas virtudes e tôda a sua riqueza, que não eram constituídas de bens terrenos, que nada significam, mas de compreensão, de solidariedade humana.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

A MOÇA DA SEMANA

◆ **A morena La Rana, vedeta da Cia. Silva Filho, no Teatro João Caetano com a revista «Rumo a Brasília». Nascida Alda Marina, a moça achou mais bonito o La Rana... Coisas.**

CRÔNICA

A MULHER DA GARRAFA DE LEITE

◆ As famílias reclamaram. Os homens da lei prometeram acabar com o espetáculo degradante do comércio das decaídas nas esquinas do bairro chique. Desencadeariam terrível ofensiva contra o ultraje ao pudor, recolhendo as infelizes que ofereciam pùblicamente a mercadoria proibida e supriam a falta de anúncios luminosos pelo pregão acintoso dos camelôs. A campanha ia ser severa. As mulheres jogadas nos desvãos da vida não precisam de credenciais. São prêsas fáceis dos homens da lei — quando dispostos à sua execução — que as identificam à distância. Dizem até que têm um certo «sotaque» no andar. Elas, porém, viviam daquilo que a sociedade condenava e, na dolorosa e triste luta pela sobrevivência, apelavam para todos os recursos da burla e do disfarce, fugindo da camioneta que as arrebanhavam como detritos e restos de vida. Sim, ela sabia que era um resto de vida, mas, ainda assim, tinha o direito de viver. Era tarde demais para retroceder, se tôdas as portas estavam fechadas. Tinha que seguir. Seguir de qualquer maneira pela noite sem rumo e sem fim. Enfrentar os homens que a buscavam e buscar os homens dos quais tanto necessitava.

◆ Era de ver-se aquela mulher pingando chuva na noite vadia, noite tôda andando pelas calçadas, levando na mão uma garrafa de leite. Os homens da lei por ela passavam indiferentes. Que importava, afinal, a mulher pela noite com uma garrafa de leite? Sugeria alimento para uma criancinha doente... Para ela, entretanto, importava muito. Aquela garrafa lhe dava imunidades para transitar sem ser molestada, para vender-se sem ser fiscalizada. Era arma preventiva, era salvo-conduto e ferramenta de trabalho. Tornou-se conhecida na vizinhança de tanto sair com a garrafa de leite. Virou tipo popular, acidente humano na paisagem iluminada da grande avenida. Quando os homens da lei apareciam e as mulheres corriam em carreira desabalada, ela permanecia impassível, serena, confiante na segurança que lhe dava a garrafa de leite no vaivém interminável. Não foi, pois, de estranhar, terem notado a sua ausência naquele trecho de rua, durante tantos meses. A mulher da garrafa de leite desaparecera. Uns diziam que havia morrido, outros que tinha sido denunciada. Nunca mais se ouviu falar na mulher da garrafa de leite e até os homens da lei ficaram sabendo da sua história e do seu engôdo.

* * *

Os tempos se foram e o esquecimento já tinha chegado. Numa noite chuvosa e de frio cortante, ela veio vindo trôpega, abatida, mais farrapo do que já fôra. Já não alardeava encantos e houve até quem lhe visse, dentro da miséria, uma aura de santidade. Os homens da lei foram implacáveis, se já sabiam de tudo. Jogaram-na na camioneta das desgraçadas e ela se foi no amontoado das infelizes.

Pela primeira vez, na noite vadia, aquela garrafa de leite não era mentira.

Consumação mínima

◆ Cristóbal Muñoz, instrumentista panamenho, fazendo o órgão falar nas noites da Arpège. Há quem diga que o órgão do Cristóbal quebre o ritmo da boa música de Waldyr Calmon, saltitante por excelência.

◆ Quem faz refeições na cidade e ainda não conhece o «Bode Prêto», não sabe o que está perdendo.

◆ Elizete Cardoso — a magnífica Elizete — outra vez no Club 36, que agora obedece a nova orientação e conta com Carlinhos e seu Quarteto.

◆ Bem concorridas as feijoadas sabatinas da «boite» Fiesta, onde Jorge Henrique faz a música.

◆ «Rio... de Janeiro e vamos esperar mais um pouco», apesar de ainda um bom espetáculo, já esgotou o público da noite, reduzido como sabeis. Que venha «Mister Samba»!

◆ O cantor Lúcio Alves interessado no arrendamento do Bar do Plaza. Os seus proprietários entretanto preferem espantar môscas.

◆ Muito elogiada a atuação do moço Francisco Serrano na revista «TV-Para Crer». O rapaz tem talento. Sua imitação de Renata Fronzi é um achado.

◆ Não é «slogan»: fechou mais uma vez a «boite» do Pôsto Seis!

◆ João Villaret, que se encontra em Buenos Aires, nas cogitações para o «show» da meia-noite do Night and Day, onde Miriam Ronny não disse para que veio.

ELIZETE CARDOSO
Voz para o «36»

ELAS SE FORAM DA NOITE VADIA

LILI MERLENE
Funcionária autárquica

CELESTE SCARLETT
Funcionária pública

MARIA LUIZA DUVAL
Corretora de imóveis

JANE GREY
Fazendeira (SP)

MANÊZINHO ARAÚJO — rei das emboladas e dos quitutes nordestinos — responde PÃO, PÃO, QUEIJO, QUEIJO

CASAVA ANTÔNIO MARIA COM FERNANDO LÔBO, PARA EVITAR A REPETIÇÃO DO DOLOROSO CASO DIVA-WINIA

Pão — Que motivos levaram você a trocar o rádio por um restaurante?

QUEIJO — Um único: a necessidade.

Pão — E a troca foi vantajosa?

QUEIJO — Ih! Nem fale! (Figa para os olhos «seca-pimenteira»).

Pão — É verdade que você tem uma galeria fotográfica dos inimigos do «Cabeça Chata»?

QUEIJO — Sérgio Pôrto foi quem inventou essa história, baseado não sei em quê...

Pão — Em que ficou aquela história de um novo restaurante à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas?

QUEIJO — O «Cabeça Chata» da Lagoa Rodrigo de Freitas será uma realidade graças aos esforços da Sociedade dos Amigos da Lagoa, à amizade de amigos como Vítor Costa, Moacir Barcelos e Benício Ferreira, e o alto espírito empreendedor do Prefeito Negrão de Lima.

Pão — É certo que você dá pulinhos quando se executa música estrangeira em sua casa?

QUEIJO — Gosto de qualquer música, mas daí a transformar-me em 5ª coluna de músicas de outras terras são outros 500! E minha casa é Cabeça Chata.

Pão — «O Jarro da Saudade» é de sua autoria?

QUEIJO — Não. De minha autoria (com Fernando Lôbo) é a marcha «laiá, cadê o lírio?» de onde o «autor» do «Jarro da Saudade» tirou o «seu» samba.

Pão — E a música do «jingle» da Coca-Cola foi por você autorizada?

QUEIJO — A música do «jingle» da Coca-Cola foi vendida a uma emprêsa de publicidade e eu fui o último a saber. Chegou ao meu conhecimento que a pessoa que a negociou anda dizendo que a melodia é folclórica. Desafio que haja alguém que o prove. Refiro-me, naturalmente, à minha melodia...

Pão — Qual o prato mais pedido em seu restaurante?

QUEIJO — Vatapá.

Pão — Você já pensou em fazer regime para emagrecer?

QUEIJO — Não. Justifico: estou fazendo regime para engordar...

Pão — Como você definiria o pior freguês para qualquer casa?

QUEIJO — O «pendura».

Pão — E o melhor?

QUEIJO — O que paga. Claro.

Pão — Como compositor popular, você acha judiciosa a campanha de Flávio Cavalcânti na televisão?

QUEIJO — O meu amigo Flávio Cavalcânti tem que ser julgado pelos jovens de sua geração. Eu sou um velho aposentado e... conservador.

Pão — Sendo bom amigo de ambos, que solução você daria para o «affaire» Fernando Lôbo x Antônio Maria?

QUEIJO — Casava-os... pois estou vendo a hora em que teremos, lamentàvelmente, a repetição do doloroso caso Diva-Winia.

Pão — Cite três grandes nomes do «Pernambuquinho Imortal»:

QUEIJO — Entre muitos, Josué de Castro, José Lins do Rêgo e José Condé.

Pão — É verdade que, quando o Flamengo perde, você despede todos os empregados e, no dia seguinte, readmite-os?

QUEIJO — Não. O fígado é que me despede e me readmite na primeira vitória do «maior».

Pão — Você já compôs algum dos chamados «sambas modernos»?

QUEIJO — Já. Só para mostrar que é facílimo compor besteira!

Pão — E se algum freguês pedisse, você cantaria um tango?

QUEIJO — Quero cegar da gota-serena se souber algum tango de cor!

Pão — Como você acha que a música popular brasileira está sendo tratada nos tempos atuais?

QUEIJO — Há pouco, houve uma noite de «jazz» no nosso Teatro Municipal. Já houve alguma do samba? Tente, Mister Eco, fazer uma para ver o que acontece: — é música de megro! Ué, e o «jazz»?

Pão — Para finalizar, você também acha que êstes brasis estejam à beira do abismo?

QUEIJO — Para que possa responder com base sôbre o assunto, vamos esperar que eu seja nomeado Presidente do Banco do Brasil ou Ministro da Fazenda, tá?

A ARARA TOPOU

... e está vibrando ciclótrons com os duelos que se travam na imprensa entre Ibrahim Sued x Leon Eliachar, Nestor de Holanda x Brício de Abreu, Antônio Maria x Fernando Lôbo, Zilco Ribeiro x Meira Guimarães, numa demonstração de vitalidade digna de figurar nos anais parlamentares.

★ *Norma Benguel e Elizabeth Gasper, duas das mais belas representantes do teatro da madrugada, disputando a primazia do vedetismo. Até que um empate seria o razoável.*

A ARARA CHUTOU

... a falta de imaginação dos atuais autores de revistas teatrais e dos seus empresários. A chamada estação de 57 nada de novo apresenta. Quadros velhos, guarda-roupas surrados ou de mau gôsto, piadas matusalênicas. Nem a pornografia se renovou. Tirante «TV-Para Crer» pelo texto e «Rumo à Brasília» pela limpeza do vestuário, o resto é uma bolachada no rosto do respeitável público. A Arara ficou desolada.

CINEMA

Por ELY AZEREDO

NOVAS BURLAS: "ALLIED - VISION", "WARNER-SCOPE", "MEGASCOPE". A POLÍTICA DE PREÇOS DA COFAP ESTIMULA OS FALSOS "SCOPES". FILMES GRANDES PREJUDICAM OS GRANDES FILMES.

COMO crítico e espectador, interessados em certo confôrto pessoal e dignidade na apresentação de filmes, recebemos bem o preço-teto de Cr$ 18,00 concedido ao «Cinemascope». Nunca fomos entusiastas dos processos «panorâmicos», mas era ridículo o antigo limite de Cr$ 10,00, como hoje é o máximo de Cr$ 12,00 permitido aos filmes «comuns».

Mas é exagêro dizer que as «novas técnicas» revolucionaram o espetáculo cinematográfico. As leis que regem a narrativa permanecem essencialmente as mesmas. Aliás, processos de imagem ampla já eram conhecidos no silencioso.

Em um mercado aberto às leis da Oferta & Procura, não burocratizado como o nosso pela intervenção oficial, novas instalações não implicariam necessàriamente em aumento de preços. Exibindo maior confôrto, o Cinema «X» teria maiores lucros obtendo maior freqüência que seus concorrentes «Y» e «Z».

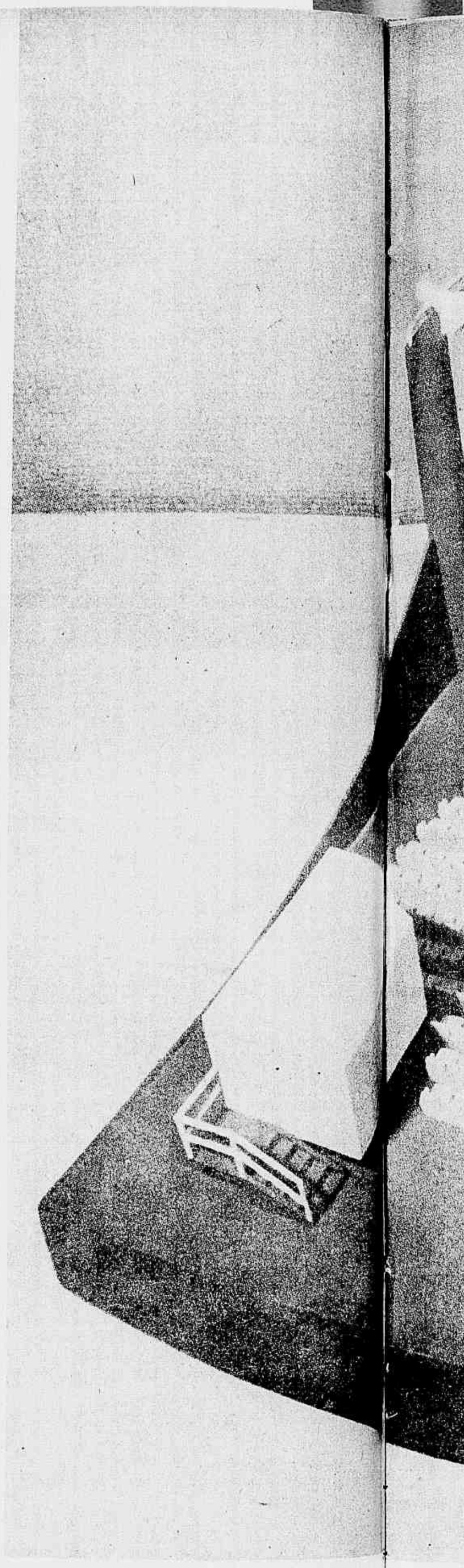
◆ «CINEMASCOPE» — Mesmo sob o tabelamento atual os investimentos para instalação de «Cinemascope» não constituem bicho-de-sete-cabeças. O que é preciso? Nenhuma alteração na estrutura do prédio. Nenhuma, também, na distribuição do público — exceto a eliminação das cinco primeiras filas, por motivos óbvios que nossos exibidores desprezam. Os projetores são os mesmos, com o acréscimo de uma lente anamórfica. O «som magnético estereofônico» exige um conjunto de altofalantes por trás da tela e outros espalhados pelas paredes da sala. A tela deve ser inteiriça, brilhante, na proporção de 2.55 por 1, em tamanho adequado à sala.

O «Cinemascope» é ideal para grandes casas, como o Ipiranga e o Marrocos, em São Paulo, o Palácio e o Asteca, no Rio. É ridículo em muitas salas cariocas que o utilizam atualmente: Pathé (já na época da inauguração a imprensa estranhou a construção de um cinema tão pequeno na Cinelândia), Presidente, Royal, etc. A maioria não tem instalações para «som estereofônico magnético» e NENHUM dispõe de tela adequada. As telas são formadas por segmento verticais, com emendas incômodamente visíveis

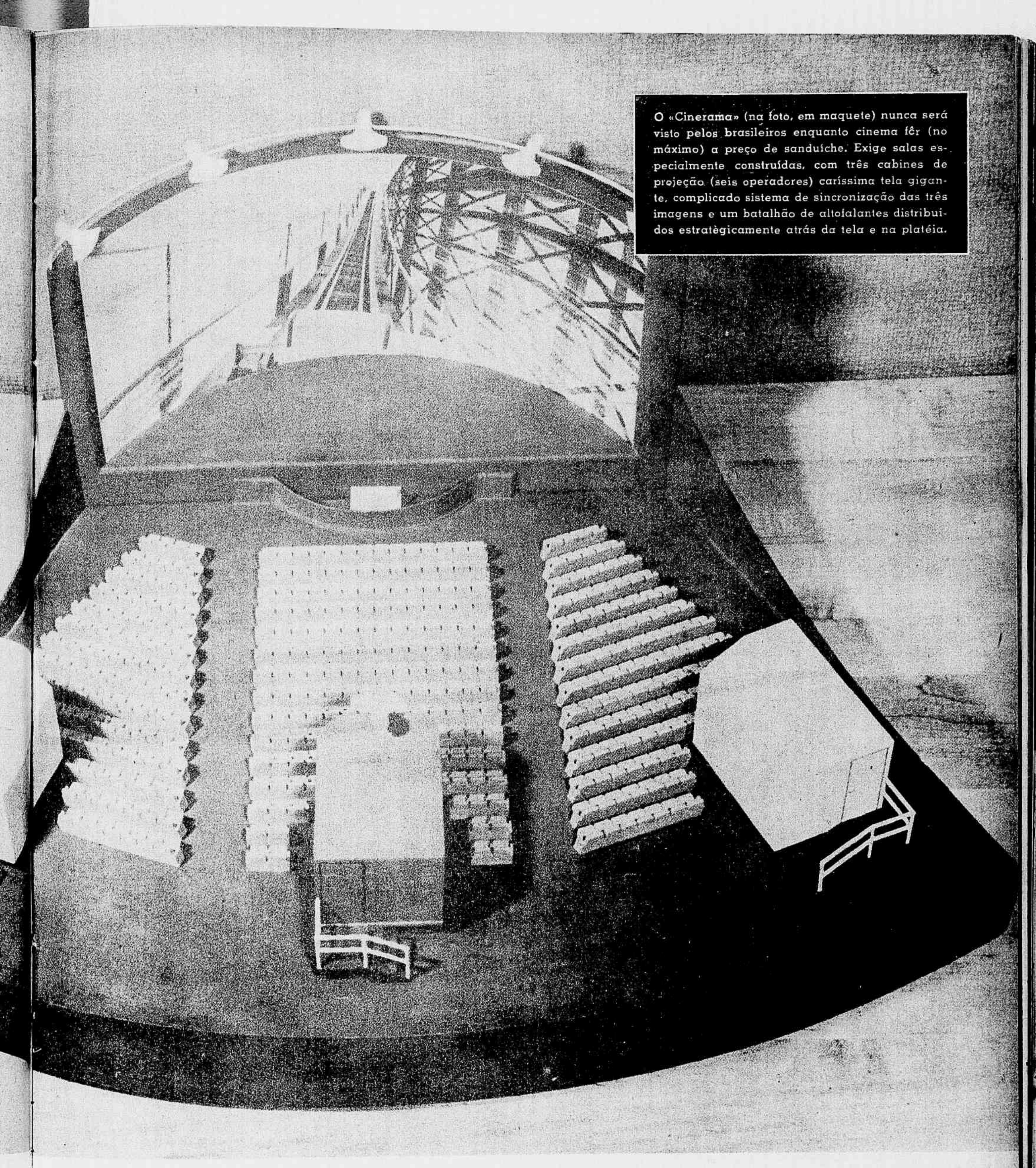
◆ «CINERAMA» — A reportagem não se ocupa dos problemas estéticos das «novas técnicas», mas, entre estas, não escondemos nossa simpatia pelo «Vista-Vision». O «Cinemascope», com a proporção 2.55 por 1, violenta tôdas as regras de composição. Todo bom filme neste processo representa um «tour-de-force».

O «X» do problema na chamada «revolução panorâmica» era registrar imagens de largura muito maior que a altura sem duplicar ou triplicar a largura da fita comum. Do contrário, os filmadores e projetores ficariam obsoletos da noite para o dia. O «Cinerama» — que nunca veremos no Brasil enquanto houver tabelamento à base de demagogia, porque exige cinemas especialmente construídos —, desencadeou a revolução com uma câmara de três «olhos», que utiliza simultâneamente três filmes. Um registra a parte esquerda, outro o centro, outro a direita da cena. No cinema, três projetores reconstituem a imagem projetando os três filmes lado a lado na tela-gigante. Um complicado sistema de sincronização não impede que o espectador veja os pontos de interseção. E não é perfeita a coincidência entre os segmentos da imagem.

Ao contrário do que pensam muitos, o «Cinerama» não tem qualquer relação com a «terceira dimensão». A sensação de participação na cena resulta do tamanho descomunal da tela, cuja curvatura parece «envolver» o espectador, com auxílio de inúmeros altofalantes espalhados pela sala. O «Cinemascope» procura obter, em escala mais prática e modesta, o resultado do «Cinerama». A lente anamórfica, invenção do francês Henri Chrétien, comprime em fotogramas ou «quadrinhos» comuns, de 35 milímetros, imagens que têm de largura duas vêzes e meia a altura. Segurando contra a luz uma fita «Cinemascope» vemos as cenas «achatadas» verticalmente, como o espectador que vê um filme comum na última cadeira lateral da primeira fila. Na projeção, uma lente de efeito contrário expande e normaliza a imagem.



ESTÍMULO À FRAUDE O T



O «Cinerama» (na foto, em maquete) nunca será visto pelos brasileiros enquanto cinema fôr (no máximo) a preço de sanduíche. Exige salas especialmente construídas, com três cabines de projeção (seis operadores) caríssima tela gigante, complicado sistema de sincronização das três imagens e um batalhão de altofalantes distribuídos estratègicamente atrás da tela e na platéia.

TABELAMENTO DOS CINEMAS

◆ «VISTA-VISION» — O alargamento da imagem sôbre a tela «Cinemascope» produz uma granulação (uma espécie de nebulosidade) irremediável. O «Vista-Vision», lançado pela Paramount, foi o «ôvo de Colombo». Enquanto no «Cinemascope», como no sistema comum de filmagem, a fita gira em carretéis situados em posição vertical, o «Vista-Vision» recorre a carretéis deitados e o filme corre horizontalmente. Cada «quadrinho» do negativo é quase três vêzes maior que o dos filmes comuns. No laboratório, com a redução das imagens à proporção de 1.85 por 1, a granulação é reduzida ao mínimo. Daí a inigualável nitidez da fotografia em «Vista-Vision». Nitidez que, por projeção deficiente, os cinemas do Rio não alcançam. Ao sair do laboratório, o filme «Vista-Vision» está pronto para projeção normal, isto é, para correr verticalmente. Assim, não precisa de projetores especiais. Também exige lentes, tela ou altofalantes especiais. Se usar também «som estereofônico Perspecta» o cinema necessitará de três altofalantes atrás da tela. Êsse processo sonoro não tem os «efeitos especiais» do «estereofônico magnético». Dispensa altofalantes nas paredes da sala.

◆ «SUPERSCOPE» — O filme «Superscope» apresenta a mesma compressão do «Cinemascope» e o processo de expansão sôbre a tela também não difere. A lente do «Cinemascope» pode ser usada na projeção. Mas os resultados dos dois processos não podem ser comparados. A julgar pelos filmes projetados no Rio, «Superscope» apresenta apenas uma imagem larga, sem qualquer vantagem visual sôbre os filmes.

◆ CONSEQÜÊNCIAS — O aumento para Cr$ 18,00 não foi nada de excepcional, mas deveria corresponder a um melhor nível de confôrto. Não correspondeu. As «novas técnicas» trouxeram novos defeitos à projeção. Vejamos:

(1) Distorsão da imagem por má instalação das telas; principalmente nas curvas laterais.

(2) «Degola» dos atores por altura insuficiente da tela ou (no caso do «Vista-Vision») por «invenção» de uma curvatura inaceitável nas «molduras» horizontais.

(3) Inutilização completa das primeiras filas, que, apesar disso, são vendidas e ocupadas por um público resignado, que não tem escolha.

(4) Utilização de lentes impróprias. A imagem turva de «Superscope» que vemos no Asteca, Astória, Caruso e outros, provoca lágrimas por irritação visual.

(5) Deficiências sonoras. Interrupções intermitentes de um ou mais altofalantes.

(6) Telas com emendas, especialmente incômodas no «Vista-Vision», cujas imagens (normalmente) são mais nítidas.

(7) A inadequação total de certos cinemas ao «Cinemascope» e ao «Vista-Vision»

Não aderindo aos falsificadores de «scopes», a França Filmes encontra grande dificuldade em exibir seus filmes «comuns» no Rio. «Teresa Raquin», o belo filme de Marcel Carné, com Simone Signoret e Raff Valone, espera há três anos lançamento normal, apesar do sucesso que fêz no Primeiro Festival da emprêsa distribuidora.

(8) A penumbra incômoda dos lados ou ao redor da imagem, quando um filme comum é projetado em tela-gigante, sem adaptação de moldura negra. O mesmo acontece ao «Superscope» ou «Vista-Vision», em tela de dimensões «Cinemascope».

♦ BURLAS & MUTILAÇÕES — Decretado pela COFAP que tamanho não é documento, produtores, distribuidores e até exibidores inventam a três por dois «processos revolucionários». Uma lista completa e detalhada ocuparia várias páginas. Limitamo-nos a um pequeno índice das marcas que vêm confundindo o público e das que irão fazê-lo nos próximos meses. «Cinemascope», «Superscope» e «Vista-Vision», já comentados, não figuram.

Allied-Vision — Para abocanhar os Cr$ 18,00, a Allied Artists forjou em cópias «panorâmicas» de vários filmes realizados nas dimensões comuns. Os primeiros que veremos: «A Mulher de Ninguém» (Thunderstorm), «A Rua do Crime» (Crime in the Streets), «Mulher Infiel» (Strange Intruder), «Ninho de Águias» (Screaming Eagles), «Mocidade Rebelde» (The Young Guns), «Noite Sangrenta» (Hold Back the Night), «Matei Meu Amor» (3 for Jamie Dawn) e «Sublime Tentação» (The Friendly Persuasion). Com exceção dêste último, que é em «DeLuxe Color» e o caso mais lamentável por ser filme de William Wyler, todos os outros são em prêto-e-branco. Alguns têm padrão «programa duplo», mas no Brasil, vão passar por super-produções.

Cinépanoramic — Processo francês da família do «Cinemascope». No Brasil, passa por «Cinemascope» e a COFAP nem desconfia. Exemplo: «Mademoiselle de Paris».

Franciscópio — O Cinema Nacional, em Botafogo, inventou êsse nome para cobrar Cr$ 18,00 pelo filme «Rififi», francês, em projeção «panorâmica». Ficou impune.

Franscope — Em dezembro, a França Filmes do Brasil solicitou à COFAP o preço-teto para êsse processo da família «Cinemascope». Sem resposta até a semana passada, lançou-o a Cr$ 18,00, sem apontar o processo na publicidade. Primeiro filme: «Feras do Asfalto» (M'sier la Caille). Os cinemas puseram letreiro de «Cinemascope».

Megascope — Caso semelhante ao do «Allied-Vision». Responsável: a Colúmbia, que distribuirá com tal rótulo vários filmes europeus. A mais ilustre vítima: «Gervaise», adaptação de «L'Assommoir», de Zola, com Maria Schell, François Périer e direção de René Clément, o grande realizador de «Brinquedo Proibido». Também estuprado: «Le Monde du Silence» (O Mundo Silencioso).

Metroscope — Os filmes não «Cinemascope» da Metro são projetados com êsse rótulo, em «tela panorâmica». O filme em si não sofre mutilação, mas a projeção elimina um pouco da imagem (partes superior e inferior). Os cines Metro não cobram mais que o preço comum (Cr$ 12,00) para os «Metroscope».

Mexiscope — É o nome mais ridículo, mas não constitui fraude. É realmente um processo da família «Cinemascope», usado pelo México.

RKO-Scope — Estreou no Rio com «Marcados pela Violência» (Tension at Table Rock), após obter aprovação da COFAP. Nome dado ao «Superscope» pelos novos diretores da RKO.

Superfilmscope — Processo anamórfico, muito deficiente, lançado na Itália. Visto no Rio, através da distribuidora Art Films, com o filme «As Colegiais» (Le Diciotenni), exibido no circuito do Plaza como «Superscope», e no Art Palácio como «Cinemascope».

Superscope 235 — Adaptação forçada de filmes comuns para dimensões «Superscope». Estreada com «Ao Balanço das Horas» (Rock Around the Clock), fitinha «de linha» que fêz rios de dinheiro cobrando Cr$ 18,00.

P. *Que tipo de faixa sonora é usado com VistaVision?*

R. A faixa sonora das cópias VistaVision é simples e é compatível. Tôdas as cópias VistaVision disporão de uma única faixa sonora fotográfica, tipo comum, que poderá ser reproduzida através da "cabeça de som" do projetor padrão de qualquer cinema do mundo. Essa mesma faixa sonora tem, em adição, as qualidades que são necessárias à reprodução nos cinemas equipados com o Som Perspect-a, possibilitando pois os originais efeitos estereofônicos proporcionados por êste sistema.

P. *Precisa o exibidor comprar algo para apresentar os filmes VistaVision?*

R. Coisa alguma. Uma tremenda melhoria na qualidade da projeção das cenas será obtida por qualquer exibidor mediante o uso do VistaVision, sem despender um níquel sequer. Contudo, há certas peças adicionais de equipamento que podem ser adquiridas para a obtenção de um máximo de resultados. Cada uma dessas peças proporcionará um definitivo aumento na qualidade da imagem na tela. Essas peças adicionais, de aquisição voluntária, podem incluir:

1. Uma tela grande, preferìvelmente sem emendas, tão larga e tão alta quanto o cinema o permitir.
2. Adequada iluminação da projeção, de maneira a iluminar convenientemente a grande tela.
3. Objetivas de grande angular, para encher a tela completamente.
4. Aparelho controlador do som estereofônico Perspect-a, na hipótese de ser usado um sistema de múltiplos alto-falantes.

Dois trechos do álbum sôbre o «Vista-Vision» distribuído pela Paramount. Aparentemente, a COFAP não leu. Do contrário, saberia que o exibir «não precisa despender um níquel sequer». E a projeção em nossos cinemas atesta que os proprietários não pretenderam ser mais realistas que o rei.

Outras mutilações: «Fôlhas Mortas» (Autumn Leaves) e «A Trágica Farsa» (The Harder they Fall).

Warnerscope — Adaptação forçada de filmes comuns às dimensões «Cinemascope». Ainda não aprovado pela COFAP, estreou no Rio com «Santiago», cobrando Cr$ 18,00. Os anúncios fizeram segrêdo sôbre o processo, mas as marquises gritaram «Cinemascope». Como no caso do «Superscope 235» a ampliação da imagem acentua a granulação. Daí a imagem turva.

Eis o resultado do privilégio concedido aos filmes grandes, em prejuízo dos grandes filmes. A desonestidade recebeu estímulo. Os bons filmes nas antigas dimensões, principalmente europeus, quase desapareceram da praça. Cabe à COFAP reconhecer o êrro e procurar com urgência uma solução.

François Périer em um dos admiráveis planos de «Gervaise», realização do perfeicionista René Clément sôbre «L'Assommoir», de Émile Zola. No Festival de Veneza, a estrêla, Maria Schell ganhou a Taça Volpi, e o filme empatou com «Calle Mayor» no Grande Prêmio da Crítica. Aqui surgirá mutilado sob o rótulo de «Megascope».

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 179.107.824,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MÉIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

SUCURSAL NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo

REVISTA DA SEMANA

8 Cruzeiros

Em todo o Brasil

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembôlso Postal um vidro de «BEL-HORMON»

Nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE .....

ESTADO .....

Preço no varejo	Cr$ 100,00
Pelo Reembôlso Postal	Cr$ 135,50
Por Vale Postal	Cr$ 125,50

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO

◇

Silvana Pampanini, após haver desmentido categòricamente a notícia do seu noivado com o jornalista Vittorio Foschini, declarou que a imprensa italiana já lhe atribuiu doze noivados. «Quando anunciarem o meu verdadeiro noivado — disse Silvana — ninguém mais acreditará. É uma boa coisa porque só assim poderei me casar tranqüilamente.»

◇

Carmen Sevilla (foto) interpretará, com De Sica, um filme de co-produção ítalo-espanhola, que terá como título «Pão, Amor e Andaluzia».

◇

Maria José de Savoia está passando alguns dias de férias em Biot, na Alta Savoia. Dentro de mais algumas semanas a ex-Rainha seguirá para Cotê d'Azur onde se entrevistará com o ex-rei Humberto.

◇

Erich Von Stroheim encontra-se em Roma, incógnito, junto com a espôsa. O famoso ator traz consigo um ganso amestrado.

◇

Xenia Valderi (foto) fugiu de Turim, deixando Tognazzi sòzinho. Saiu do hotel, levando consigo o seu gato chamado «Rashmon». Sem comunicar nada a ninguém viajou para Roma, onde se recusou a responder às perguntas dos jornalistas. Seu verdadeiro nome é Klein Boncelig, e nasceu em Spalato. Dizia-se que ela ia se casar com Ugo Tognazzi.

◇

Alberto Sordi inscreveu-se na «IV Rallye do Cinema», finalmente decidido a ganhar a «parada», como já o fêz no ano passado. Para a corrida automobilística que se realizará nos primeiros dias de abril, já se inscreveram Eleonora Rossi Drago, Giovanna Ralli, Sylva Koscina, Marisa Merlini e Nilla Pizzi.

◇

Lucia Bosé (foto) anunciou que será mamãe pela segunda vez, lá para o fim da estação. Tanto Lucia como seu marido Dominguin estão felizes, e esperam que a herdeira seja uma linda menina.

(Cont. na pág. 43)

MEDALHA MATARAZZO À PREFEITA

Em solenidade realizada na Confederação Nacional da Indústria, a Prefeita de San Juan, Capital de Pôrto Rico, sra. Felisa Rincón Gautier, recebeu das mãos do presidente do Conselho Nacional do SESI, sr. Pedro Paulo Penido, que representou no ato o sr. Lidio Lunardi, presidente da CNI, a medalha «Conde Francisco Matarazzo». Na foto, um instante da cerimônia, durante a qual também foram oferecidas à sra. Gautier uma «corbeille» de orquídeas e as flâmulas da CNI e do SESI.

SAPS: DIVISÃO DE PROPAGANDA COM NOVO DIRETOR

A fotografia é um flagrante da posse do dr. José Sérvulo Távora (assinando o têrmo) na direção da Divisão de Propaganda do SAPS, em substituição ao dr. Garibaldi Sá, nomeado para a procuradoria dêsse órgão assistencial em Pernambuco. Assistem ao ato o dr. Gabriel Vivacqua, diretor-geral da autarquia, e outras pessoas gradas.

conselhos de beleza

base para o pó de arroz

1. Comece por fazer uma boa limpeza no rosto com um sabonete, de preferência neutro. Enxague delicadamente, com água fria ou tépida, tendo o cuidado de não estimular o sangue para as faces.

2. Espere meio minuto antes de enxugar o rosto, e, ao fazê-lo, use toalha felpuda, bem macia, sem estregar. Agora seu rosto poderá receber um bom creme, de ação protetora e revitalizante.

3. O indicado é ANTISARDINA N.º 1, excelente creme protetor da cútis, que tem a sua fórmula elaborada à base de ingredientes escrupulosamente selecionados, indicados nos modernos tratados de saúde e beleza.

4. Aplique no rosto, com as pontas dos dedos e esfregue com movimentos giratórios, continuando a massagem até o creme ser totalmente absorvido pela pele. Forma-se então a preciosa película protetora de ANTISARDINA N.º 1.

5. Tenha o cuidado de passar o creme em todo o rosto, uniformemente à volta da bôca, do nariz e dos olhos. Depende disso, em grande parte, o sucesso da maquilagem.

6. Sem colocar mais creme, esfregue as mãos do rosto para o pescoço de maneira a obter uma transição homogênea. O estimulo das células, lhe dará uma agradável sensação de frescor.

7. Com uma esponja bem limpa, distribua suavemente o pó sôbre a base. Não use pó em demasia! A combinação da base com o pó deve proporcionar aparência natural. Remova o excesso com mecha de algodão.

ANTISARDINA N.º 1 (fraco) protege a cútis do rigor dos fortes raios do sol e dos ventos frios, tonificando as células, desobstruindo os poros, tornando a cútis macia e aveludada! É o creme protetor da pele sã, que previne o aparecimento de imperfeições, prolongando a mocidade!

Fórmula n.º 2 (moderado) para eliminar manchas, cravos, espinhas, sardas e demais imperfeições da pele. Para ser usado no rosto, pescoço e colo.

Fórmula n.º 3 (forte) para ser usado na beleza das mãos, braços e ombros. É a fórmula mais eficaz contra sardas, espinhas e manchas rebeldes, eliminando-as prontamente.

MACI propaganda

Antisardina

o segrêdo da beleza feminina!

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

UM LIVRO

O Itinerário de Cassiano Ricardo

◆ **DESDE QUE publicou, em 1915, os versos de «Dentro da Noite», até aos recentes livros «O Arranhacéu de Vidro» e «João Torto e a Fábula», o senhor Cassiano Ricardo, como poeta, tem trocado de pele inúmeras vêzes, num processo de renovação raríssimo em nosso meio. Êle, que principiara a carreira poética como parnasiano de última hora, sufocando sob uma rígida forma sua vocação inequívoca, já então traduzível num verso famoso, tão atual, hoje, como quando foi escrito, antes de 1915 («o sol me agride, o azul passa da conta»); que mais parnasiano ainda ficaria com «A Frauta de Pã» (1917), livrinho detestável, onde tudo é chavão e nada autêntico; que em 1926, levado por um sentimento verde-amarelo advindo da Semana de Arte Moderna de quatro anos antes, trocaria a Grécia e tôdas as frautas de Pã, avenas e canas, por uma caçada de papagaios; que, sempre na mesma direção perigosa, ainda pblicaria «Martim-Cererê» (1928) e «Deixa Estar, Jacaré» (1931), passará em seguida doze anos sem publicar outro livro de poemas, até 1943, quando surge «O Sangue das Horas». Já em «O Sangue das Horas», o Cassiano Ricardo que escreveu «A Frauta de Pã», por exemplo, está morto irremediàvelmente. Mas será com «Um Dia Depois do Outro» (1947) que o poeta inaugurará uma nova fase em sua carreira literária, que até então se arrastava, com altos e baixos, de maneira bastante medíocre. Falando dêsse livro, Manuel Bandeira aludiu a uma «nova estréia». Foi-o, com efeito. Viriam depois, já bem mais recentemente, «A Face Perdida», e «Poemas Murais»; e, não faz muito, «Eu no Barco de Ulisses», «João Torto e a Fábula» e «O Arranhacéu de Vidro». Resultado de todo o longo percurso são essas 662 páginas que José Olímpio agora vem de editar, prosseguindo em seu plano de fazer a publicação das obras completas dos grandes poetas brasileiros, contemporâneos (1).**

Falamos em grandes poetas brasileiros contemporâneos: será acaso Cassiano Ricardo um dêles? Não cremos. Cassiano é menor do que Bandeira, infinitamente menor do que Drumond, por exemplo. E se citamos êsses, é porque parece que a poesia de Ricardo — a melhor dela, a que começa a partir de «Um Dia Depois do Outro», talvez a partir de «O Sangue das Horas» —, muito influenciada foi pela de Bandeira e pela de Carlos Drumond de Andrade. Analisando, aliás, o problema das influências recebidas pelo autor de «Martim Cererê», o jovem poeta e crítico Mário Faustino escreveu, no suplemento literário do «Jornal do Brasil» (2), excelente artigo, para o qual remetemos o leitor mais interessado. Raras vêzes ouvimos, nos poemas de Cassiano Ricardo, a sua própria voz: porque êle imita freqüentemente as de outros poetas, com grande prejuízo para si mesmo. Contudo, tôda vez que podemos discernir seu timbre ao natural, sem arremedos e sem paródias, reconhecemos a beleza do mesmo, a raridade do mesmo, a frescura e a naturalidade do mesmo. Cassiano Ricardo foi um poeta que se achou muito tarde. Para dar com o próprio caminho, errou muitas vêzes de estrada, invadiu o domínio alheio, retrocedeu, tornou a equivocar-se. Hoje, afinal, o poeta é senhor de seu próprio destino. Foi parnasiano, «modernista», imitou outros poetas contemporâneos, como se precisasse fazê-lo, e hoje é poeta original, arrojado, senhor da técnica mais avançada (o poeta decompôs «maravilha», num poema, em «mar», «ave» e «ilha», para gáudio dos jovens concretistas...), da temática mais ousada. «João Torto e a Fábula» é no nosso entender seu melhor volume — o ponto final, talvez, de sua longa trajetória poética. Mas, quem garante que o poeta ainda não nos esteja a reservar alguma surprêsa, para os próximos anos?

(1) — Cassiano Ricardo: «Poesias Completas». José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1957. 662 páginas.
(2) — Mário Faustino, in «Jornal do Brasil» (suplemento literário) de domingo, 7 de abril de 1957.

LIVROS EM DESFILE

Cotação: * **ruim;** ** **medíocre;** *** **regular;** **** **bom;** ***** **muito bom**

◆ CORAÇÃO MALCRIADO, de Edgar Proença, é seu quarto livro de crônicas. O autor escreve com inequívoca facilidade, manejando sobretudo os diálogos de maneira atraente e agradável. (Editôra «A Noite», Rio de Janeiro, 1955. 146 páginas. Cotação: ***).

◆ EM SEGUNDA edição, acaba de sair «Relicário», de Paulo Coelho Neto — reminiscências da infância, de leitura atraente. A capa é de autoria de Maria Cecília Coelho Neto de Freitas, certamente ainda muito jovem, e bisonha desenhista. (Editor Borsoi, Rio de Janeiro, 1957. 130 páginas. Cotação: ***).

◆ MARTINS NAPOLEÃO, poeta que já mereceu elogios de um Carlos Drumond de Andrade, por exemplo, vem de publicar seu oitavo livro de poemas, «O Oleiro Cego», que reúne composições de 1953 a 1956. O presente volume apresenta-nos o poeta no apogeu de seu estilo poético — estilo enxuto e apurado, clássico pela forma, moderno pela essência — e em algumas peças, como no soneto «São Jorge de Lima», ou nos tercetos de «Jacó e o Anjo», ou ainda em «Viagem Imaginária», Martins Napoleão atinge as raias da grande e pura poesia. Se tivéssemos de compará-lo a algum outro poeta contemporâneo, com o qual guarde certo grau de parentesco, seja pela forma apurada, pela temática, pelo pudor intelectual, seria impossível não citar Américo Facó — o Facó de «Poesia Perdida», grande e obscuro poeta, pouco conhecido ainda. (Edição particular, Rio de Janeiro, 1956. 108 páginas. Cotação: ****).

◆ RENATO CARDOSO apresenta-nos seu primeiro livro de versos, êsse «Nem uma Nesga de Céu», com ilustrações (pavorosas) de Luís Goulart. Muito há ainda que polir, na poesia de Renato Cardoso, que por enquanto não atingiu sequer a um grau relativo de depuração artística. (Gráfica Aurora, Rio de Janeiro, 1956. 121 páginas. Cotação: **).

◆ POR OCASIÃO da passagem do 25º aniversário da posse do atual senador Juraci M. Magalhães, seus amigos fazem editar, com prefácio de Rui Santos, «Minha Vida Pública na Bahia», série de discursos pronunciados por aquêle homem público em diversos locais e oportunidades, desde 1931 ao presente. Muito depoimento valioso é encontrado nesse livro de leitura indispensável a quem se interessa pelos problemas nacionais. (José Olímpio, Rio, 1957. 384 páginas).

◆ POEMAS DE 1926 a 1930, feitos pelo sr. Damasceno Vieira Filho, estão reunidos em «À Sombra do Silêncio», onde surge êsse verso: «Não deves mais fazer versos sentimentais.» De fato. (Progresso Editôra, Salvador, 1956. 133 páginas. Cotação: **).

POESIA

SÃO JORGE DE LIMA

Desde então, nunca mais o vi com as mãos repletas
Era lua? Era sol? Ou trigo do Senhor
o que tinha nas mãos compridas como a dor?
Era nuvem, ou luz do mundo dos poetas?

Por que transluminava em lâmpadas secretas?
E era sua palavra uma invenção da côr?
Êle podia ouvir um suspiro de flor
e ver (mais do que nós) a auréola dos ascetas.

Que arrancava de si e escondia nas mãos
para aos estranhos dar sob a forma de canto,
e na espécie do sonho ofertar aos irmãos?

Deixou-nos quando viu a própria mão vazia,
envolto num clarão como um rei no seu manto.
(Sinto um gôsto de lágrima em sua poesia).

MARTINS NAPOLEÃO

CONVERSA COM BENJAMIN SILVA

PINTOR E ILUSTRADOR

◆ **BENJAMIN SILVA, nascido em Joazeiro, Ceará, a 15 de maio de mil novecentos e vinte e sete, é um dos melhores pintores figurativos brasileiros da atualidade. Ainda recentemente, expôs no salão de mostras do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes, com êxito retumbante. Como ilustrador, são bem conhecidos os trabalhos que faz, ainda hoje, para o quinzenário «Para Todos». Benjamin Silva, aliás, já ilustrou, aqui mesmo, na REVISTA DA SEMANA, alguns contos. Aos trinta anos, é senhor de técnica segura, de ampla temática, de personalidade forte e que busca a cada dia aperfeiçoar, pelo trabalho e pelo estudo.**

p — com quem estudou?

r — meus primeiros passos foram dados sob a orientação do pintor Inimá. Com a viagem à Europa, passei a freqüentar os cursos do Museu de Arte Moderna, orientados por Santa Rosa. Ao cabo de algum tempo, deixei de freqüentá-los, passando ato contínuo a estudar no atelier de Santa, aos sábados e domingos. Foi quando comecei a desenvolver-me com mais rigor no que diz respeito à técnica, desenho e mesmo concepção temática. Isso também me foi benéfico, do ponto de vista da auto-confiança.

p — recebeu influência especial de algum artista?

r — venho lutando tenazmente para fazer uma arte puramente minha, que seja produto de acurada observação, trabalho e auto-análise. Para ser sincero, é possível que eu tenha a influência de algum mestre — como acontece com todos os artistas brasileiros, mesmo os melhores —, pois nossa cultura é de formação puramente européia. Estudo especialmente Braque e Picasso.

p — que acha da ilustração?

r — é gênero diferente, mas bem interessante, embora subordinando o artista ao tema. Isto não quer dizer, porém, que não se possa fazer obra de arte no gênero «ilustração». Citarei alguns artistas que as fizeram, ou fazem ainda: Daumier, Kokoschka, Chagall, Picasso, etc.

p — que valor atribui ao movimento não figurativo?

r — é uma questão de ponto de vista. Levo em consideração tôdas as tendências, dentro da arte, pois o que importa é a sinceridade, a crença e o respeito mútuos que devem existir entre os artistas, sejam êles figurativos, abstratos ou concretos. Estou de pleno acôrdo em que cada qual faça aquilo que mais se ajuste ao próprio temperamento.

p — e ao recente surto concreto?

r — francamente, é um movimento que não me despertou ainda o mínimo interêsse, se bem que eu não possa condená-lo, só por isso. Sou dos que ainda gostam de trabalhar livremente, sem peias ou filiação a grupos dirigidos, e sem a clássica preocupação de agradar a certos intelectuais, ditadores de normas e agentes publicitários, que inclusive boicotam os artistas estranhos a seus «grupos», para com isso favorecerem elementos que estão muito longe de serem valores representativos da pintura brasileira.

p — quais suas pretensões para os próximos anos? Exporá na Bienal?

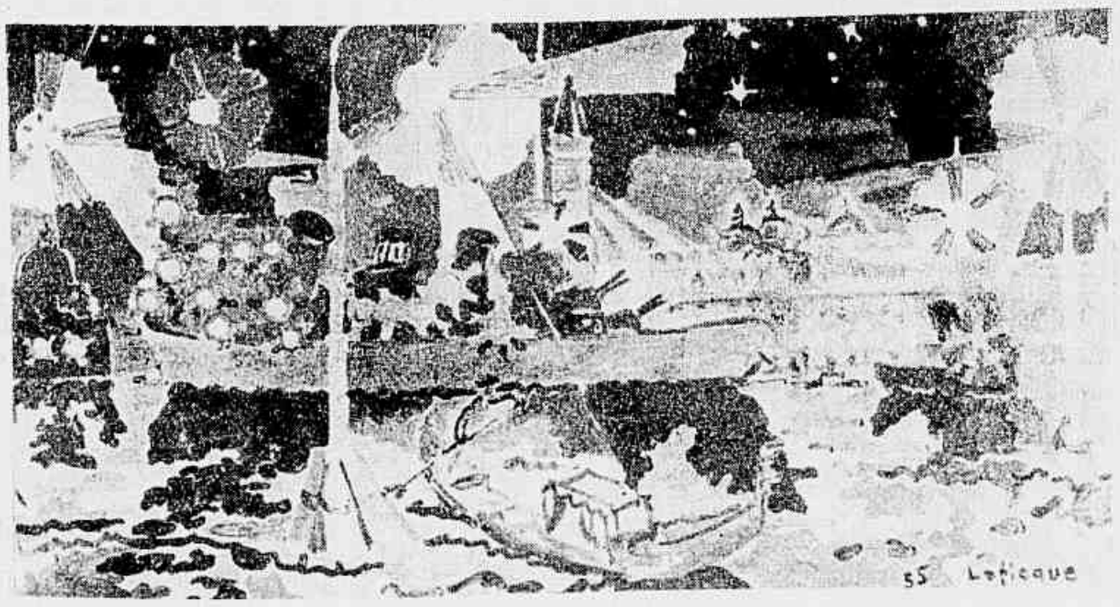
r — minhas pretensões são muitas: trabalhar intensivamente, como venho fazendo, participar de exposições, oficiais ou não, no Rio e nos Estados, envidar esforços para realizar mostras coletivas em São Paulo, Bahia e Ceará. Pretendo igualmente entrosar-me nas técnicas de mural e artes gráficas. Fiz inscrição na Bienal, mas não poderei mandar trabalhos, pois, quando me inscrevi, não previ a realização da mostra atual na Escola Nacional de Belas Artes, até 30 de abril.

p — trace um rápido esbôço de sua evolução artística, até hoje.

r — divido-a em cinco etapas: de 52 a 53 trabalhei só, copiando do natural, sem assistência de professôres, e acadêmicamente. Felizmente, muito cedo rechacei êsse academicismo. De 53 a 54 procurei fazer trabalho dentro da técnica impressionista, estudando, conseqüentemente, problemas de luz e côr. De 54 a 55 passei a fazer uma pintura bidimensional, esquematizada, um pouco dura e fria, tendo como tema paisagens e naturezas mortas. Depois do Salão de 55, até agôsto de 56, voltei a pintar do natural, explorando motivos portuários. De setembro de 56 até hoje venho pintando livremente, sem preocupação de «correntes», abordando vários temas, à procura do meu próprio estilo e segurança de «métier». Quanto ao futuro, nada posso dizer, a não ser que continuarei trabalhando, tal como até esta data...

◆ **UN SIECLE D'OR** — Sob os auspícios da Embaixada da Bélgica, foi levada a efeito, no auditório do Ministério da Educação e Cultura, a exibição de «Un Siècle d'Or», filme de Paul Haesaerts focalizando a pintura flamenga do século XV, desde os irmãos Van Eyck, até Bosch, e de meados do XVI, até Pieter Bruegel. Juntamente com a película de Haesaerts, foi levado à tela o filme «Belgium, where the Past meets the Present», do cineasta americano Ernest Kleinberg.

◆ **CASO DJANIRA** — Jaime Maurício, em artigos consecutivos, procura chamar a atenção dos interessados para o que já se chama de «O Caso Djanira», e que assim se resume: Djanira já estêve na América do Norte, onde, porém não realizou cursos — por falta de meios. Diz o regulamento do Salão Moderno que não poderá candidatar-se ao Prêmio de Viagem quem tenha efetuado estudos fora do Brasil. Pergunta-se: pode Djanira candidatar-se ao prêmio? A artista, como não realizou nenhum curso no estrangeiro, achou-se no direito de pleitear, junto ao professor Alfredo Galvão, da Comissão Nacional de Belas Artes, em 1956, sua inclusão no rol dos candidatos ao Prêmio. Sua petição foi deferida, diante das provas apresentadas pela pintora paulista: nada menos de onze cartas, firmadas por pessoas de inteira idoneidade moral, como o embaixador Valder Sarmanho, a escultora Maria Martins, o poeta Augusto Frederico Schmidt, o poeta Vinícius de Morais, o jornalista José Auto, etc. A nosso ver, Djanira tem direito a concorrer ao prêmio: e quem se achar com direitos idênticos, deve pleitear junto à C.N.B.A. sua inclusão na lista dos candidatos. A Comissão tem poderes para decidir sôbre a questão; para que, então, criar confusão num caso tão simples?



TELA DE Lapicque, um dos mais conhecidos componentes da moderna Escola de Paris

◆ **EXPOSIÇÕES** — ÚLTIMAS EXPOSIÇÕES realizadas no Rio de Janeiro. **Lothar Charoux**, desenhista paulista, de tendência concretista, exibiu na «Petite Galerie», uma série de seus trabalhos; arte fria e destituída de emoção, a por Charoux realizada; **Sonja de Clercq** também expôs um grupo de trabalhos, «Aspectos Brasileiros», infelizmente, apenas por uma semana, no I.B.G.E.; a mostra de **Benjamin Silva**, na E.N.B.A., foi a mais importante das últimas semanas, quer pela qualidade da pintura dêsse jovem cearense, quer pela quantidade de trabalhos exibidos ao público carioca.

◆ **IV BIENAL PAULISTA** — RESULTADO DAS eleições para o Júri de Seleção da IV Bienal, a ser inaugurada em setembro próximo, em São Paulo: Lívio Abramo, 35 votos; José Geraldo Vieira, 28; Maria Eugênia Franco, 25; Lourival Gomes Machado, 14; Sérgio Milliet, 11; Clóvis Graciano, 11; Antônio Bento, 10. Seguem mais 40 nomes com menos de 10 votos. Lívio Abramo e José Geraldo Vieira foram, portanto, eleitos.

ELIANA MOURA É FATALISTA E ACREDITA NO DESTINO

A PAULISTA QUE NÃO É DE 400 ANOS — NÃO TEM NENHUM CANDIDATO — TEM PAIXÃO POR CAVALOS — JÁ FOI «MISS ELEGANTE AMAZONAS» E PRINCESA DAS ROSAS — DA EUROPA, A ITÁLIA É O MELHOR — NÃO ENTRA EM CONCURSO DE VOTO COMPRADO

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotografias de YLLEN KERR

◆ «Eu sou fatalista. Acredito demais no destino e no que êle nos reserva. Nada pode ser modificado» — quem assim responde, quando se lhe pergunta o que deseja para o futuro, é Eliana Moura, a moça de sociedade, paulista «mas não de 400 anos».

E é ela quem continua:

— Claro! O ideal seria casar, ter muitos filhos, como no velho chavão. Mas se isso não acontecer, não tenho mêdo de ficar solteira. Inclusive porque é melhor ficar sòzinha do que mal casada. Ser solteira, hoje em dia, não é mais ofensa.

— E já tem algum candidato ao casamento?

Acha a pergunta muito pessoal, ri, mas responde:

— Que eu saiba, não.

Sôbre o assunto, ainda tem uma opinião: quem quer casar não pode, não tem condições financeiras. Quem pode, não quer.

— É um carroussel — comenta.

◆ ITÁLIA E PORTUGAL

Eliana Coelho de Moura nasceu em São Paulo, em 31 de julho de 1936 (não tem mêdo de dizer o ano). Descende de italianos por parte de mãe e de portuguêses, por parte de pai.

Estudou nos Colégios Assunção, de São Paulo e do Rio. Na Suíça, estudou um ano. Agora, está aperfeiçoando o inglês e o francês, estudando violão e vai começar a trabalhar na «Cruzada São Sebastião», com Dom Helder Câmara.

◆ A ESPORTIVA

Eliana gosta de esportes. E explica:

— Não é possível viver-se, apenas, lendo, trabalhando e freqüentando festas. O esporte é necessário.

Adora cavalos. Desde pequena que freqüenta a Hípica e o Jóquei Clube. Sabe montar com perfeição. É dona de dois animais: Dardo e Alardino. Já levou alguns tombos — «quem não os leva montando?» — mas nenhum grave.

Além disso, joga tênis e gôlfe, mas detesta futebol. Nem tem, ao menos, um clube preferido.

Eliana tem uma coleção espetacular de chapéus e os exibe com a classe de um modêlo profissional. Aliás, se quisesse (ou precisasse) poderia ser modêlo.

REVISTA DA SEMANA

Foto espetacular de Yllen Kerr, que surpreendeu Eliana Moura pegando mariscos.

Eliana Moura, atraente e inteligente, se diz fatalista. «Acredito demais no destino» afirma. É moça da sociedade paulista, «mas não de 400 anos».

ELIANA MOURA

Na praia distante, sòzinha, com Deus e seus pensamentos.

◆ NÃO É MERCADORIA

— Já tomei parte em diversos desfiles, mas só entro para ajudar as sociedades de beneficências que os patrocinam. Não gosto de participar de concursos, com votos comprados. Parece leilão e eu não sou mercadoria.

Por quatro vêzes tomou parte no concurso de «Rainha das Rosas», sendo uma vez princesa, no ano em que se elegeu «Baby Vignoli». Desfilou na festa da «Charme Girl» e da «Glamour Girl». Na Sociedade Hípica foi, duas vêzes, «Miss Elegante Amazonas». Já desfilou em benefício da Igrejinha. Com uns outros desfiles, sobe a 15 ou 16 vêzes em que se apresentou.

◆ FESTA CANSA

— Mas festa cansa. — diz — Se não cansa enjoa. O fato é que não consigo, nem gosto de estar todo dia em festas e «boites». Mesmo porque, quem é freqüentadora assídua fica mal vista.

Assim mesmo, gosta das grandes festas. E cita uma: recepção de Picasso, em Cannes.

— Picasso é o homem mais excêntrico que já conheci. Nesta festa estavam as mulheres mais lindas e os homens mais elegantes que já vi. Uma maravilha.

Pergunto qual a mulher mais bonita que conhece. Pensa, escolhe e responde:

— Marta Rocha. Ela tem o melhor conjunto. Já vi muita mulher bonita, inclusive artistas de cinema, mas nenhuma delas consegue igualar-se, em conjunto, à ex-Miss Brasil. Sempre têm alguma coisa que não agrada.

— E a mais elegante?

— Pensava, antes de viajar, que as francesas e italianas fôssem as mais elegantes do Mundo. Não são. No Brasil se encontra maior número de mulheres elegantes na rua, do que em qualquer outra parte. Quando estamos no estrangeiro, é fácil conhecer uma brasileira andando na rua. É a mais elegante.

— E a mais elegante do Brasil?

— Em São Paulo, a sra. Christianne Caldeira. No Rio, entre outras, as sras. Carlos Eduardo Souza Campos e Fritz Alencastro Guimarães.

◆ A ITÁLIA É MELHOR

Eliana já foi a Europa duas vêzes. Uma vez para estudar. A outra a passeio, com sua mãe. Correu Suíça, França, Itália, Espanha, Portugal, Alemanha e Áustria. Preferiu a Itália.

No Brasil, passa metade do ano em São Paulo, metade no Rio. Os meses de dezembro, janeiro, fevereiro, março e julho são de São Paulo. O resto do Rio, em Copacabana. Mas quase não vai à praia. Não gosta.

— O Rio é mais agitado. São Paulo é de vida mais calma. Gosto dos dois. Num eu nasci, no outro eu moro.

No Rio, freqüenta a Hípica, o Iate, o Copacabana e, às vêzes, o Sacha's. Em São Paulo, Hípica, Paulistano, Harmonia e Jaraguá.

— Gosto, também, de Guarujá. Passo lá os fins de semana, quando estou em São Paulo.

◆ SEM MANIAS

Eliana não tem manias, apenas coleciona cinzeiros e moedas, tendo abandonado a coleção de selos, por dar muito trabalho. Para ela, a coisa mais importante da vida é ser como os seus pais querem que ela seja.

Entre as coisas que não gosta, destaca falsidade, hipocrisia e mentira.

De suas amizades diz:

— Meu maior amigo e companheiro é meu irmão. Entre as mulheres, tenho várias amigas, mas as quatro maiores eu as encontrei na Suíça, onde eram minhas companheiras de quarto, no pensionato. Fiquei impressionada como cinco moças de nacionalidades e línguas diferentes pudessem se entender tão bem.

O espetáculo mais marcante que já assistiu foi uma tourada em Madri. Ficou horrorizada:

— Parecia uma arena dos tempos de Nero, com dois gladiadores se encontrando. Não sei como o povo pode vibrar com aquilo. Imagine que, atrás de mim, uma menina de seus quatro anos dava vaia num toureiro ferido, exigindo a sua saída da arena. Nunca mais esquecerei aquêle espetáculo desumano.

◆ O MAIS IMPORTANTE

Considera personalidade fixa, inteligência, caráter e educação as qualidades mais importantes para um homem. Sôbre o dinheiro, diz que ajuda, mas não é essencial.

Sôbre a mulher, diz que não gosta das tituladas:

— O que adianta ter um diploma, se não sabe pôr uma panela no fogão?

— E você sabe?

— Sei. Tirei curso de cozinha internacional na Suíça. O que não sei, nem gosto, é de costurar.

Além disso, gosta de pintura e de decoração, tendo estudado essas duas coisas.

◆ NOVA GERAÇÃO

Sôbre a nova geração, concorda que esteja mal impulsionada, fazendo um juízo errado da vida.

— Mas não devo falar, porque também sou da nova geração.

A última pergunta é sôbre os colunistas. Responde:

— São todos meus amigos, gosto de todos, me dou bem com todos, mas, às vêzes, são indiscretos e escrevem o que não devem. Não tenho nenhuma queixa, nem uma palavra contra, mas a verdade é que, as vêzes, nos prejudicam».

Fachada do edifício principal do notável conjunto que compõe o Entreposto Central de Triagem, a maior usina beneficiadora de leite da América do Sul

No Rio a maior usina beneficiado

O presidente da República desata a fita simbólica, ladeado pelos srs. José Augusto de Araújo e Roberto de Oliveira Castro, diretores da CCPL

◆ Foi festivamente inaugurado, no dia 10 de abril último, o moderno Entreposto do Leite de Triagem, grande usina beneficiadora do precioso alimento consumido no Distrito Federal. O ato foi presidido pelo Chefe do Govêrno, contando com a presença do ministro da Agricultura, ministro da Educação, governador do Estado do Rio, secretário de Agricultura do Distrito, numerosas autoridades civis e militares, produtores de leite, jornalistas e convidados, que tiveram ocasião de apreciar uma obra realmente importante e de vastas proporções, inteiramente aparelhada para beneficiar e engarrafar todo o leite destinado ao consumo da população carioca.

O Entreposto agora inaugurado, a maior usina beneficiadora de leite da América do Sul, teve a sua construção iniciada em 1941 pela antiga Comissão Executiva do Leite (CEL), que não conseguiu chegar ao término da estrutura de concreto, em face dos obstáculos surgidos com a guerra e em virtude da mudança de regime ocorrida em 1945. Nesse ponto, a obra passou às mãos da Cooperativa Central dos Produtores de Leite (1946), que nela inverteu a soma de 155 milhões de cruzeiros de seus próprios recursos e mais 30 milhões oriundos do Plano Salte. Levantou, assim, a CCPL, quase que com os recursos dos produtores, um conjunto monumental que honra a Capital da República pela preciosidade de suas instalações tècnicamente perfeitas e pela excelência do produto delas saído, que poderia de imediato abastecer todo o Distrito Federal, não fôssem os fatôres estranhos que impedem, inexplicàvelmente, seja engarrafado na sua totalidade o leite servido à população carioca, o que já ocorre em São Paulo, Belo Horizonte e outras cidades menores. Essa anomalia, no entanto, deve e precisa ser removida. O Rio

O sr. José Augusto de Araújo mostra ao Presidente detalhes do maquinário que compõe as instalações da usina

Ao champagne, os srs. Walter A. Ferreira, José Fontes Romero, José A. Araújo e Euclides Carvalho de Oliveira

de Janeiro dispõe, hoje, de uma usina tratadora e engarrafadora do precioso alimento, capaz de servir ao povo com a eficiência que o importante serviço requer. Esperemos que as autoridades responsáveis pelo abastecimento e pela saúde pública assim o entendam, para que possamos fruir os altos benefícios dessa modelar organização.

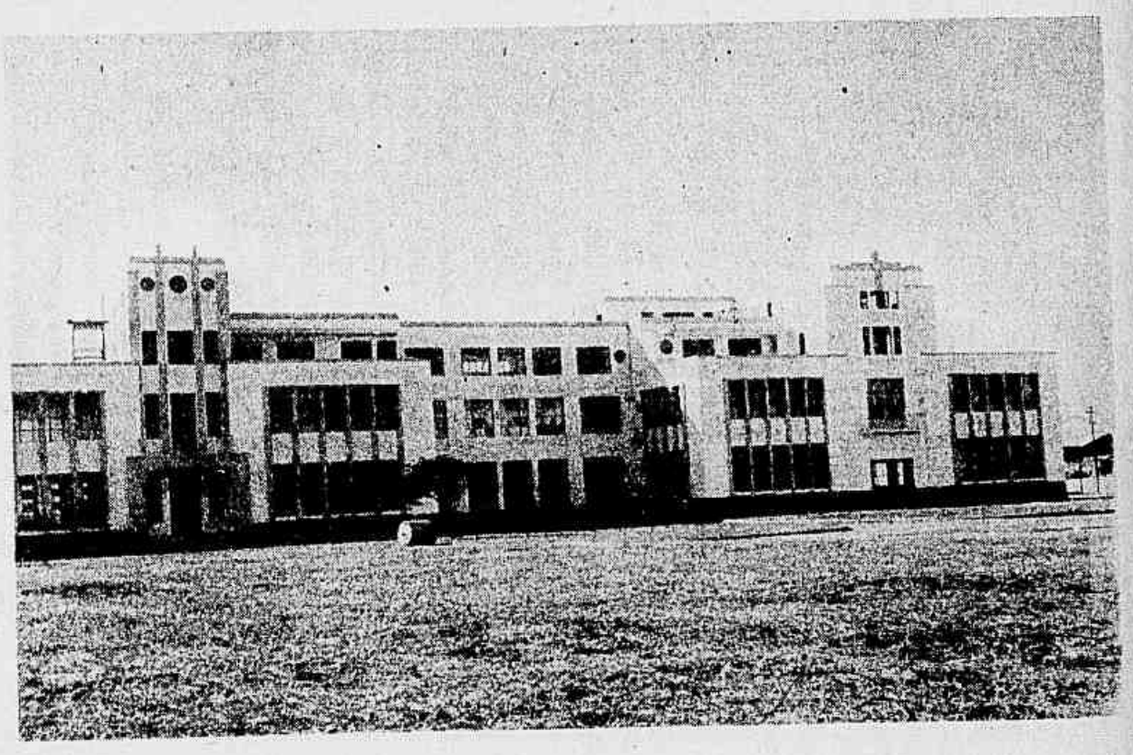
A inauguração do Entreposto Central de Triagem, fase culminante da vida da Cooperativa Central dos Produtores de Leite, foi realizada na manhã daquele dia 10 do mês findo, e revestiu-se de aspectos festivos e marcantes. Entre êstes, situam-se os dois discursos pronunciados na ocasião, pelo dr. José Albuquerque Lins, em nome da CCPL, e pelo presidente Juscelino Kubitschek. No primeiro, considerado pelo Chefe do Govêrno como uma das mais bonitas orações até hoje por êle ouvidas, o orador fêz um histórico daquela realização desde o seu início, destacando os nomes dos que por ela batalharam, para situar finalmente a árdua tarefa do homem do campo e a necessidade do amparo oficial para tão importante setor da produção. No segundo, o chefe da Nação manifestou seu entusiasmo pelo que ali observava, assegurando que tudo fará para que o apoio da sua administração não falte aos que assim trabalham pelo engrandecimento do País. Em seguida o Presidente da República fêz minuciosa visita às instalações, acompanhado pelos diretores da CCPL, srs. José Augusto de Araújo, Roberto de Oliveira Castro e José Junqueira Bastos, que proporcionaram aos presentes fidalgo acolhimento, oferecendo-lhes, por fim, uma taça de champagne, «cock-tails», refrigerantes, leite gelado, doces e iguarias, num ambiente da mais viva cordialidade que se prolongou por várias horas daquele dia tão auspicioso para a vida da metrópole.

Discursa o presidente Juscelino Kubitscheck

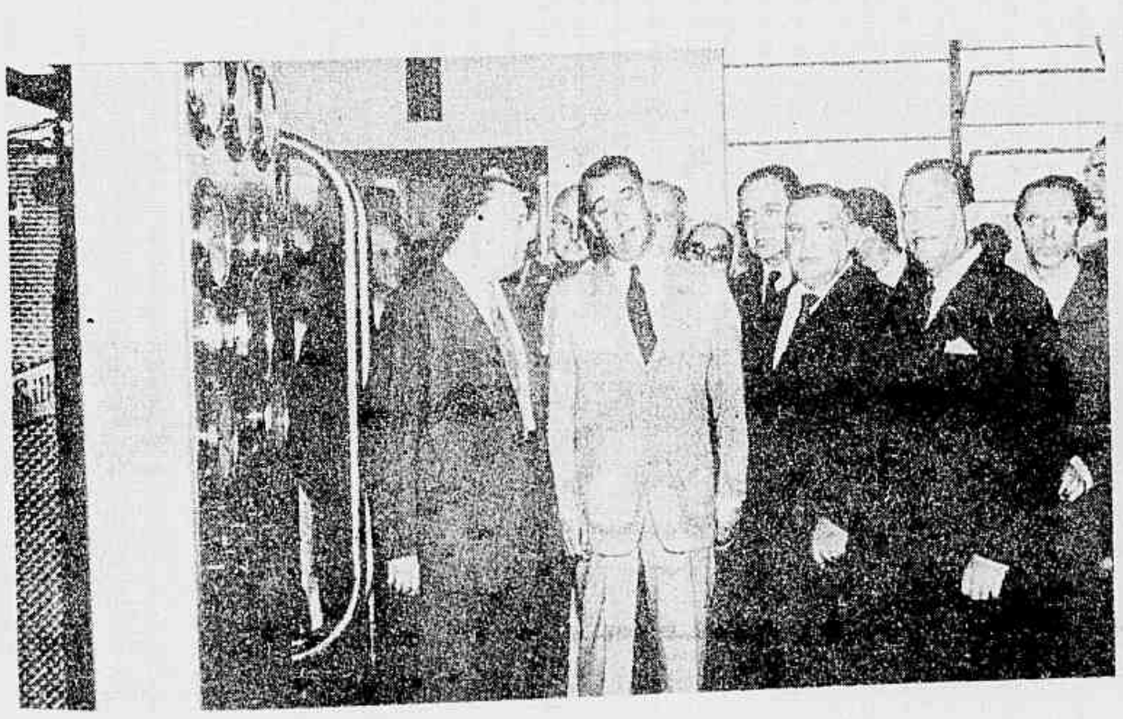
O dr. José Albuquerque Lins com a palavra

ia dora de leite da América do Sul

O Presidente verifica a inviolabilidade do fecho que resguarda de fraudes o leite engarrafado



Outro dos pavilhões que formam o grande conjunto de Triagem, erigido numa área de cêrca de 44.000 mts.2



O ministro da Agricultura e o Chefe da Nação entre os diretores da CCPL durante a visita

O sr. Roberto Oliveira Castro mostra ao presidente Juscelino a excelente manteiga ali fabricada

Leonor de Mendonça (ao alto) morre no palco e na bilheteria ante o descaso do público. O Duque de Bragança (em baixo) fica sabendo por seu criado (Freddi Kleeman) que sua espôsa vai receber um homem em seus aposentos.

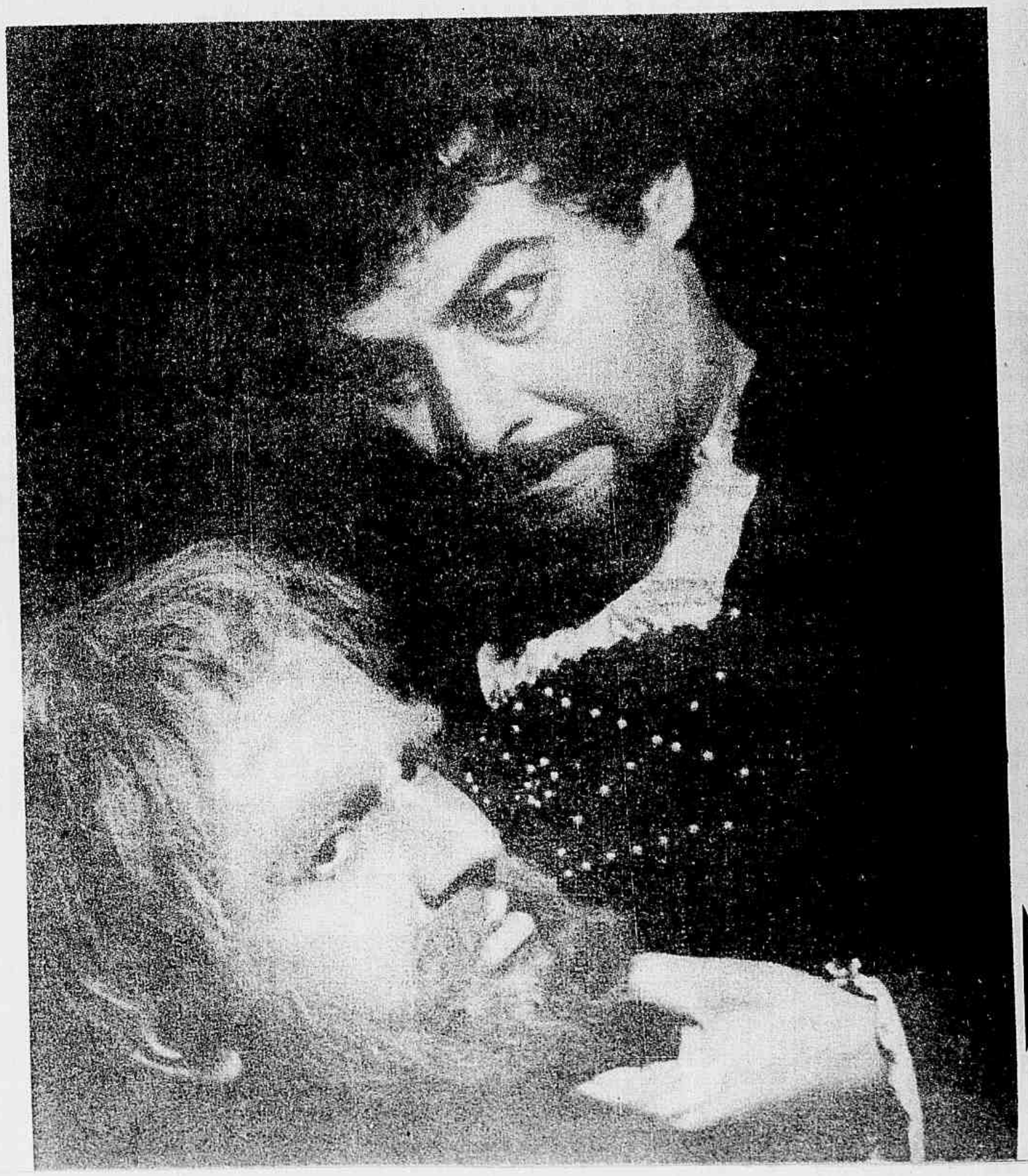
O AMOR, em «Leonor de Mendonça», é amor-próprio. As personagens de Gonçalves Dias são descendentes espirituais da revolução francesa. Suas paixões constituem auto-adoração e pouco mais. Deus, no sentido clássico-literário do têrmo, desapareceu de circulação com a monarquia de Luiz XVI. A partir dessa época, o homem seria sua própria divindade, até que fôsse metamorfoseado em «instrumento social» pela maioria pensante. O humano substitui o divino na metafísica do romantismo. Esta idéia é fundamental em «Leonor de Mendonça». Daí o individualismo exacerbado das personagens. São, no entanto, impuras suas manifestações. Gonçalves Dias faz uso estratégico de circunstâncias sociais, como determinantes do comportamento humano. Neste sentido, acompanha Hebbel e Schiller, românticos que são precursores de Ibsen. Assim, a escravidão da mulher ao homem está implícita na «causa mortis» de sua heroína, Leonor de Mendonça. Êste constitui um exemplo extremo da dualidade de visão do poeta.

Amor e morte são as constantes do texto. A paixão romântica contém o germe de sua própria destruição. O suicídio já foi moda como ideal de comportamento, após Goethe. O destino do homem está na sua vontade. Independe de causas externas. O elemento de crítica social em «Leonor de Mendonça» é anti-romântico. Nessa justaposição de circunstâncias e propósitos, baseia-se o delineamento das personagens. Auto-adoração e auto-imolação são sinônimos para os românticos: o ranço espiritualista que ficou da superação filosófica do divino pelo humano. A natureza abomina o vácuo. Privados do culto de fôrças sobrenaturais, os homens adoram a si próprios. A carne, porém, é fraca. Opõe-se a êste ideal super-humano. Os românti-

O AMOR EM LEONOR DE MENDONÇA

O SUICÍDIO JÁ FOI MODA ★ SEXO EM LEONOR DE MENDONÇA ★ GONÇALVES DIAS E OS TEMPOS MODERNOS ★ OS EMPRESÁRIOS E O GÔSTO DO PÚBLICO ★ O ACABAMENTO PROFISSIONAL DO ESPETÁCULO DO T. B. C.

Por PAULO FRANCIS



cos resolvem a contradição por auto-imolações: a morte como afirmação da vida.

A personagem «Alcoforado» resume as idéias de Gonçalves Dias sôbre o assunto. E como são repelentes para o espírito auto-crítico de nossa época! D. H. Lawrence uivaria como um cão se lesse o poeta neste contexto. Alcoforado não ama Leonor. Adora sua própria imagem na pessoa dela. Endeusa Leonor, porque se tem na conta de pequeno deus. Morreria pela imagem ideal da bem-amada, não dormiria com ela. Sexo é para bichos. «They make love through their nerves as it is impossible not to

O Amor em Leonor de Mendonça (continuação)

make love somehow», disse Lawrence dos heróis de Edgar Allan Poe, referindo-se à sua repulsa pelo amor carnal, que esconde um monstruoso egoísmo. A definição cai como uma luva em Alcoforado. E, no entanto, êle tem plena consciência do preço a pagar pelo seu desvario. Morre coerente consigo mesmo. Nisso reside a sua grandeza e validade para nós.

O Duque de Bragança, espôso de Leonor, ilustra outra modalidade de ódio à condição humana. D. Jaime vive à beira da loucura. Seu ideal de nobreza está em conflito com a morte ignominiosa de parentes próximos. Traz esta memória desde a infância, o que acentua o processo de identificação. Atormentado pela idéia de ignomínia e de morte, o pequeno deus quer refugiar-se num convento. Mais uma vez, aspiração e realidade são incompatíveis. O elemento de circunstâncias sociais é introduzido, aqui, como determinante do drama. Para satisfazer a conveniências políticas do rei de Portugal, D. Jaime casa-se com a primeira duquesa de Espanha, Leonor de Mendonça.

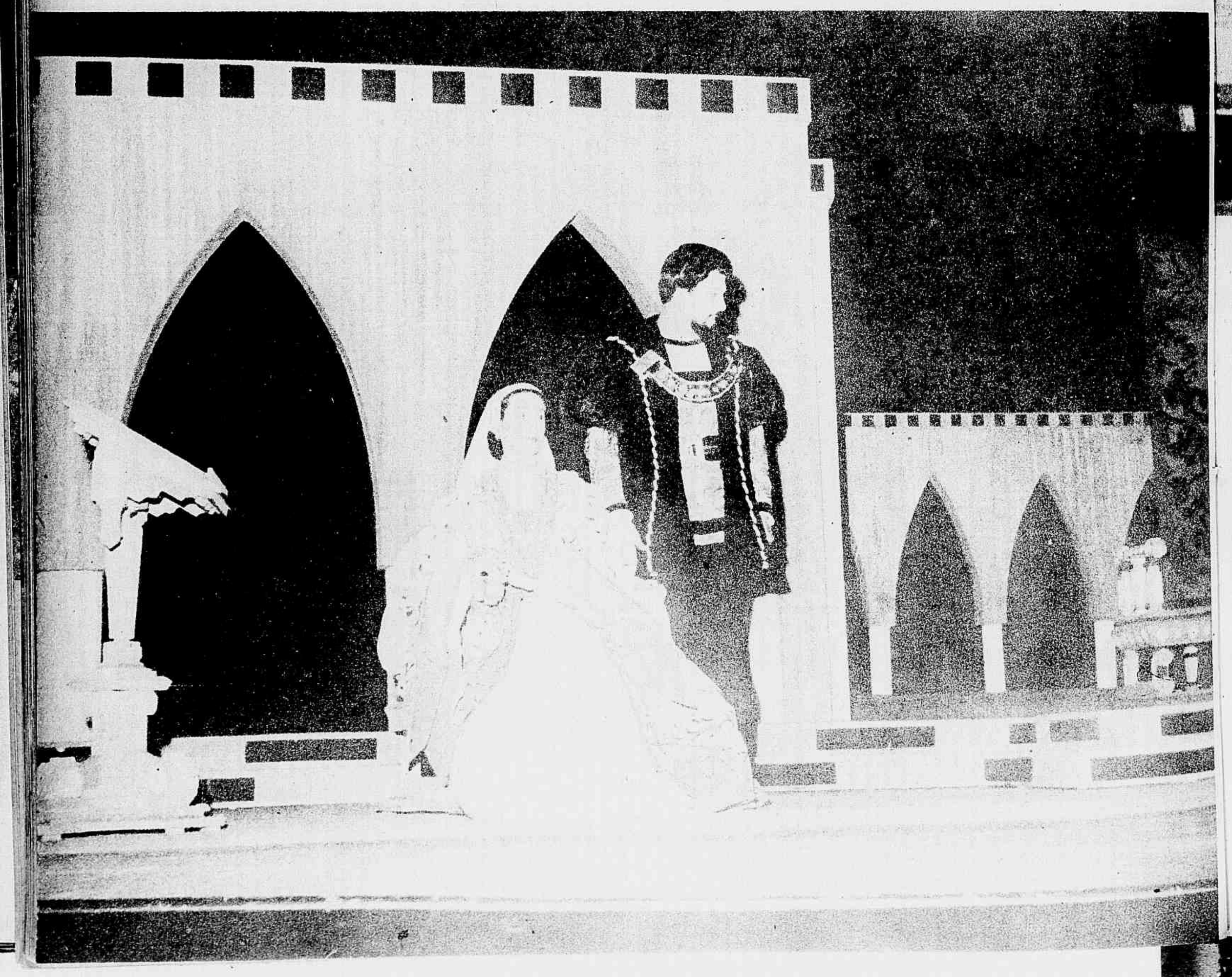
Forçado a distilar seu ódio à vida em meio a seus semelhantes, D. Jaime é despedaçado pelo seu conflito interior. A suspeita de adultério e suas conseqüências, no tocante a esta personagem, não passam de pretexto de Gonçalves Dias, para que atentemos na desigualdade social entre homens e mulheres. O Duque perde a razão cenas antes, durante uma caçada, quando a presença da morte, na forma de um javali, avança contra Leonor. Êle diz, pouco depois, referindo-se ao salvamento da espôsa por Alcoforado. «Ninguém arrisca a vida por generosidade». Neste instante, D. Jaime converte-se na besta-fera da floresta, cuja existência sempre reconheceu em si próprio, e contra a qual lutou até à loucura. Leonor de Mendonça difere das personagens precedentes, em sua inocência do que lhe reservam as paixões alheias e as próprias. Ela vive aprisionada por convenções e idéias contrários à sua natureza. Disso não se apercebe por dois motivos: o primeiro é a fôrça do hábito de subserviência, entranhado na consciência feminina por séculos de opressão masculina (as conclusões de Gonçalves Dias, sôbre o assunto, parecem algo ingênuas. O poeta não teria lido Shakespeare com atenção); o segundo são suas noções auto-divinizantes sôbre a pureza sexual das mulheres.

É, certamente, o desejo inconsciente de Leonor por Alcoforado — o fidalgo, diga-se de passagem, nada faz por torná-lo consciente — uma das causas de sua morte. Por outro lado, não há como exagerar o seu «rôle» de vítima de circunstâncias. Depois do incidente com o javali, o Duque necessitava sòmente de um pretexto para desencadear sua fúria homicida. Se não duvidasse da lealdade da espôsa, descobriria outro motivo fictício para destruí-la. Afinal, ela foi quem o impediu, embora inocentemente, de abraçar a vida monástica. O potencial de violência de D. Jaime já ficara demonstrado em seu primeiro contacto com Alcoforado. Havendo chamado a sua presença o fidalgo para agradecer-lhe o salvamento de Leonor na floresta, logo esquece que o mandou chamar; quando Alcoforado lhe dirige a palavra, D. Jaime o ameaça por haver interrompido seus pensamentos.

Assim, Leonor é menos a heroína romântica e mais o joguete de circunstâncias alheias à sua vontade. Isto faz dela uma personagem quase moderna. Em face da morte, descobre o lôgro em que caiu em vida, e recusa-se a ser mártir de sua inocência. Nada de curvaturas diante dos fados para Leonor. Ela segue para o matadouro, protestando até o último alento. É a isso que chamamos tragédia nos tempos modernos.

Gonçalves Dias discute no prefácio do texto, as diferenças de temperamento entre Alcoforado

AMOR E MORTE SÃO AS CONSTANTES DO DRAMA DE GONÇALVES DIAS, QUE LEO VILLAR E CLEYDE IACONIS PROTAGONIZAM.



Jorge Chaia é Lopo Coelho, capelão de Leonor de Mendonça. Convencido da inocência da jovem, êle se opõe à sua execução por crime de adultério, estabelecendo com isso um conflito entre Igreja e Estado. À direita: Antônio Alcoforado (Egídio Eccio) é o amoroso suicida, personagem típica do romantismo, que Goethe converteu em realidade histórica depois da publicação de seu WERTHER.

Pai e D. Jaime, que julga contribuírem para o equilíbrio do drama. Ziembinski discorda de Gonçalves Dias e nós discordamos de Ziembinski. Alcoforado Pai foi omitido do espetáculo do Teatro Brasileiro de Comédia. Outros cortes de menor importância foram efetuados, para reduzir a duração cênica de «Leonor de Mendonça». O motivo de tais práticas é, quase sempre comercial. Alguns empresários têm na conta de axiomática a indiferença do público por espetáculos longos. Esta é uma das raras idéias que lhes visitam as cabeças. Daí o seu apêgo à mesma, em face de provas esmagadoras de que não correspondem à verdade dos fatos. Em caso contrário, seria impossível explicar o sucesso internacional de peças de O'Neill, cuja duração é de mais de quatro horas, tais como «Strange Interlude» e «Mourning Becomes Electra». Se formos buscar exemplos no cinema, cujas platéias são mais incultas do que as teatrais, veremos que seus maiores êxitos de bilheteria, são justamente os filmes de maior metragem: «E o Vento Levou», no passado, e «Os Dez Mandamentos», no presente. Ziembinski pode alegar a necessidade dos cortes para maior concisão do espetáculo. Nisto tem tôda razão, pois, alcançou seu objetivo. Resta inquirir da validade cultural de se representar um texto romântico, mutilado à imagem formal do teatro moderno.

Feitas essas ressalvas, nada mais há que condenar no «Leonor de Mendonça» do TBC, um dos espetáculos de maior acabamento profissional já encenados no Rio. Vamos contradizer algo que dissemos ainda há pouco: o triunfo de Ziembinski principia pela mistura de estilos que adotou, aliás, recomendada para fins literários por Gonçalves Dias, no prefácio da obra. Realismo e anti-realismo coexistem para compor o complemento cênico da dualidade de visão do poeta. Com êsse recurso, Ziembinski preservou a integridade romântica do texto, ao mesmo tempo que realçou suas afinidades com o gôsto moderno. A inocência e a fragilidade de Leonor de Mendonça são imediatamente claras à entrada de Cleyde Iaconis no palco. A intérprete marca o contraste de conduta e de temperamento da personagem, assim como sua evolução de fantoche para criatura humana diante da morte.

Leo Villar, no Duque, antecipa-se à personagem na consciência de sua loucura. Gonçalves Dias caracteriza D. Jaime como «urbano e cortesão». Leo Villar jamais deixa transparecer isso. Em suas primeiras cenas com Leonor, existem o rancor e a ironia que o intérprete projeta tão intensamente; apenas, êle deveria fazê-lo com maior sutileza. Cabe a responsabilidade disso não a Leo Villar, mas a Ziembinski. O ator executou as idéias do diretor à perfeição, nivelando-se a Cleyde Iaconis.

Para representar Alcoforado, era necessário muita técnica ou nenhuma. Egídio Eccio preenche o segundo requisito. Êle torna crível esta personagem levemente absurda pela espontaneidade de seus recursos. Pena é que, por vêzes, confunda arrebatamento lírico com nervosismo.

Freddi Kleeman, Jorge Chaia e Célia Biar aparecem em «rôles» episódicos. Todos refletem o bom nível profissional do TBC, inclusive Célia Biar, que parece, no entanto, haver trocado Portugal por Paris.

Os cenários de Mauro Francini redimem êsse profissional de suas «inspirações» em obras alheias (Profundo Mar Azul, Uma Certa Cabana, etc.). Êles recriam o clima de lirismo sufocado do texto. Os trajes de Clara Hetany, excetuando a fantasia de aranha que infligiu a Cleyde Iaconis no último ato, acompanham em eficiência o trabalho da equipe do TBC.

FÔRÇA E MATÉRIA

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO»

◆ Muitas tentativas têm sido feitas, no setor das ciências filosóficas, sem resultados satisfatórios, por inúmeros intelectuais, para apreender e explicar à humanidade o que sejam Fôrça e Matéria, na sua concepção genérica.

Fôrça e Matéria, no entanto, constituem, hoje, um tema de simples análise, desde que desdobrado, sem graves reflexões teóricas, na seqüência dos princípios racionais. Dêste modo ficou o tema ajustado aos moldes de uma invulgar simplicidade, acessível ao raciocínio comum. Vale dizer que os princípios racionais são espiritualistas, e que, sòmente no campo da espiritualidade encontram solução os problemas do Espírito. A definição de Fôrça e Matéria acha-se, pois, dentro da lógica dos fenômenos psíquicos, divulgados pelo Racionalismo Cristão.

Todos os acontecimentos da vida estão indissolùvelmente ligados à ação da Fôrça sôbre a Matéria, e, por isso, nenhuma compreensão clara pode ser obtida dos fenômenos que convidam à investigação, sem que, primeiramente, adquira o ser êsse conhecimento básico, fundamental, elementar embora, dessa ação na composição do Universo.

Daí a importância do assunto e a necessidade de ser êle colocado em posição de elevada evidência, no terreno das cogitações da vida terrena, uma vez que, sem pleno conhecimento do que seja a criatura humana como Fôrça e Matéria, de nada valem as divagações filosóficas, que sem essa preliminar de sentido fundamental, não podem influir, decisivamente, na formação acurada da conduta individual.

Quanto mais nítida e real fôr a compreensão do ser no que diz respeito à ação do espírito sôbre o corpo físico, ou generalizando mais, da Fôrça sôbre a Matéria, mais depressa a clarividência do sentido espiritual lhe revelará as funções vitais da natureza universal.

Fôrça e Matéria, são duas expressões que centralizam em si a ciência que confere o conhecimento da Verdade. Os princípios que esta obra reune, apenas encerram a parcela de ensinamentos contidos naquela Verdade, que estão ao alcance da compreensão humana, desde que haja por parte do indivíduo o interêsse pelo estudo e pela observação, sem caráter irredutível de subordinação aos martelados ensinos sacerdotais.

O ser encarnado tem obrigações intransferíveis a satisfazer, e, por isso, necessita de apurar os seus conhecimentos sôbre a vida, para não estar incorrendo, constantemente, no êrro, em detrimento próprio e da coletividade.

E que é a vida senão a ação permanente da Fôrça sôbre a Matéria?

A Matéria não possui atributos; êstes, pertencem à Fôrça e se exteriorizam nas manifestações do espírito e na substanciação dos três reinos da natureza; os atributos que se evidenciam nos sêres encarnados, constituem, apenas, um reduzido número daqueles que podem revelar espíritos mais esclarecidos que, em decorrência do seu mais alto grau de evolução, não estagiam mais por êste planêta inferior.

A Fôrça, mantém o Universo regido sob leis naturais e imutáveis; são naturais, porque decorrem de uma seqüência lógica no processo da evolução, e são imutáveis, porque são absolutas, e neste sentido não há lugar para o imprevisto, para o acaso ou para a dúvida; impera, só e sempre, a exatidão, a certeza, a perfeição.

Dentro dêste regime deve o ser humano compreender que está a sua responsabilidade e está o seu dever.

Como partícula da Fôrça que é, não pode contrariar o que determinam as lei naturais, ou alterar o que nelas está estabelecido, sem sofrer as conseqüências dos seus atos, os quais repercutem, diretamente, na marcha da sua evolução, retardando-a.

Assim, sem êste conhecimento inicial, do modo pelo qual se desenvolve a partícula da Fôrça, no ritmo da sua evolução, e sem saber dar à Matéria o valor relativo que ela possui, não pode conduzir-se a criatura com o aproveitamento que lhe está determinado, disso resultando ter de submeter-se, em coordenação com aquelas leis, pela sua livre vontade e em duras experiências, a uma multiplicidade de reencarnações, que, de outro modo, seriam grandemente reduzidas.

Procurar conhecer a verdade sôbre si mesmo é um dever que assiste a todo o indivíduo, e os melhores esforços que forem empregados para atingir êsse objetivo não deverão ser poupados, nunca serão demais e nem perdidos.

A Fôrça e a Matéria são os dois únicos princípios fundamentais de que se compõe o Universo. A Fôrça é o agente ativo, inteligente, transformador; a Matéria é o elemento passivo, inerte, plasmável. Ambos, na sua forma original, indivisível, fundamental, imponderável, penetram todos os corpos, estendendo-se pelo espaço Infinito, Universal.

A Fôrça age, dispondo dessa Inteligência Absoluta, que também a define, e utiliza-se da Matéria, naquele seu estado primário, como condição ou meio para a sua evolução, a qual não pode ser contida, em obediência a Leis imutáveis, que escapam à apreciação comum, com os limitados recursos que tocam ao planêta Terra.

No Universo nada há de novo. Nêle, nada se perde. Tudo está criado. Há, só, transformações da Matéria e evolução da Fôrça. Transforma-se a Matéria em matéria organizada básica, pela ação da Fôrça, e por esta mesma ação formam-se os inumeráveis corpos compostos, em combinações incontáveis das partículas da matéria organizada. Composição e decomposição, agregação e desagregação dos corpos, são resultados da ação mecânica da vida.

(Continua no próximo número)

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

SEM COMPROMISSO

(Continuação da pág. 26)

Orlando Orff Orffei (foto), foi mordido por uma leoa. Com a mão sangrando, continuou no entanto o espetáculo. No dia seguinte, com a mão enfaixada (foto) fêz as paxes com a leoa.

◇

Linda Darnell casou-se pela quarta vez. O matrimônio realizou-se em Riverside, na Califórnia, e o seu novo marido é o pilôto civil Merle Robertson.

◇

Foi muito bem recebida na Suécia a vitória do Brasil sôbre o Peru. Os suecos (que patrocinarão o próximo campeonato), estavam com mêdo de perder a grande vedete do espetáculo, que ainda é o Brasil.

◇

Gunnar Nordenson (foto), comandante do navio Stocholm, que colidiu com o Andrea Doria, voltou ao comando do seu navio. Ei-lo (na foto) orgulhoso e compenetrado.

◇

O Príncipe Pedro de Mônaco, pai de Rainier III, encontra-se atualmente em Roma. O avô de Carolina, que vai se casar com a sra. Audrey Emery, está fazendo muita ginástica e tomando muito banho turco a fim de melhorar as «linhas».

◇

A Rainha Elizabeth (foto), acompanhada do Príncipe Felipe, visitou o Colégio de Arrow e assinou seu nome na pelota com a qual será realizado o campeonato estudantil da escola.

◇

Irene Papas, a atriz grega que depois de trabalhar na Itália, se fixou em Hollywood, firmou um contrato de sete anos com uma grande emprêsa norte-americana. A atriz reside no Chateau Mermon, em Hollywood.

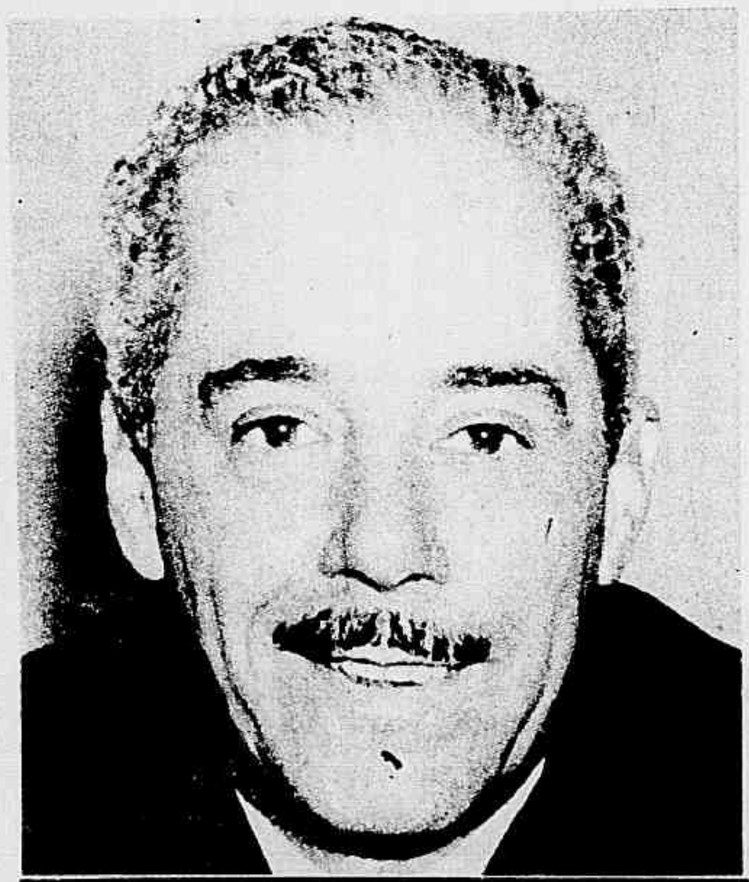
◇

Há uma onda muito grande na Rússia, contra Chepilov. O ex-Ministro do Exterior (que durou apenas 8 meses no cargo), é hoje um homem a caminho do ostracismo.

◇

UM CASAL MUITO AFINADO

◆ São muitos os do rádio que casaram com moças do rádio. E têm seguido seus rumos, sem encontrar aquelas estradas perigosas do ciúme que muitas vêzes dão abismos enormes, separações definitivas. O que está de fora precisa ter uma sustentação grande e compreender sem complicar a vida que o artista leva, bem diversa da que divulgam as revistas especializadas. Rádio é trabalho intenso, é luta igual a qualquer luta, sem sobrar tempo, pois a profissão conta e vende minutos. Eis aqui um casal modêlo. Eis um cantor desta nova geração, intérprete dos mais sóbrios e artista dos mais disciplinados. Ela, a locutora de voz maravilhosa, convincente e original. Romeu Fernandes e Silvana Aguiar. Ela da Rádio Nacional. Êle da Mayrink Veiga. Ambos têm caminhado de mãos dadas pela vida e caminhado vitoriosamente.



E LÁ SE FOI O SERESTEIRO!

◆ Sílvio Caldas viu êsse rádio crescer com olhos de menino. Agora êle vê também os costumes mudando sem se assustar, pois sendo da noite, ela é que ensina coisas e não deixa ninguém envelhecer. Ficam velhos os homens que dormem cedo, não bebem nada e juntam dinheiro. Sílvio pratica êsses três esportes ao contrário e está aí com a voz melhor que um brasileiro pode ter e sem botar a touca do medroso que não sobe no avião. Está a caminho do Cairo. Vai cantar — como tôda gente sabe — para os «pracinhas» de Suez. Mas depois seguirá para Itália, Portugal, Espanha, França, Suíça, porque afinal, cantar é bom, mas chega uma hora que é preciso faturar.

CRÔNICA

NÃO PERCAM A CABEÇA!

A nossa cabeleira teve as suas mais diversas e mais variadas fases.

Se nunca chegamos a imitar aquelas cabeleiras de nossos irmãos, redondamente certas como se o côco fôsse o seu grande inspirador, não chegamos também a usar as longas cabeleiras postiças dos tempos de Luís XIV, nem chegamos a um exagêro tal de moda que importássemos fígaros de terras distantes sòmente para nos arredondar as pontas dos bigodes. Vamos esquecer êsses homens muito de ontem e vamos nos agarrar, já numa época em que Ricardo Cortez, Ramon Novarro e outras figuras do cinema nos impunham as suas vontades mesmo sem propósito. Usamos as nossas costeletas de variadas formas; umas eram longas e finas, outras longas e no final pareciam ter uma espécie de base (a moda Flores da Cunha quando vistas) e até umas que terminavam superfiníssimas formando um verdadeiro triângulo de cabelo calçando as nossas orelhas. Quanto aos cabelos, os «cacheados» sempre foram o bem querer das donzelas daqueles tempos. Era, no entanto, polidas como botinas, lustrosas e negras como ditava o figurino da época. Existiam uma infinidade de denominações para o que era de homem: costeletas a Valentino, cabelos a Ramon Novarro, e até Raul Roulien quando voltou da sua viagem a Hollywood nos deu um paletó de dois papos estufados debaixo dos braços, paletó que êsse Brasil usou sem deixar de mencionar «A La Roulien». Quanta coisa borocochô já provaram os elegantes dêste meu Brasil. De um dia para outro aconteceu a moda do cálcio e do sol. Dempsey ganhava o título de campeão mundial e o cabelo a «Jack Dempsey» foi um furor neste mundo brasileiro. Alguns mais antigos diziam-no «príncipe Danilo». Depois entramos numa misturação de modas e costumes e cada um foi fazendo de suas barbas, seus bigodes e seus cabelos o que bem entendia. Os carecas passaram a ser uma realidade indisfarçável e, por mais que a ciência se debruçasse com bons óculos sôbre vegetais animais e minerais nada foi descoberto. Yul Brynner nasceu porém como um lenitivo. Antes dêle porém a moda era deixar cair um cacho pela testa, nem muito curto nem tão comprido que dava ao moço brasileiro aquêle ar de displicência, do homem triste inventado por James Dean. E os moços ficaram tristes, com seus cachos-fantazia e, as moças tristes com êles. Mas James Dean apagou depressa e mal se chorava a sua figura já Elvis Presley se arreganhava diante do público moço do mundo trazendo duas polpudas costeletas e uma cabeleira dos tempos de moço do poeta Olegário Mariano. E foi um tal de deixar crescer cabelo «roquiar» por êsses «copas-golfes», e soltar pé na tábua nas lambretas recém-nascidas. Yul Brynner chegou e acabou com êsse baile que a bem pouco estava. Não é mais «rock», não é mais triste, não é mais nada o que dentro da alma agasalhada de «blue jean» da nossa mocidade. Ela decidiu pelar a cabeça! Perigo à vista sem dúvida, pois aí vem Kirk Douglas cortando a orelha fazendo Van Gogh. Queira Deus a moda não pegue!

EM MATÉRIA DE DISCOS

DE DINAH SHORE PARA NÓS (78)

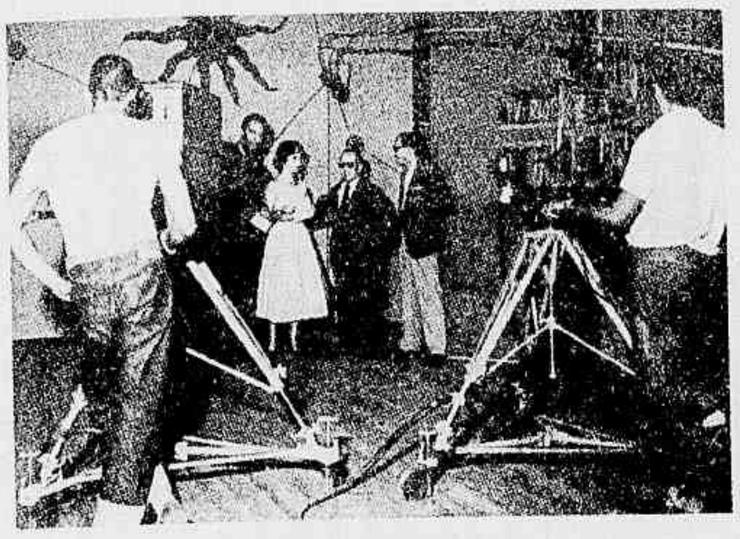
* Whatever Lola Wants
* If I Give My Heart to You
* Blue Canary
* Bela Música
* The Top Pops (L.P.)
* Top Pops
* De Mãos Dadas... Meia Noite.

Dinah Shore, a encantadora estrêla da RCA Victor.

OS DEZ MAIS VENDIDOS

* Recital de Despedida — Beniamino Gigli (Angel)
* Depois das Dez — Steve Bernard (Polydor)
* Ritmos Favoritos de Dança — Sexteto Rex (Rádio)
* Satchmo em Cena — Louis Armstrong (Decca)
* Raul Show Moreno e Los Peregrinos (Odeon)
* Imaginação — Victor Young (Decca)
* Andrés Segovia interpreta... (Decca)
* Studies In High Fidelity (Capitol)
* Momentos Dourados — Camarata e Orquestra (Decca)

QUATRO INSTANTÂNEOS SÃO NOTÍCIAS



Em plena ação na TV Rio (à esquerda) um grupo de autênticos cartazes neste instantâneo. Podemos ver a moça da voz mais gostosa que a televisão nos dá. Neide Aparecida, ladeada de Rui Pôrto, Nilo Sérgio (que está lançando magníficos LPs em 45) e o cronista Edel Nei.

◆

Quatro cartazes aparecem juntos (à direita), também num programa que está marcando sucesso na TV Rio: «Os 3 Brotinhos». No caso os «brotos» femininos são: Marilu Bueno, Glória Cometh e Sônia Correa, esta agradando sempre e muito. E o galã que se vê tão assediado é Aurimar Rocha, nome também seguro do teatro brasileiro.

Todos os meses o Clube dos Amigos da Tupi, presidido por Fernando José (à esquerda), dá uma medalha ao artista do mês. Em março passado foi Sivuca o escolhido e aí o temos ao lado do autor da iniciativa. Sivuca vem de gravar também um magnífico L. P. na marca «Copacabana».

◆

O «disc-jockey» José Messias (à direita) assinou contrato com as «associadas». Êle é considerado, por várias razões, um dos melhores no gênero e já, a esta altura vai integrar a equipe de José Mauro, que está fazendo rodar de maneira cada vez melhor os mais variados discos nacionais e estrangeiros. Eis o homem no barbeiro.

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

NASCE MAIS UM SANFONEIRO

UM INSTANTÂNEO RARO. Uma das primeiras fotografias que tirou Eugênio logo após o seu nascimento na Beneficência Portuguêsa. Mário Mascarenhas sabe que terá outro filho com o talento musical do primeiro e sabe também que precisa de gente sua para reger as múltiplas academias espalhadas pelo Brasil a fora.

◆ Está Mário Mascarenhas com sua felicidade consolidada. Tudo volta, novamente a ser sol, luz e alegria. A reconciliação seria um motivo, mas um motivo bem grande, também, foi a vinda de mais um herdeiro, mais um sanfoneiro, que mal sabendo da vida também ignora que já nasceu rico, sócio de Mascarenhas Júnior que já sabe dos segredos de sua sanfona e mais ainda da arte da acrobacia por culpa de Fred e Carequinha de quem é amigo do peito. Mário Mascarenhas nos escreve contando em poucas linhas o que é de seu:

«Meu caro amigo.

O menino chama-se Eugênio, nome de meu sogro e em homenagem a êle, que se chama ao todo Eugênio Stanislau Chmura (polonês). Minha sogra chama-se Maria de Lurdes Cantô Chmura (espanhola). Minha mãe chama-se Isa Mascarenhas da Rocha. O menino nasceu no dia 21 de março às 4:30 da manhã, na Beneficência Espanhola. O primeiro filho chama-se Mário Mascarenhas Jr. Nasceu acrobata, planta bananeiras e cambalhotas igual ao Carequinha da Televisão Tupi. Grande tendência para música, ótimo ouvido e finge que dança o «xaxado». Êstes são alguns dados de um Pai Coruja, para os quais peço desculpas. Com os sinceros agradecimentos, espero com satisfação a sua vinda à minha Academia. (a) Mário Mascarenhas.»

O MAIS NOVO ACORDEONISTA BRASILEIRO é o filho de Mário Mascarenhas que é Mário também. O pai confessa que êle será grande na música, e que desde cedo demonstrou grande tendência para a música. Eis aqui o «brôto» e sua sanfona da mesma idade, numa pose realmente bonita. Daqui a pouco, mais um artista ganhará esta terra e com uma «pinta» de galã que não esconde desde já.

Depois de uma separação que durou 165 dias (bem contados) Elizabeth e Filipe dão início à sua segunda luta de mel. Apesar de todos os rumores e de tudo que foi publicado, a Rainha da Inglaterra e seu real espôso continuam impávidos à procura do que chamam o «nosso futuro».

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

O ex-Rei Farouk (mais deselegante do que nunca) apresentou sua filha Ferial à sociedade de Cannes. Ela tem 17 anos, rosto inexpressivo, traços vulgares e a exuberância de formas, que é evidentemente uma herança paterna. Detalhe curioso: Farouk exerce extrema vigilância sôbre a filha e chega até a controlar o seu «carnet de baile».

Embora pareça surpreendente, a expressão dêstes senhores não resultou de nenhum truque fotográfico. Aconteceu apenas que êles saíram com sua mãe e viram uns automovinhos de brinquedo realmente muito bonitinhos. E o chôro (em cadeia), veio quando ela se recusou a comprá-los. Têm dois anos e nessa idade (sabeis), o chôro é fácil e espontâneo. Mas o sorriso viria logo depois (também fácil e espontâneo), quando não resistindo aos protestos sua mãe resolveu comprar os três automovinhos.

Dizem que êste será o novo Marlon Brando. Chegou da Indochina, chama-se Anthony Perkins e já é bastante conhecido. Seu filme com Gary Cooper, «The Friendly Persuasion» deu aos que o viram a sensação de que dentro em pouco êle será uma das grandes atrações do cinema.

Esta é a mais recente foto do caudilho Franco, que há longos anos domina a Espanha. Aos 65 anos está forte e bem disposto. Nos recentes acontecimentos na Espanha, Franco mostrou que ainda está longe do declínio e que ainda domina o país com mão de ferro.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

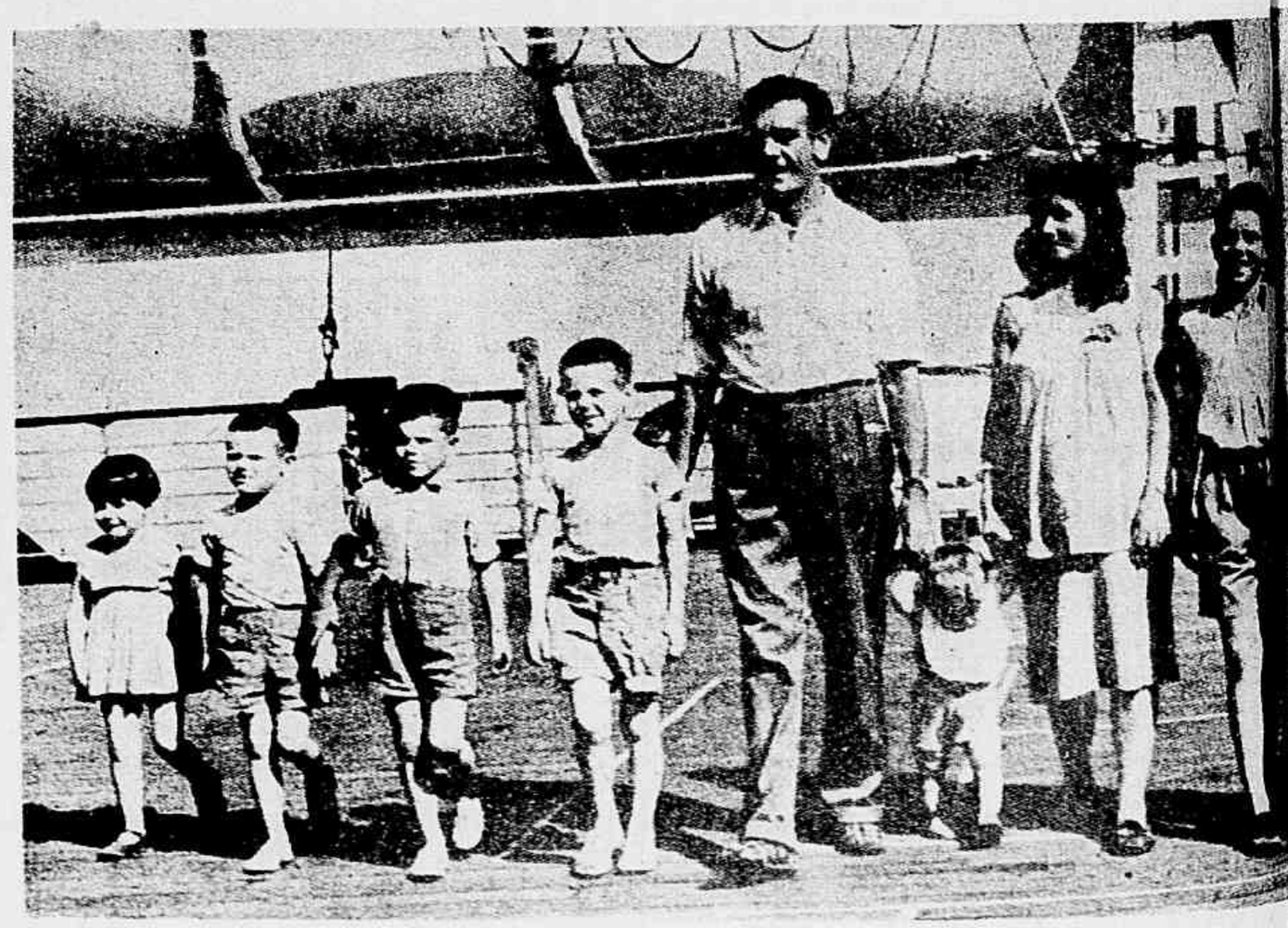


Foto da famosa «esquadra azzurra» em 1930, quando era considerada uma das 3 mais poderosas do mundo. Mas a estrêla italiana empalideceu logo depois. Começaram a aparecer os casos de subôrno, o «toto calcio» desvirtuou completamente o sentido e as finalidades esportivas, e o prestígio italiano no futebol quase que desapareceu. Agora, os dirigentes italianos estão interessados em revivê-lo, em recuperar o tempo perdido. E já para 1958 (na Suécia) preparam um selecionado poderoso, capaz inclusive de conquistar o título máximo.

São 10 bôcas a chamá-los de papai e mamãe. E breve (vê-se fàcilmente na foto) serão 11. São o sr. e a sra. Doyle e vivem na Austrália. São felizes e não se consideram pobres, embora vivam com dificuldades. E quem se consideraria pobre com 10 filhos iguais a êstes, fortes e saudáveis?

Paris encontrou uma nova Mistinguett. É o que dizem jornais e revistas franceses. E todos se referem a Zizi Jeanmaire (foto), de belas pernas e com tôdas as impressionantes qualidades da famosa vedeta desaparecida, e que encheu uma época de Paris e do mundo.

CO

HOJE
editor He
borar co
ingressei
quando
fabeto"
dessa g
trabalho
norma r
liberdad
a minha
tamente
sando:
O Ibrah
mais b
— Aind
uma co
melhora
além da
que me
é de H
vocês.

ENTR
dros de
dentro
que jan
o Presi
também
cerimôn
na Rús
Itamar
Paulo
visita
será re

EME
mento

COLUNA DE IBRAHIM SUED

Exclusiva para REVISTA DA SEMANA

HOJE ESTOU aqui, novamente com o conhecido e temido editor Hélio Fernandes. Várias razões me fizeram voltar a colaborar com êsse jovem editor carioca: Foi pela sua mão que ingressei em "Manchete", quando eu ainda não tinha nome, quando milhares de leitores perguntavam: "Quem é êsse "analfabeto" que se meteu a escrever sôbre sociedade?" ...Além dessa gratidão que tenho por Hélio, também sinto prazer em trabalhar sob a direção de um DIRETOR que sempre teve como norma respeitar as opiniões dos jornalistas, dando-lhes plena liberdade, desde que o assunto fôsse por êles assinado... Com a minha estréia na revista dirigida pelo meu amigo Hélio, certamente milhares de leitores ficarão curiosos e intrigados pensando: A REVISTA DA SEMANA deve estar com "caixa alta". O Ibrahim está escrevendo lá, e o "Ibra" é um dos jornalistas mais bem pagos da imprensa brasileira... Não! Não! — Ainda não combinei os meus honorários com Hélio, mas, de uma coisa vocês podem estar certos: A REVISTA DA SEMANA melhorou muito; está vibrante, informativa e penetrando e isso além da minha amizade e admiração por Hélio, foram as razões que me fizeram voltar a escrever em uma revista cuja direção é de Hélio Fernandes! Portanto meus amigos aqui estou com vocês.

◇

ENTRE MIM, vocês e a sociedade: O Governador Jânio Quadros deve estar sofrendo um grande drama. Como se sabe, dentro de sua demagogia, êle sempre anunciou e fêz alarde que jamais usaria um fraque ou uma casaca ...Acontece que o Presidente Craveiro Lopes (que nos visitará em junho) irá também a São Paulo e de acôrdo com o protocolo, em várias cerimônias, será obrigatório o uso do fraque e da casaca (até na Rússia é assim). Consultado o Presidente Kubitschek pelo Itamarati, a resposta foi a seguinte: "Se o Governador de São Paulo quiser desrespeitar o protocolo nas programações da visita do Presidente de Portugal, o Presidente Craveiro Lopes será recebido em São Paulo pelo Prefeito Ademar de Barros..."

◇

EMBORA SE fale, e já tenha sido bastante anunciado, o casamento do sr. Jorge de Castro com a srta. Gilda Leyraud, uma personalidade, a mais ligada a êsse assunto, ainda não sabe de nada: o Almirante Leyraud.

◇

TENHO a impressão que o sr. Roberto Lacerda desta vez não escapará do seu segundo casamento. O seu namôro com a senhorita Dolabela é um namôro de quem não está apenas passando tempo...

◇

NO "COCKTAIL" do jornalista e senhora Raymundo Cartier, apenas uma senhora — Yeda Schmidt — usou um autêntico Dior.

◇

DIA 2 DE JUNHO acontecerá no Recife a "Festa da Pulseira". O acontecimento será no Clube Internacional e êste colunista foi convidado por Ruy Selmo para fazer entrega de uma pulseira de diamantes à senhora premiada. Apesar de ser no dia seguinte da Festa das Debutantes que promoverei aqui no Rio, farei fôrça para não faltar ao convite e conhecer melhor a sociedade recifense.

◇

UMA EX-MODÊLO de Van Cleff Arpels, de Nova Iorque, cujas fotografias exibindo as riquíssimas jóias dêsses mundialmente conhecidos joalheiros, saíam em todos os cantos do mundo, é hoje a sra. Hélio Guerreiros, vivendo num apartamento da Av. Ruy Barbosa. A ex-capa de revistas, trocou a sua vida de fama e circulação por uma vida burguesa no Rio de Janeiro. Êles se conheceram na "Noite Brasileira" que aconteceu no Waldorf Astoria em Nova Iorque. Foi um romance rápido e um casamento mais rápido ainda, que aconteceu na Igreja Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, Rio de Janeiro, Brasil.

◇

A "FESTA DAS DEBUTANTES" está decididamente marcada para o dia primeiro de junho no "Golden-Room" do Copacabana Palace, em benefício das obras sociais do Frei Leão de Petrópolis. Já está definitivamente acertado os "debut" das senhoritas: Vânia Araújo; Gilda Chama; Ana Maria Salgado; Ana Maria Landin; Beatriz Dourado Lopes; Maria Tereza Araújo; Célia Brandão Maldonado; Sandra Fontoura; Regina Helena Guimrães Altílio; Tanit Galdeano; Regina Sales; Josely Aires de Souza; Maria Lúcia Freitas; Helena Maria Pinheiro; Beatriz Maria Arrouchellas Correa e Ana Lúcia Pires. Aí estão dezesseis jovens que serão apresentadas à sociedade brasileira. Faltam quatro nomes, que depois contarei para vocês. Contarei aqui mesmo na próxima segunda-feira.

◇

O ASSUNTO do dia no "society" paulista continua sendo a "bomba" da notícia do divórcio do sr. e sra. Cornélio Procópio. Mas, uma outra "bomba" vai estourar no "society" paulista e também é divórcio (!). Depois eu conto...

◇

E amigos, aqui estarei semanalmente com vocês. Até segunda-feira!

EIS UMA notícia que dou em primeira mão para vocês: a nossa muito conhecida sra. George Litman, «nee» Dolores Sherwood, ex-Guinle, hoje residindo em uma luxuosa casa no bairro mais elegante de Paris, o Neuilly, virá ainda êste ano ao Rio. E tenho a certeza, que muita gente que jogou pedras quando Dolores partiu do Brasil, vai recebê-la com festas e beijinhos, pois entre outras coisas, além da grande fortuna que possui, seu marido será recebido pelo Presidente da República e pelo Governador de Minas Gerais. O govêrno está interessado em que o sr. Litman faça investimentos em uma indústria siderúrgica de Minas. Êste colunista estará aqui mesmo para noticiar as festas em homenagem a senhora Litman. Vai ser engraçado!

Na foto, a hoje sra. Litman, quando ainda Dolores Guinle, numa festa de caridade no Copacabana. Ao seu lado, em pé, o muito conhecido Oscar Ornstein.

ZAQUIA JORGE:

VIVEU PARA O TEATRO E MORREU (tràgicamente) NO MAR

ABANDONOU OS PALCOS DA CIDADE E FOI FAZER TEATRO NO SUBÚRBIO ★ ANOS DE SACRIFICIO ★ NÃO SABIA NADAR MAS ERA UMA ENAMORADA DO MAR ★ E ACABOU SENDO VITIMADA POR ÊLE

Reportagem de ELMO LINS

Zaquia Jorge. 31 anos, brasileira incansável, sente-se consumida e culpada em Madureira, e resolveu dar seu sacrifício. Deus, naturalmente Morreu, tràgicamente.

Durante 8 anos, Zaquia Jorge trabalhou exaustivamente. Dia e noite ensaiando, representando, lutando contra a timidez do público e a resistência dos próprios profissionais que acharam Madureira muito longe. Resolveu formar seus próprios artistas. E hoje sua companhia era quase que formada pelo que se chamava nos meios profissionais de «elenco Zaquia Jorge».

Era amiga de todos, sabia ser companheira, embora não abdicasse nunca da condição de chefe. Mas sabia se impor suavemente, sem exibicionismos e sem exercer tirania. Não tinha um só inimigo, e para quem conhece o hostilíssimo meio teatral carioca, isso parece quase impossível.

Mesmo nos dias de folga (segundas-feiras) não abandonava sua companhia. Programava passeios a lugares pitorescos, geralmente à beira-mar, de preferência na zona sul da cidade. Era uma apaixonada do mar. E acabou vítima do (tràgicamente) por êle. Não sabia nadar e por isso não se aventurava muito, preferia ficar mesmo pela areia. Mas uma onda mais forte lhe subiu, lançou num buraco perigoso. Morreu.

A notícia da morte de Zaquia correu rápidamente. Poucas horas depois a cidade inteira se conhecia e lia. Todos queriam saber como fora. Poucos podiam explicar. Celeste Aida, grande amiga de Zaquia, presente no fundo da morte de Zaquia, contou detalhes. «Chegamos por volta de 1 hora à Ilha do Pinto. Ao longe eu tinha avistado no local chamado Macumba. Fiquei na areia, bem longe, sabia nadar. Neide Lopes e Zaquia ficaram mais perto das ondas. Os outros se dividiram. Logo depois vieram me dizer que Zaquia estava desaparecida. Corremos. Neide apesar de não saber nadar, tentava salvar Zaquia. Conseguiu-o. Mas logo uma onda mais forte levou-as outra vez. Neide reapareceu e consegui puxá-la pelos cabelos. Lancei-me então à água e tentei trazer Zaquia. Mas ela, na ânsia de salvar-se, atrapalhou-me os movimentos, e chegou mesmo a arranhar-me o pescoço. Os outros não puderam ajudar-me, pois não sabiam nadar. Um dos rapazes conseguiu localizar um guarda-vida, que depois de alguns mergulhos encontrou Zaquia. Trouxe-a para a areia, mas já era muito tarde.»

Detalhe impressionante. De um grupo de 10 pessoas só uma (Celeste Aida) sabia nadar. Se algum outro soubesse nadar, a artista possìvelmente estaria salva.

Zaquia tinha 31 anos. Há 8 estava em Madureira. Investiera milhões no seu teatro. E só agora o negócio começava a render, a apresentar lucro. Foi uma luta terrível. Para o próprio dia de sua morte estava marcado um coquetel comemorativo.

O corpo de Zaquia foi velado no palco do teatro Madureira. No mesmo cenário de seu trabalho, de seus sonhos, e onde colheu tantos aplausos, seu corpo descansou pela última vez. Seu público, fiel até a última cena, compareceu. Dois milhares formaram realmente uma multidão. Só que agora, sem cambistas, sem entradas pagas, sem propaganda, compareciam para o adeus final.

ZAQUIA JORGE:

VIVEU PARA O TEATRO E MORREU (tràgicamente) NO MAR

ABANDONOU OS PALCOS DA CIDADE E FOI FAZER TEATRO NO SUBÚRBIO ★ ANOS DE SACRIFÍCIO ★ NÃO SABIA NADAR MAS ERA UMA ENAMORADA DO MAR ★ E ACABOU SENDO VITIMADA POR ÊLE

Reportagem de ELMO LINS

Zaquia Jorge. 31 anos, lutadora incansável, estava começando a colhêr, em Madureira, o resultado de seu esfôrço. Viveu trabalhosamente. Morreu tràgicamente.

◆ Foi uma lutadora, e pode-se dizer, uma pioneira. Tendo firmado seu nome no teatro de revista da cidade e de Copacabana, resolveu um dia abandonar tudo e ir trabalhar no subúrbio. Pela primeira vez, o subúrbio era cogitado como «praça» para o teatro de revista.

Durante 5 anos, Zaquia Jorge trabalhou exaustivamente. Dia e noite, ensaiando, representando, lutando contra a timidez do público e a resistência dos próprios profissionais que achavam Madureira muito longe. Resolveu formar seus próprios artistas. E hoje, sua companhia era quase que formada pelo que se chamava nos meios profissionais de «elenco Zaquia Jorge».

Era amiga de todos, sabia ser companheira, embora não abdicasse nunca da condição de chefe. Mas sabia se impor suavemente, sem exibicionismos e sem exercer tirania. Não tinha um só inimigo, e para quem conhece o hostilíssimo meio teatral carioca, isso parece quase impossível.

Mesmo nos dias de folga (segundas-feiras), não abandonava sua companhia. Programava passeios a lugares pitorescos, geralmente à beira-mar, de preferência na zona sul da cidade. Era uma apaixonada do mar. E acabou vitimada (traiçoeiramente), por êle. Não sabia nadar e por isso não se aventurava muito, preferia ficar mesmo pela areia. Mas uma onda mais forte foi buscá-la, jogou-a num buraco perigoso. Matou-a.

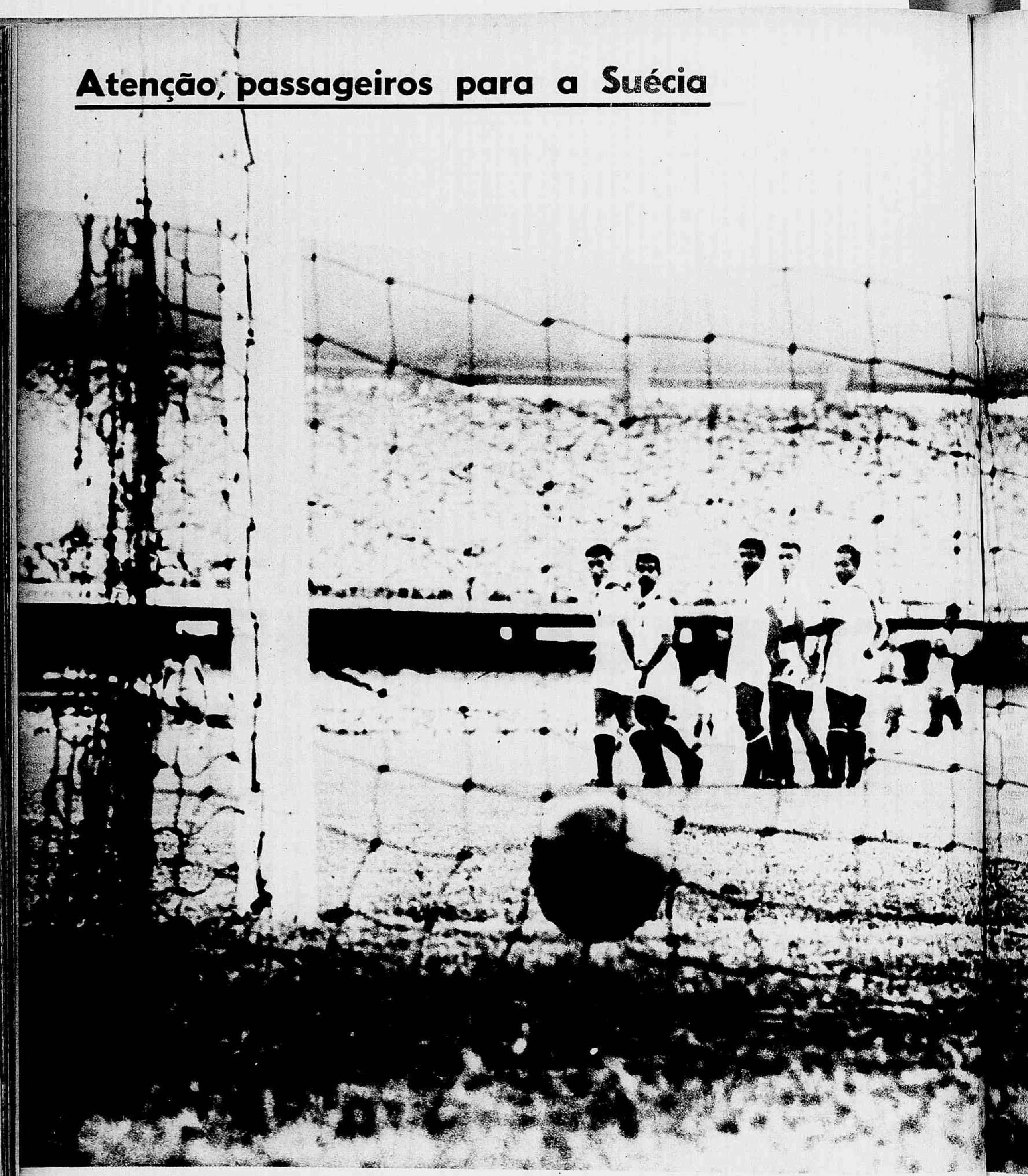
A notícia da morte de Zaquia correu ràpidamente. Poucas horas depois a cidade inteira já conhecia o fato. Todos queriam saber como fôra. Poucos podiam explicar. Celeste Aida, grande amiga de Zaquia, presente ao banho de mar final de Zaquia contou detalhes: «Chegamos por volta de 11 horas à Barra da Tijuca. Ao meio dia fomos almoçar no local chamado «Maloca». Depois do almôço, farto, fomos nadar. Sempre fazíamos isso. Mudamos a roupa, mas sòmente Neide Lopes e Zaquia ficaram mais perto das ondas. Os outros se dividiram. Logo depois vieram me dizer que Zaquia estava desaparecida. Corremos. Neide apesar de não saber nadar, tentava salvar Zaquia. Conseguiu-o. Mas logo uma onda mais forte levou-as outra vez. Neide reapareceu e consegui puxá-la pelos cabelos. Lancei-me então à água e tentei trazer Zaquia. Mas ela, na ânsia de salvar-se, atrapalhou-me os movimentos, e chegou mesmo a arranhar-me o pescoço. Os outros não puderam ajudar-me, pois não sabiam nadar. Um dos rapazes conseguiu localizar um guarda-vida, que depois de alguns mergulhos encontrou Zaquia. Trouxe-a para a areia, mas já era muito tarde.»

Detalhe impressionante. De um grupo de 10 pessoas só uma (Celeste Aida) sabia nadar. Se algum outro soubesse nadar, a artista possìvelmente estaria salva.

Zaquia tinha 31 anos. Há 5 estava em Madureira. Invertera milhões no seu teatro. E só agora o negócio começava a render, a apresentar lucro. Foi uma luta terrível. Para o próprio dia de sua morte estava marcado um coquetel comemorativo.

O corpo de Zaquia foi velado no palco do teatro Madureira. No mesmo cenário de seu trabalho, de sua ação, e onde colheu tantos aplausos, seu corpo descansou pela última vez. Seu público, fiel até a última cena, compareceu. Eram milhares, formavam realmente uma multidão. Só que agora, sem cambistas, sem entradas pagas, sem propaganda, compareciam para o adeus final.

Atenção, passageiros para a Suécia



UM GOL DE DIDI SALVOU OS TU

TURISTAS DO FUTEBOL BRASILEIRO

UM GOL DE DIDI SALVOU OS TURISTAS DO FUTEBOL

Mendonça Falcão, «esportista» de S. Paulo. Sem educação, sem autoridade, sem categoria para voltar a exercer o cargo de chefe de delegação. Mas é candidato sempre visto com bons olhos pela C. B. D.

Abrahim Thebeth, cartola novo mas já cheio de truques. Ele mesmo pede aos jornalistas que o chamem de «turquinho malandro». É candidato de si mesmo. Mas joga com o prestígio do Bangu.

Sílvio Pacheco foi escolhido para a C. B. D., «para renovar». Mas integrou-se tão bem na situação anterior, que o movimento de renovação agora luta contra êle. Já a frase famosa, definia muito bem a situação da C. B. D. e de Sílvio Pacheco: «não há nada mais conservador do que um revolucionário no poder.»

QUARENTA mil pessoas foram ao Maracanã no domingo assistir à partida Brasil x Peru, eliminatória para a Copa do Mundo, de 1958, na Suécia.

Entre essas quarenta mil pessoas estavam os ansiosos cartolas, eternos turistas do futebol brasileiro. Sofreram, suaram, passaram maus momentos. Mas saíram satisfeitos. Não importa que o futebol brasileiro tenha dado mais uma demonstração de desorganização; não importa que os craques tenham pago mais uma vez pelos erros dos dirigentes; o que importa é que a Suécia está à vista. E isso compensa os cartolas de todos os "sacrifícios", de tôdas as "canseiras", de todo o "desprendimento". Mas vejamos o que aconteceu no Maracanã.

O jôgo estava marcado para as 16.30. Mas às 15.30 o estádio já estava cheio. A Tribuna de Honra então nem se fala. Gente que nunca vai ao Maracanã. Muitos, diga-se de passagem, atraídos pelo noticiário que dava como certa a presença do sr. Juscelino Kubitschek. E a intimidade presidencial, sabeis, é sempre terna e aconchegante. Lá estavam os **contumazes** (com o ministro Gallotti à frente) e os **bissextos** (como o ministro Clóvis Salgado, meio desprestigiado, e que mal conseguiu um lugar agarrado a um corrimão).

Muita demora, hinos dos dois países, formações militares, 67 fotógrafos trabalhando, indo e vindo, documentando atitudes, gestos e fatos que jamais saem publicados.

Esteban Marino (uruguaio) o juiz. Com um passado pouco respeitável, personagem à disposição de qualquer operetta. E como sempre a favor dos donos da casa.

Finalmente começou o jôgo. Logo de início, Gilmar quase engole um frango, numa "gracinha" muito característica. Os peruanos dominam. Os brasileiros como sempre, mesmo em casa, nervosos, e "estudando o adversário".

No ninel, Brandão manda as primeiras instruções. O "pombo correio" é Mário Américo, personagem famoso e central de histórias extraordinárias. O técnico ordena a Nilton Santos para não descer tanto e manda dizer a Didi para penetrar mais.

Dez minutos jogados. Penalidade contra os peruanos. Encostado à área, Didi se prepara. A barreira se agita, se encolhe, se unifica. O criolinho sestroso não se olvera. Caminha para a pelota com aquêle seu jeito de urubu malandro. Apenas encosta o pé na bola. Ela sai fulminante e vai descansar no fundo da rêde. Pouca emoção no estádio, tal a surprêsa do lance. O goleiro peruano parece não compreender que foi gol mesmo e só a muito custo vai buscar a bola. Os jogadores abraçam Didi, já muito acostumado a gols e a manifestações como esta.

Cá fora os cartolas exultam. Vinhais abraça Sílvio Pacheco, Sílvio Pacheco abraça o capitão Leão, o capitão Leão abraça e beija Abrahim Thebeth, Abrahim Thebet dá pulos de satisfação. O "entusiasmo cívico" de todos explode. A Suécia está à vista. O gol de Didi parece o início de uma goleada.

Nova saída. Os peruanos resolvem endurecer o jôgo. Meia hora e ainda continua o 1 x 0 no "placard". Gilmar por duas vêzes quase empata o jôgo, mas a trave salva. Termina o primeiro tempo. Garrincha fêz as suas costumeiras "diabruras". Santos continuou como "o maior do mundo". Índio, Zózimo e Dialma Santos, "os grandes de sempre". Mas os peruanos, humildes e modestos vão resistindo muito bem.

Segundo tempo. A mesma coisa. 45 minutos de sofrimento para a torcida. E principalmente para os turistas. Nenhum

BRASILEIRO

PÉSSIMA EXIBIÇÃO DE NOSSOS CRAQUES ★ 1 X 0 SUADO E COM UM GOL QUASE MÁGICO ★ MARACANÃ QUASE CHEIO ★ TRIBUNA DE HONRA LOTADA ★ SILVIO PACHECO, MENDONÇA FALCÃO, ABRAHIM THEBET E OS OUTROS TURISTAS EXULTARAM ★ VAI COMEÇAR A BRIGA PELA CHEFIA E PELOS OUTROS LUGARES

Reportagem de LUIZ SODRÉ
Fotos de BUENO

gol. Assédio de vez em quando, domínio dos peruanos uma boa parte. A torcida se impacienta. Algumas vaias. Marino (o juiz), também se impacienta, e procura favorecer os brasileiros, mas os jogadores não "colaboram".

Finalmente termina o jôgo. A torcida, fria e quase desinteressada abandona o estádio, e aplaude muito pouco os seus jogadores.

O Brasil está classificado. A nossa ida à Suécia está garantida. Mas isso não é tudo. A desorganização do futebol brasileiro é um fato. Agora já não são apenas os brasileiros que falam. Stábile, Orth e muitas outras autoridades esportivas comentam sôbre nossos defeitos e nossos erros. E advertem com seriedade.

Fizemos alguma coisa para corrigi-los? Nada. Temos 1 ano pela frente. Mas não cuidamos de coisa alguma, a não ser de enviar o máximo de cartolas na delegação. Todos êles já se agitam, passaporte na mão, disputando um lugar. Técnico, médico, jogadores? Isso fica para depois. O importante é selecionar os dirigentes, enviar o maior número possível dêles, pois sua missão será árdua, múltipla e variada. Dêles depende o confôrto, o recreio e o bem estar da delegação. E dêles mesmo.

Dos pés (quase milagrosos) de Didi, surgiu o gol salvador. Se não fôsse êle, os cartolas ainda teriam que ir ao Chile, o que não é do agrado de muitos. E ainda haveria um novo período de sofrimento. Didi salvou a todos.

A VERDADE SURPREENDENTE

JANOT NÃO É O MANDA CHUVA LEGÍTIMO

JUSTIÇA QUE PRECISA SER FEITA A UM CIENTISTA BRASILEIRO ★ VIVE EM ARARAQUARA, MODESTAMENTE, E FOI DESCOBERTO PELA REPORTAGEM DA "REVISTA DA SEMANA" ★ AUTOR DE UM PROCESSO (COM PATENTE REGISTRADA NOS EE. UU.) PARA ILUMINAR LÂMPADAS A DISTÂNCIA, DE FORMA SEGURA E ECONÔMICA ★ ÊLE É O VERDADEIRO E AUTÊNTICO INVENTOR DO PROCESSO DE FABRICAR CHUVAS ARTIFICIALMENTE ★ ARARAQUARA SE PREPARA PARA LANÇAR SUA CANDIDATURA AO PRÊMIO NOBEL

Reportagem de J. EVANGELISTA FERRAZ

EMBORA pouca gente saiba, cabe ao Brasil a glória das primeiras pesquisas sôbre a provocação de chuvas artificiais. E tal fato foi levado a efeito por volta de 1914, quando o médico paulista, de Araraquara, dr. Frederico de Marco cogitou da possibilidade de uma precipitação aquosa artificialmente provocada. Porém, sòmente em 1940 realizou suas experiências iniciais na cascata da Fazenda do Salto Grande, mediante ataques às nuvens com aviões «teco-teco» do Aero Clube de Araraquara. A fim de resolver o difícil problema da sortida isolada contra as nuvens, o cientista brasileiro construiu um singular foguete que continha em seu bojo substâncias combinadas, e que, no ato da explosão, atuam sôbre o vapor aquoso mais do que nas nuvens pròpriamente ditas. Essa mudança de diretriz resultou de estudos realizados sôbre a ação do sódio puro, do iodureto de prata e dos sais radioativos. Com a descoberta do processo de formação de nuvens, Frederico de Marco abriu a possibilidade de instalação de gigantescas usinas de evaporação de água com o fim de promover uma distribuição pluviométrica racional em qualquer latitude.

Disse-nos o dr. Frederico de Marco, explicando a técnica por êle elaborada:

— Ataques isolados às nuvens não satisfazem; já os ataques sucessivos, com substâncias diferentes, são bem mais eficientes. O emprêgo de aviões traz em si numerosos inconvenientes, como, por exemplo, as correntes aéreas e as camadas baro-térmicas elétricas. Por tôdas essas razões, de certo modo insuperáveis, resolvi deixar de lado o avião e procurar um outro meio. Foi quando encontrei a solução no foguete. Êste engenho leva em seu bojo diversas substâncias devidamente combinadas. Tal inversão de ordem técnica apresentou resultados mais práticos e eficientes. Pelo menos o problema da formação de nuvens estava definitivamente solvido; e o nimbo-cumulus deixou de ser indispensável ao passo inicial da experiência. A hora do ataque se reveste de grande importância, uma vez que a pressão barométrica varia durante as vinte e quatro horas do dia, com um ritmo característico para cada zona, como já foi demonstrado pelo professor Fiori Baron, analisando os dados fornecidos pelo professor Alípio Leme, diretor do Observatório Astronômico de São Paulo. Como não dispunha de mecanismos capazes de fazer baixar a pressão atmosférica a fim de favorecer à condensação do vapor aquoso, fui forçado a apelar para essas variações naturais, agindo, naturalmente, nos momentos precisos.

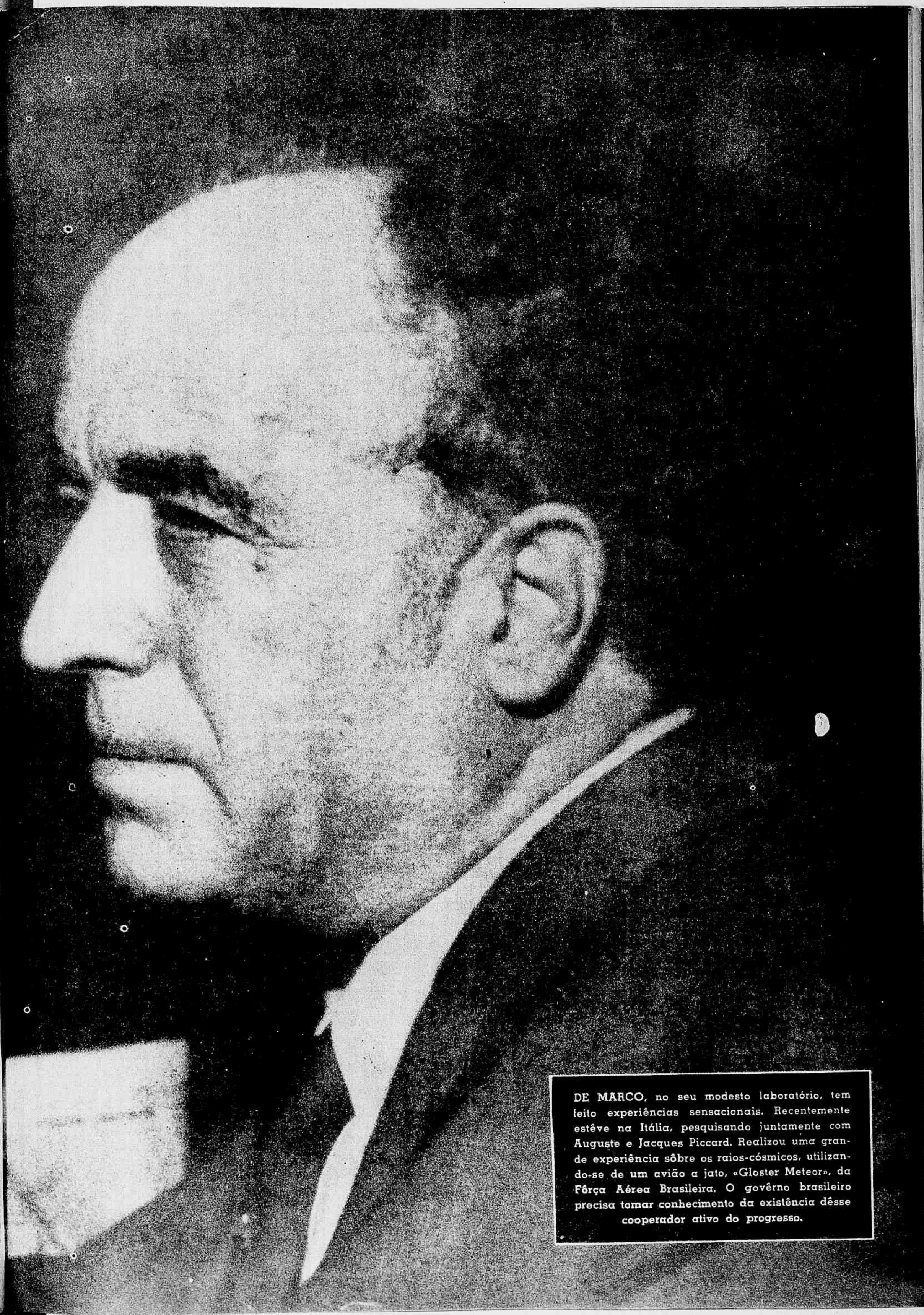
— Já havia, prática e teòricamente, resolvido o problema da chuva artificial — prosseguiu o professor De Marco — quando os norte-americanos, Langmuir e Schaeffer, anunciaram, em fins de 1946, as suas notáveis descobertas, utilizando gêlo sêco e iodeto de prata. Para mim, que realizava pesquisas, isolado, em Araraquara, sem outro estímulo que não a simpatia quase unânime do povo de minha terra, a notícia da descoberta foi um grande alívio, pois que, cientistas de renome universal vieram confirmar o que alguns chamavam de visionarismo. No entanto, algum tempo depois, a marinha norte-americana chamou a si os estudos sôbre a chuva artificial, tornando, assim, esta técnica uma propriedade exclusiva das fôrças armadas e, mais que isto, um segrêdo bélico.

Fato interessante é que, não obstante o dr. Frederico de Marco ser pouco conhecido no Brasil, já recebeu a consagração de inúmeros cientistas estrangeiros. Vejamos, por exemplo, o que a seu respeito disse o famoso meteorologista alemão, professor Pascoal Jordan:

«— Conheço bastante o dr. Frederico de Marco, residente em Araraquara, Brasil, sábio com quem troquei idéias durante longos anos. Não resta a menor dúvida de que se trata de um dos maiores cientistas da América do Sul. Suas pesquisas no campo da precipitação artificial de chuvas, são de extraordinária importância e já encontraram integral reconhecimento. No decorrer das suas experiências sôbre irradiação cósmica, descobriu o cientista brasileiro um fenômeno realmente surpreendente, porém, ainda mistério, mas que mesmo assim causou visível sensação entre os sábios americanos especializados no assunto. Estou convencido de que os seus trabalhos merecem todo o apoio por parte do govêrno do seu país.

Também o famoso professor italiano, Luiz Santomauro, meteorologista do Observatório Astronômico de Brera (Milão), após realizar pesquisas históricas no tocante ao problema da chuva artificial, proclamou a prioridade brasileira, em conferência pronunciada no Instituto Lombardo de Ciências. Facy e Rouleau, meteorologistas franceses reconhecem igualmente que foi o dr. Frederico de Marco o primeiro a realizar pesquisas sôbre o problema. E a própria Fundação Nobel, que encara com grande rigor a seleção de valores, aceitou a documentação que lhe foi enviada relatando os trabalhos levados a efeito pelo já mundialmente conhecido cientista patrício.

De Marco, o «manda-chuva» autêntico do Brasil, aparece na foto, tendo ao lado o modêlo do plúvio-foguete bem como o plano para a pilha cósmica.



DE MARCO, no seu modesto laboratório, tem feito experiências sensacionais. Recentemente estêve na Itália, pesquisando juntamente com Auguste e Jacques Piccard. Realizou uma grande experiência sôbre os raios-cósmicos, utilizando-se de um avião a jato, «Gloster Meteor», da Fôrça Aérea Brasileira. O govêrno brasileiro precisa tomar conhecimento da existência dêsse cooperador ativo do progresso.

A FILHA DO REI DA GRÉCIA

MENIDI (Grécia). A princesa Sofia, filha mais velha do rei da Grécia, inscreveu-se num curso que ensina a educar crianças, fundado há dois anos.

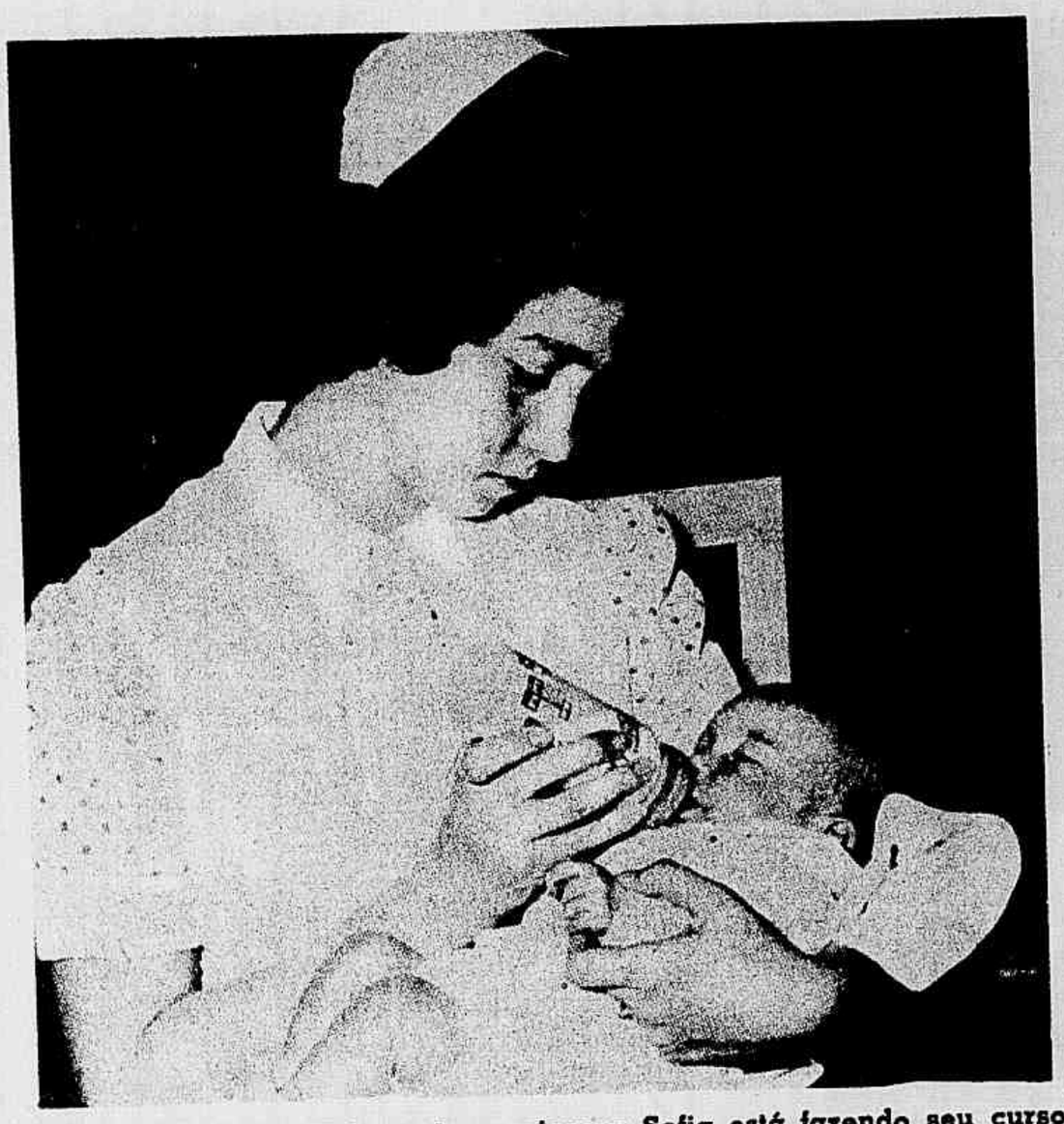
MENIDI (Grécia). Sofia matriculou-se em novembro do ano passado e receberá o diploma de puericultura ao término de dois anos de estudos.

MENIDI (Grécia). A princesa Sofia nasceu em Psichico, perto de Atenas, no dia 2 de novembro de 1938, e desde muito cedo demonstrou uma grande

MENIDI (Grécia). Nestas três fotografias, a princesa Sofia cuida de um dos órfãos recolhidos ao Asilo de Menidi. Sofia, que vem de completar

APRENDE A EDUCAR CRIANÇAS

paixão pelas crianças. Ela própria quis se inscrever no curso de Puericultura. Vemo-la examinando cuidadosamente um dos numerosos órfãos.



MENIDI (Grécia). O Asilo onde a princesa Sofia está fazendo seu curso de puericultura, conta com seis pavilhões, e cada um dêles abriga uma média de doze crianças.

dezoito anos, tem paixão pela arqueologia e matemática, conhecendo diversas línguas estrangeiras. É hábil desenhista e pratica esportes.

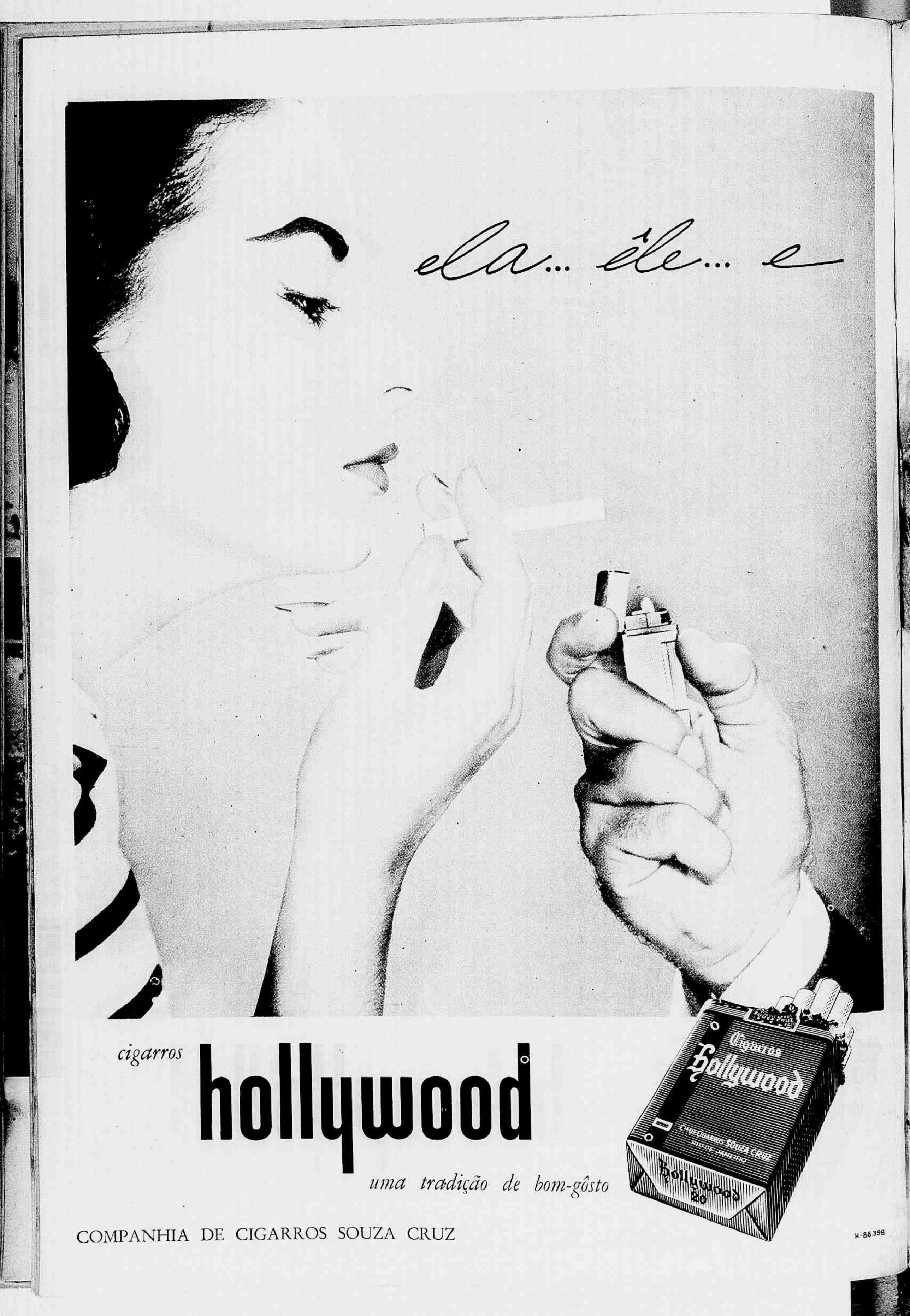
(Grécia). Nesta foto a princesa grega ministra um remédio ao pequeno que se acha em tratamento. Sofia já participou de muitas cerimônias oficiais.

A VOLTA DO GENERAL JUAREZ

● Sem sôco na mesa (diz o "Diário Carioca"), o General Távora voltou ao cartaz, com o lançamento das novas bases da Frente de Renovação Nacional. Sua atual idéia ainda é a mesma: preservar o regime e renovar a democracia. E embora o manifesto seja palavroso e com muita coisa dispensável, o que emana dêle, é a indiscutível seriedade, e o evidente espírito público do general. Necessidade de reformas econômicas, promoção do bem-estar social e defesa do homem que trabalha, eis algumas das soluções propostas pelo general. Tudo isso, diz êle, para evitar que a nossa combalida democracia se transforme numa ditadura comunista.

ESTER DE ABREU

Belíssima flor
brotou da canção,
da terra de sol,
de sol de verão!


ela... êle... e
cigarros
hollywood
uma tradição de bom-gôsto
COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
Cigarros
Hollywood
Hollywood
H-88.398